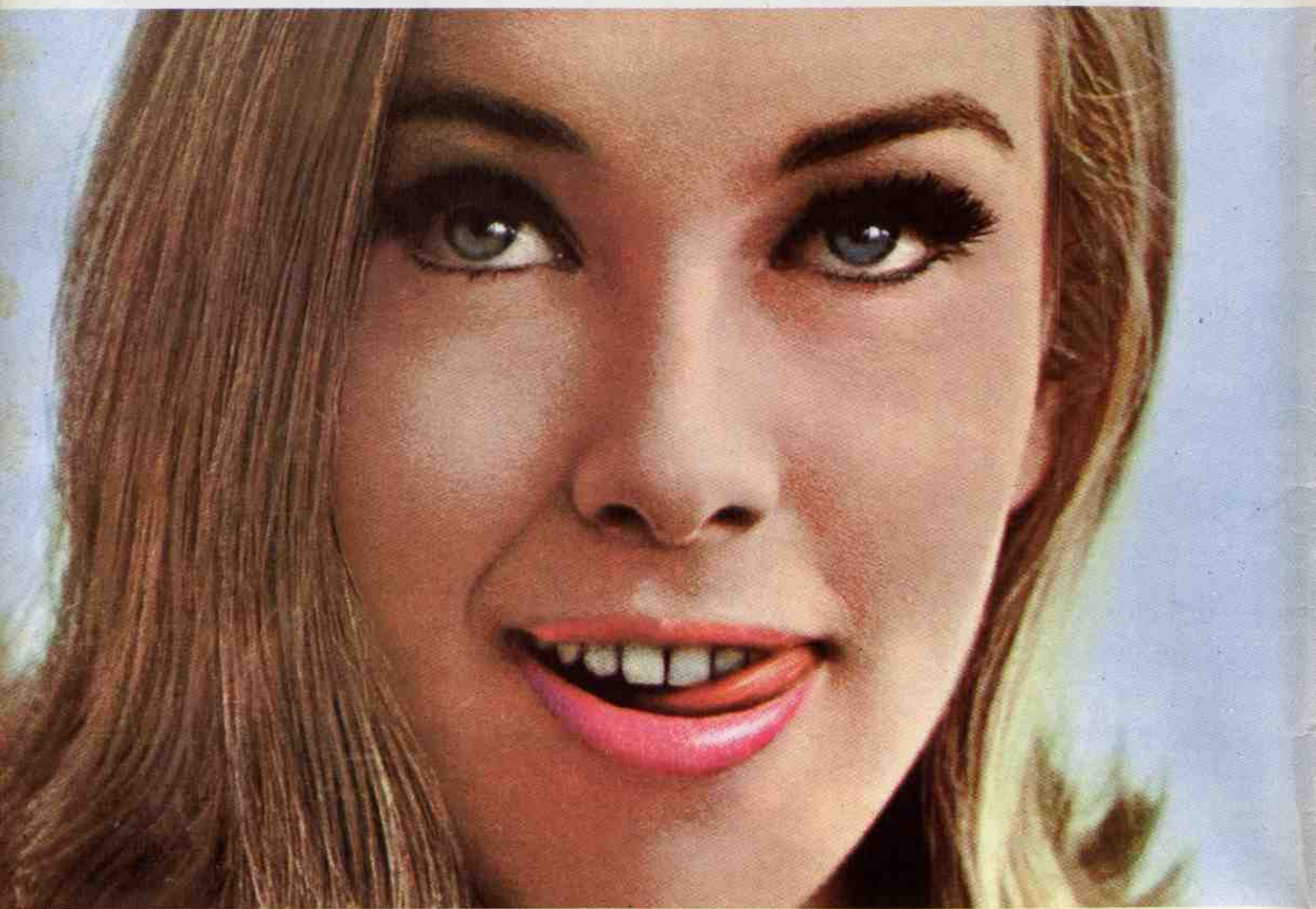
Manchete
NCr$ 1,00 — Cr$ 1.000 • N.º 781 • RIO DE JANEIRO, 8 DE ABRIL DE 1967
maravilhosa
viagem colorida
A SERRA
DO MAR
em côres
O REINO ENCANTADO DE
MONTEIRO
LOBATO
URSS
AS CRIANCAS
NO PODER
sensacional
WILLIAM
MANCHESTER
Como Venci a Batalha
do Meu Livro
LEILA DINIZ
Oh! Que
delícia
de atriz

NÃO... NÃO COMA

O BATON (Êle tem sabor, sim!)

FRUTO PROIBIDO de CUTEX

SURPREENDENTE! BATONS SABOROSOS!
OS PRIMEIROS BATONS COM DELICIOSOS SABORES!

Pinte seus lábios com SABOR LARANJA, gôsto de laranja! Com SABOR CARAMELO, gôsto de caramelo! Com SABOR HORTELÃ, gôsto de hortelã! E quanto ao SABOR CEREJA... Hummm! Batons FRUTO PROIBIDO de CUTEX: maravilhosos como as mulheres que os usam... a maneira mais nova e vibrante de conquistar corações.

FRUTO PROIBIDO — MAIS UM PRODUTO DA POND'S

Manchete

RIO DE JANEIRO,
8 DE ABRIL DE 1967
ANO 14 • N.º 781

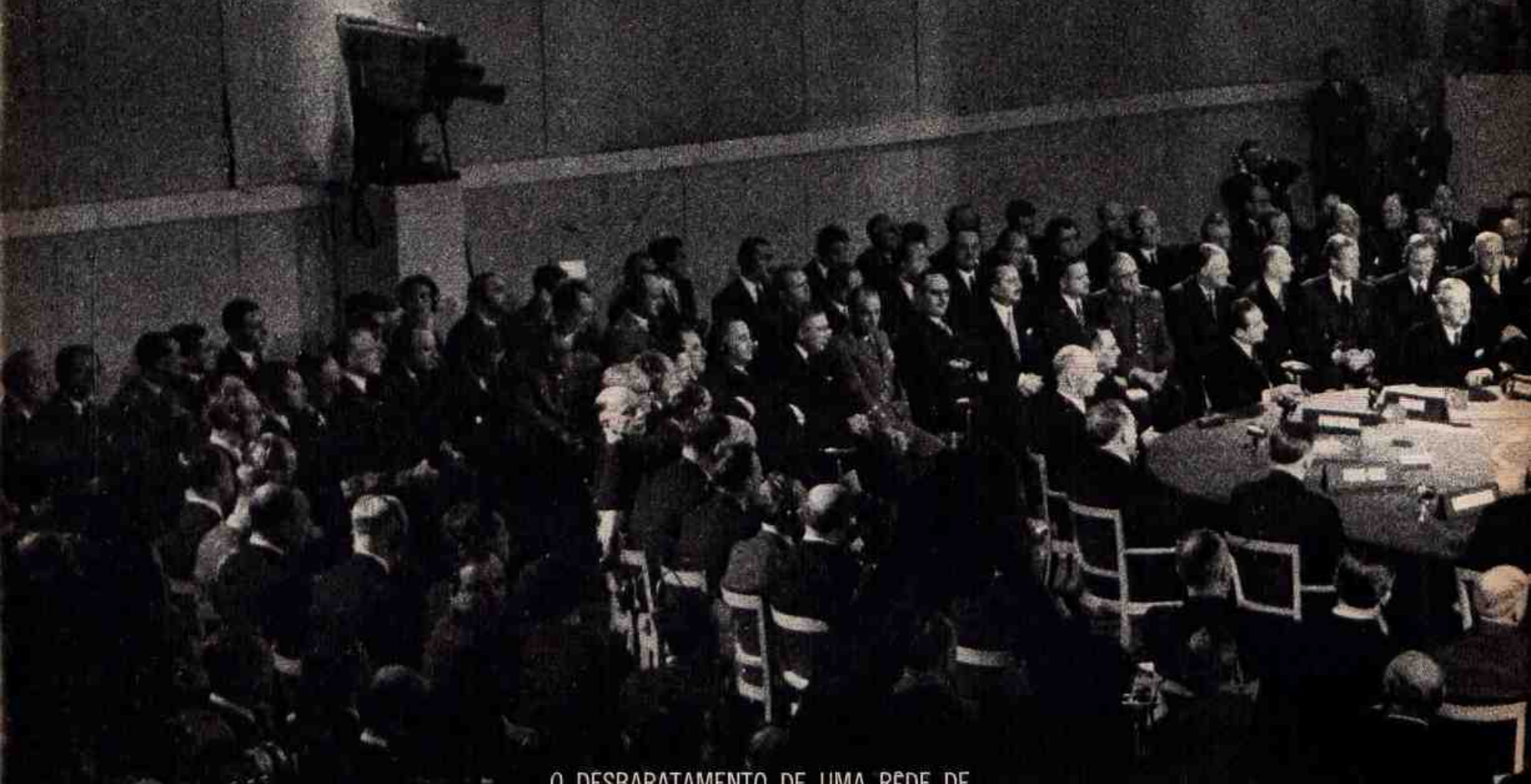
sumário

Nossa capa: Leila Diniz, estrêla do filme **Tôdas as Mulheres do Mundo,** revelação do cinema brasileiro. **(Foto de Antônio Rudge.)**

IMPRESSA E EDITADA POR BLOCH EDITORES S/A — DIRETOR-PRESIDENTE: Adolpho Bloch — DIRETOR-SUPERINTENDENTE: Oscar Bloch Sigelmann — DIRETORES: Pedro Jack Kapeller, H. W. Berliner, Antônio Ferraro e Murilo Melo Filho — DIRETOR-RESPONSÁVEL: Nelson Alves. MANCHETE — DIRETOR: Justino Martins — CHEFE DE REPORTAGEM: Arnaldo Niskier — CHEFE DE REDAÇÃO: Zevi Ghivelder — REDATORES: R. Magalhães Jr., Joel Silveira, José Carlos Oliveira, Maurício Gomes Leite e Alexandre Pires — SECRETÁRIO: Flávio Costa — REPÓRTERES PRINCIPAIS: Mário Martins, Lêdo Ivo, Homero Homem, Ney Bianchi, Roberto Muggiati, Muniz Sodré e Ibrahim Sued — REPÓRTERES: Alberto Shatovsky, Raul Giudicelli, José Rodolpho Câmara, Lausimar Laus, Sérgio Alberto Cunha, Teodoro Barros e Vera Rachel — COLABORADORES: Henrique Pongetti, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Rubem Braga, Pedro Bloch, Claudius, Caio de Freitas, Otto Lara Resende e Carlos Botelho — DEPARTAMENTO FOTOGRÁFICO: SUPERINTENDENTE: Nicolau Drei — CHEFE: Jáder Neves — REPÓRTERES FOTOGRÁFICOS: Gervásio Batista, Gil Pinheiro, Juvenil de Sousa, Carlos Abrunhosa, Felisberto Rogério, Antônio Trindade, Eveline Muskat, Domingos Cavalcanti, Raimundo Costa, Esko Murto, Walter Firmo, Sebastião Barbosa, Antônio Rudge, Tolentino Gomes, Thomas Scheier e Nelson Santos — DEPARTAMENTO DE ARTE: Wilson Passos e Nelson Gonçalves — PRODUÇÃO: Nelson Sampaio — ARQUIVO: Aron Vaisman — DEPARTAMENTO DE CIRCULAÇÃO: Renato Gonçalves de Oliveira — SUCURSAL DE SÃO PAULO: Salomão Schvartzman, Durval Ferreira, Jânio de Freitas Mota, Fúlvio Abramo, Jorge Aguiar, Sérgio Jorge, Armando Bernardes, Mituo Shighara e Zygmunt Haar — SUCURSAL DE BRASÍLIA: Deocleciano Rocha e Roberto Stuckert — SUCURSAL DO RIO GRANDE DO SUL: Sérgio Ross e Jairo Brandebursky — SUCURSAL DO NORDESTE: Fernando Luís Cascudo, Caio Sousa Leão e Alexandrino Rocha — SUCURSAL DE MINAS GERAIS: Manuel Hygino dos Santos e Manuel Luís Caldas — CORRESPONDENTES NO BRASIL: PARÁ: Oswaldo Mendes; CEARÁ: Ezaclir Aragão; RIO GRANDE DO NORTE: Cassiano Arruda Câmara; PARANÁ: Geraldo Russi — SUCURSAIS NO EXTERIOR: NOVA IORQUE: Roberto Garcia e Maria Almenara — PARIS: Niúra Klemm — CORRESPONDENTES NO EXTERIOR: ROMA: Sérgio Spinelli; ALEMANHA: Flávio Paulo Meurer; ESPANHA: Emílio Fonta; TCHECOSLOVÁQUIA: Joseph Volarik; URUGUAI: Sara Tinsky; ARGENTINA: Jorge Lipschitz e Italo Sanni; CHILE: De Abreu; PERU: Manuel Olivari — DEPARTAMENTO DE PUBLICIDADE: DIRETOR: Dirceu Tôrres Nascimento — GERENTE-GERAL: Francisco Augusto Nascimento — GERENTE-RIO: Luiz Fernando Veiga — GERENTE-SÃO PAULO: Salviano Nogueira — GERENTE-RIO GRANDE DO SUL: Kleber Buhr — REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Rua Frei Caneca, 511 — Tels.: 32-4359 e 31-3965 — Rio (GB) — PARQUE GRÁFICO: Rua Cordovil, 520 — Tel.: 30-0666 e CETEL (06) 91-0020 — SUCURSAL DE SÃO PAULO: Rua 24 de Maio, 35, 11.º andar, salas 1.101/5 — Tels.: 36-9998, 33-5810, 36-4593, 33-9383 e 37-7484 (SP) — SUCURSAL DE BRASÍLIA: Setor de Indústrias Gráficas, lotes 905/975 — Tel.: 2-8266 (DF) — SUCURSAL DO RIO GRANDE DO SUL: Rua Senhor dos Passos, 235, loja 5 — Tel.: 47-44 — Pôrto Alegre (RS) — SUCURSAL DO NORDESTE: Av. Conde de Boa Vista, 85, 12.º andar — Tel.: 26-807 — Recife (PE) — SUCURSAL DE MINAS GERAIS: Av. Augusto de Lima, 225, sobreloja 37 — Belo Horizonte (MG) — SUCURSAL DE NOVA IORQUE: 245 East 63rd Street, ap. 30-D — Tels.: 421-9183 e 421-9191 — Telex: Manchete New York, 421918 — SUCURSAL DE PARIS: 12 Av. Montaigne 2ème étage — Tel.: Balzac 84-66 — DISTRIBUIÇÃO: Distribuidora de Imprensa Ltda., Rua do Senado, 192-A — Tel.: 22-8817 — Rio de Janeiro — GB.

IMPRESSA COM TINTAS BLOCH COLOR S.A.

CONVERSA COM O LEITOR • Dizem que fazer um filme é escrever com a câmara. Neste caso, quem será o verdadeiro autor do filme? O diretor? O autor do argumento? O montador? Ou o câmara-man? O famoso cenarista francês Henri Jeanson, assim como o seu colega italiano Césare Zavattini costumam afirmar que o roteiro vale 80% do filme. Já Orson Welles, Godard e Chaplin se consideram incapazes de rodar uma história que não tenha sido escrita por êles mesmos. E Hitchcock chega a arriscar: "Dêem-me qualquer enrêdo, qualquer equipe técnica e quaisquer atôres e eu farei o público vibrar com o *meu filme.*" Esta semana, tivemos no Rio Harriet Anderson, uma das maiores estrêlas do cinema mundial e atriz de muitas películas do personalíssimo cineasta sueco Ingmar Bergman. Eis o que ela nos disse: "Quem faz o filme são os seus intérpretes. Se não fôr assim, porque os produtores nos pagam dez vêzes mais que aos diretores e técnicos?" Essa mesma controvérsia poderia existir no que toca a uma reportagem como *Aqui Começa a Serra do Mar*, que publicamos neste número. Quem é o seu autor? O fotógrafo que palmilhou e sobrevoou milhares de quilômetros da nossa maior cadeia de montanhas para obter as suas imagens? O repórter que vasculhou bibliotecas e ouviu especialistas, além de observar tôda a serra durante meses para conhecê-la a fundo? O redator que escreveu os textos e legendas definitivos? Ou o paginador que selecionou algumas fotos, dentre centenas, para *contar* a serra do Mar? Como se vê, disto tudo sobram apenas duas verdades: primeiro, não há nada mais parecido com um filme do que um número de revista tipo MANCHETE; segundo, ambos — filme e revista — são obras de equipes numerosas em que todos os elementos se conjugam para um resultado comum. E, depois, o público julga: está bom, está ruim. Quase nunca se indaga: "Quem fêz?"

JUSTINO MARTINS

O. DESBARATAMENTO DE UMA RÊDE DE ESPIONAGEM INTEGRADA POR FUNCIONÁRIOS DA ORGANIZAÇÃO DO TRATADO DO ATLÂNTICO NORTE COLOCA EM PÂNICO OS CHEFES MILITARES DE QUINZE PAÍSES

OTAN ▯ 300 ESPIÕES AMEAÇAM O OCIDENTE

Texto de ***JEAN-PAUL LAGARRIDE***

COM o desbaratamento, na semana passada, de uma vasta rêde de espionagem, da qual participavam centenas de funcionários da OTAN, o mundo ocidental se pergunta, entre atônito e aflito: até que ponto o seu sistema de segurança está comprometido diante da ação cada vez mais ativa dos espiões a serviço da União Soviética? Em Washington, já se sugere, oficiosamente, a necessidade de os quadros da Organização do Tratado do Atlântico Norte sofrerem drástica depuração, visando a expurgá-los de todos os elementos suspeitos de trabalharem, por dinheiro ou por convicção ideológica, para os russos. A recente descoberta, em Roma, dessa importante rêde de espionagem, tendo à frente um ex-campeão de pára-quedismo italiano, fêz com que fôssem pràticamente paralisados todos os serviços burocráticos da Organização, em Paris, Roma, Londres e Bonn, ao mesmo tempo que se multiplicavam todos os poderosos meios de defesa que cercam as bases norte-americanas nos países europeus.

Quinze nações (14 européias e mais os Estados Unidos) se reúnem em tôrno da mesa-redonda da OTAN. A sede da Organização, que era em Paris, transferiu-se meses atrás, por imposição de De Gaulle, para os arredores de Bruxelas, na Bélgica.

A rêde de espionagem comandada na Europa por Giorgio Rinaldi e sua mulher foi desarticulada, mas o seu chefe principal, um norte-americano do qual só se conhece o nome de código, ainda não foi descoberto

Sabe-se, agora, que pelo menos trezentos funcionários da OTAN faziam parte da organização secreta chefiada na Europa pelo italiano Giorgio Rinaldi, antigo campeão de pára-quedismo, por sua mulher, Maria Antoniola, antiquária e pintora conhecida em Turim, e o chofer de ambos, Antoine Girard. Foi o próprio Rinaldi quem forneceu à polícia italiana a lista completa dos componentes da extensa rêde, a maior já desbaratada na Europa desde o fim da guerra, e cujo raio de ação abrangia o Norte da Europa, todo o Mediterrâneo e também os Estados Unidos. Apesar de estar sendo vigiado há mais de cinco anos, sòmente no dia 22 de março último é que o trio de espiões foi detido, poucas horas após a prisão de Iúri Pavlenko, adido à embaixada soviética em Roma, a quem os Rinaldi acabavam de passar secretíssimas informações sôbre as bases americanas na Espanha.

Logo após a detenção de Giorgio Rinaldi, Maria Antoniola e Antoine Girard, a polícia italiana apressou-se em informar os serviços de contra-espionagem dos países nos quais vinha agindo a numerosa rêde: França, Espanha, Grécia, Turquia, Marrocos, Chipre e Estados Unidos. Em todos os países citados já foram feitas dezenas de prisões — particularmente na Itália e na Espanha, onde a rêde parece ter os seus quartéis-generais. Ao mesmo tempo, Iúri Pavlenko, o diplomata soviético, era considerado **persona non grata** pelo govêrno italiano e expulso do país, em companhia da mulher e do filho menor. A prisão de Pavlenko deu-se em plena Via Aurélia, em Roma, no instante exato em que, no meio da noite e com a ajuda de uma lanterna, êle recolhia numa árvore daquela artéria — escondidas no tronco — as informações que Rinaldi, como costumava fazer pelo menos uma vez por semana, ali deixara momentos antes.

Na qualidade de instrutor de pára-quedistas, Giorgio Rinaldi acabou obtendo acesso fácil às bases aéreas da OTAN espalhadas principalmente pela França, Alemanha Ocidental, Espanha, Itália e Grécia. As primeiras suspeitas a seu respeito foram motivadas pela repentina mudança no seu padrão de vida, o que se verificou cinco anos atrás, de quando também data a sua aproximação com elementos da embaixada da URSS em Roma. Ás do pára-quedismo (êle foi o primeiro a introduzir na Itália a técnica da "queda livre", lançada pelo francês Leo Valentin), Rinaldi levava uma vida afligida pelos compromissos financeiros, tendo sido levado, inclusive, diante dos tribunais italianos por dívidas não saldadas. Repentinamente, Rinaldi satisfaz todos os débitos, passou a morar em luxuosos apartamentos e **vilas** em Turim e Roma, deslocando-se constantemente da Itália para os países vizinhos.

O início de sua misteriosa prosperidade coincide também com a época em que sua mulher, Maria-Ângela Antoniola, até então conhecida apenas como pintora de recursos limitados, adquiriu uma famosa loja de antiguidades — a Bottega del Legno — instalada num castelo medieval na periferia de Turim, considerada a cidade de mais alto **standard** de vida de tôda a Itália. Sua loja vendia principalmente objetos de arte em madeira e ferro fundido, proveniente a maior parte da Espanha. Dizendo-se condêssa, Maria Antoniola na verdade fôra uma fascista militante, quando da ditadura de Benito Mussolini, e se notabilizara, após a guerra, como exaltada neofascista ligada à extrema direita italiana.

Ao ser interrogada pela polícia, Maria Antoniola revelou que havia traído e espionado a favor da URSS por ideal — o que significa dizer que o seu "ideal", saltando do neofascismo de ontem para a russofilia de hoje, sofreu uma mudança de 180 graus.

O coronel sueco Stig Wennerstrom, conhecido como "o espião dos espiões", durante anos forneceu segredos da OTAN, onde ocupava cargo importante, tanto aos russos, como aos americanos. Era um "agente duplo".

Foi na sua casa de antiguidades que a polícia apreendeu a lista contendo os nomes de todos os agentes da organização, centenas dêles, das mais diferentes nacionalidades, inclusive norte-americanos. Giorgio Rinaldi, Maria-Ângela Antoniola e Antoine Girard fizeram longa confissão, dando todos os detalhes e nomes ligados à rêde da qual faziam parte como elementos de destaque. Entre as inúmeras revelações recolhidas pela polícia, a mais importante é a que diz respeito a um tal Virba Joe de nacionalidade norte-americana (òbviamente um pseudônimo), que Rinaldi aponta como o chefe principal da organização. Antes de assumir o comando da rêde na Europa, Rinaldi passou vários meses na URSS, onde lhe foi ministrado um curso completo de espionagem. A polícia reuniu as provas definitivas contra o instrutor, a mulher e o chofer quando êles tentavam seguir os passos da filha de Stálin, Svetlana, durante sua curta permanência em Roma, de passagem para a Suíça, onde se encontra asilada. As autoridades informaram ainda que os espiões possuíam uma série de esconderijos — não só em Turim, mas também em Milão, Roma e Nápoles — onde eram trocadas as mensagens. Um dêles localizava-se no jardim zoológico de Turim; um outro, nas árvores da Via Aurélia, em Roma, diante de uma das quais foi detido Iúri Pavlenko, no instante mesmo em que recolhia um dos microfilmes que Rinaldi lhe fornecia regularmente.

Pela sua extensão e pela quantidade de elementos nela implicados — alguns dêles funcionários da OTAN com cargos de direção — a rêde agora desbaratada parece ser mais importante do que a chefiada pelo coronel sueco Stig Wennerstrom, o chamado "espiões dos espiões", prêso e condenado três anos atrás. Desde 1946, valendo-se da qualidade de adido aeronáutico do seu país em Moscou e Washington, êste militar, vinha fornecendo aos soviéticos importantes segredos estratégicos referentes aos países integrantes da Organização do Tratado do Atlântico Norte. No caso de Wennerstrom, tratava-se, ao contrário do que acontece agora com Rinaldi, Girard e Maria-Ângela Antoniola, de um "agente duplo", que passava indiferentemente informações a soviéticos e americanos, dependendo apenas de quem lhe pagasse mais. Mais só um homem de rara habilidade — como era o caso do coronel da Fôrça Aérea Sueca — e de extraordinário poder de dissimulação poderia ter trabalhado durante tanto tempo — mais de dez anos — como agente duplo sem despertar suspeitas.

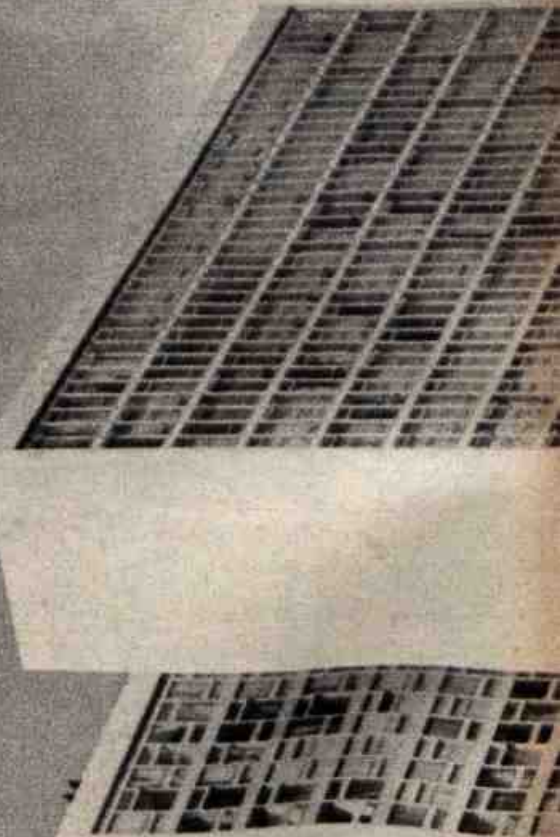
Outro espião famoso, George Pâques, também foi o responsável pelo desvio de importantíssimas informações secretas, que subtraiu da OTAN, onde era alto funcionário, e passou às mãos dos soviéticos. Diretor-adjunto desde 1962 dos serviços de imprensa do Pacto do Atlântico Norte, Pâques só foi desmascarado três anos depois, ao ser surpreendido quando deixava uma pasta sôbre a mesa de um bar, em Paris, enquanto ia ao lavatório. Um homem que se sentava numa cadeira ao lado foi prêso no instante em que tentava trocar a pasta de Pâques pela sua, do mesmo feitio e tamanho. Um agente da DST francesa — antigo **Deuxième Bureau** — percebeu tôda a manobra. Voltando ao escritório, correu a observar as fotografias de pessoas que ocupavam posições adjuntas à segurança nacional e que poderiam parecer suspeitas. E entre as fotos, foi fácil identificar a de George Pâques. Três dias depois, George Pâques era prêso, tendo confessado a sua qualidade de espião a serviço dos soviéticos. Mas no caso de Pâques, não se tratava de "idealismo", mas simplesmente de gôsto exagerado pelos prazeres da vida — entre os quais se incluíam a mulher, ruiva e elegante, e a amante, jovem e loura.

As bases da OTAN na Europa sofrem o assédio permanente dos espiões. Giorgio Rinaldi, ex-campeão de pára-quedismo, sabia tudo a seu respeito.

As duas fotos, tiradas com teleobjetiva pela polícia francesa documentam o encontro do francês George Pâques, alto funcionário da OTAN, com um diplomata soviético, ao qual vendia segredos militares.

Nos primeiros quinze dias começam a definir-se as tendências do nôvo govêrno. Mas ainda se pergunta

PARA ONDE VAI COSTA E SILVA?

PARA ONDE VAI COSTA E SILVA? TRANSCORRIDOS OS PRIMEIROS QUINZE DIAS DO SEU GOVERNO, JÁ É POSSÍVEL PERCEBER O RUMO QUE O NÔVO PRESIDENTE VAI IMPRIMIR AOS QUATRO ANOS DE MANDATO. NA FORMA E NO ESTILO PESSOAIS, JÁ MOSTROU QUE QUER SER O ANTICASTELO: UM HOMEM DE GOVERNO SIMPLES E COMUM, **A FIM DE ESVAZIAR A FIGURA PRESIDENCIAL DAQUELE TOM PERSONALÍSSIMO DE COMANDO E DE AUTORIDADE**, QUE SEU ANTECESSOR IMPRIMIU AO CARGO. CASTELO BRANCO ERA A DUREZA, A CHEFIA ABSOLUTA, A DECISÃO INAPELÁVEL, A INTRANSIGÊNCIA, A LIDERANÇA ÚNICA, A RIGIDEZ E A TENSÃO. COSTA E SILVA É A CONCILIAÇÃO, O COMANDO DESCENTRALIZADO, O DIÁLOGO, A ORDEM DESCONTRAÍDA, O RITMO TRANQÜILO, A EQUIPE IMPESSOAL E A PLACIDEZ.

Texto de MURILO MELO FILHO • Foto de JÁDER NEVES

Na diferença dêsse comportamento individual, **será possível entender a diferenciação entre os dois tipos de govêrno:** o que terminou e o que está começando.

1 **Na área econômico-financeira,** a administração terá como característica, em vez de um estatismo centralizador e absorvente, **a delegação de podêres fiscalizados e bem distribuídos.** É que ao planejador Roberto Campos sucedeu o administrador Hélio Beltrão. Um transferiu ao Estado várias das missões antes confiadas aos empresários. O outro vai reconquistar para a emprêsa privada aquela dosagem de iniciativa e de ousadia que o govêrno suprimiu nos últimos 36 meses.

A atmosfera reinante na indústria é **de alívio e de euforia, justificados ou não.** Pesam ainda sôbre ela os gravames de uma catadupa de decretos, impostos, proibições, regulamentos, leis, ônus fiscais, retração de crédito, falta de capital de giro, descapitalização, leis sociais, exigências e impedimentos. Para ela, o caldeirão ainda não foi destampado, nem se lhe abriram as válvulas de escape, por onde possa salvar-se de iminente bancarrota.

A diversidade de perspectivas podia ser vislumbrada naquela foto da posse do nôvo ministro da Fazenda. O que saía estava sério, apreensivo, encanecido, ascético, magro, preocupado e triste, **falando em sacrifícios e privações.** O que entrava exibia despreocupação, fartura, cabelos prêtos, bonomia, rosto aberto, **falando em prosperidade e dias melhores.** Em vez de intervencionismo, o nôvo govêrno conta com a imaginação e a inteligência do empresário para impulsionar o ritmo do desenvolvimento, sem a onipresença do poder público.

2 **No setor da política externa,** a novidade da presença de um político mineiro e financista à frente do Itamarati pode representar a nota de maior criatividade dos próximos meses: **uma diplomacia de natureza econômica e comercial,** para ampliar as áreas de intercâmbio, amenizar as eventuais zonas de fricção, restaurar uma atitude de maior independência em relação aos Estados Unidos e impor uma liderança continental na parte sul do Hemisfério, dentro de condicionantes que já devem ser conhecidas no próximo encontro dos presidentes americanos em Punta del Este.

O Chanceler Magalhães Pinto está colocando o seu Ministério a serviço da política desenvolvimentista do govêrno, numa tentativa de conquistar uma hegemonia nos últimos três anos, inteiramente absorvida pelo superministro, Sr. Roberto Campos. Todo o instrumental já existe no Itamarati pela própria dinâmica dos seus quadros, **que o nôvo titular pretende usar na ampliação dos veículos externos de financiamento dos nossos projetos básicos.**

Encontra êle o crédito brasileiro completamente restaurado no exterior, por uma política monetarista que realmente consolidou as cotações do cruzeiro, pagou as dívidas e ainda entesourou quase 1 bilhão de dólares, 100 milhões dos quais utilizados na compra de títulos do Tesouro americano. Encontra ainda as linhas de crédito externo plenamente desimpedidas por convênios e acôrdos firmados pelo seu antecessor.

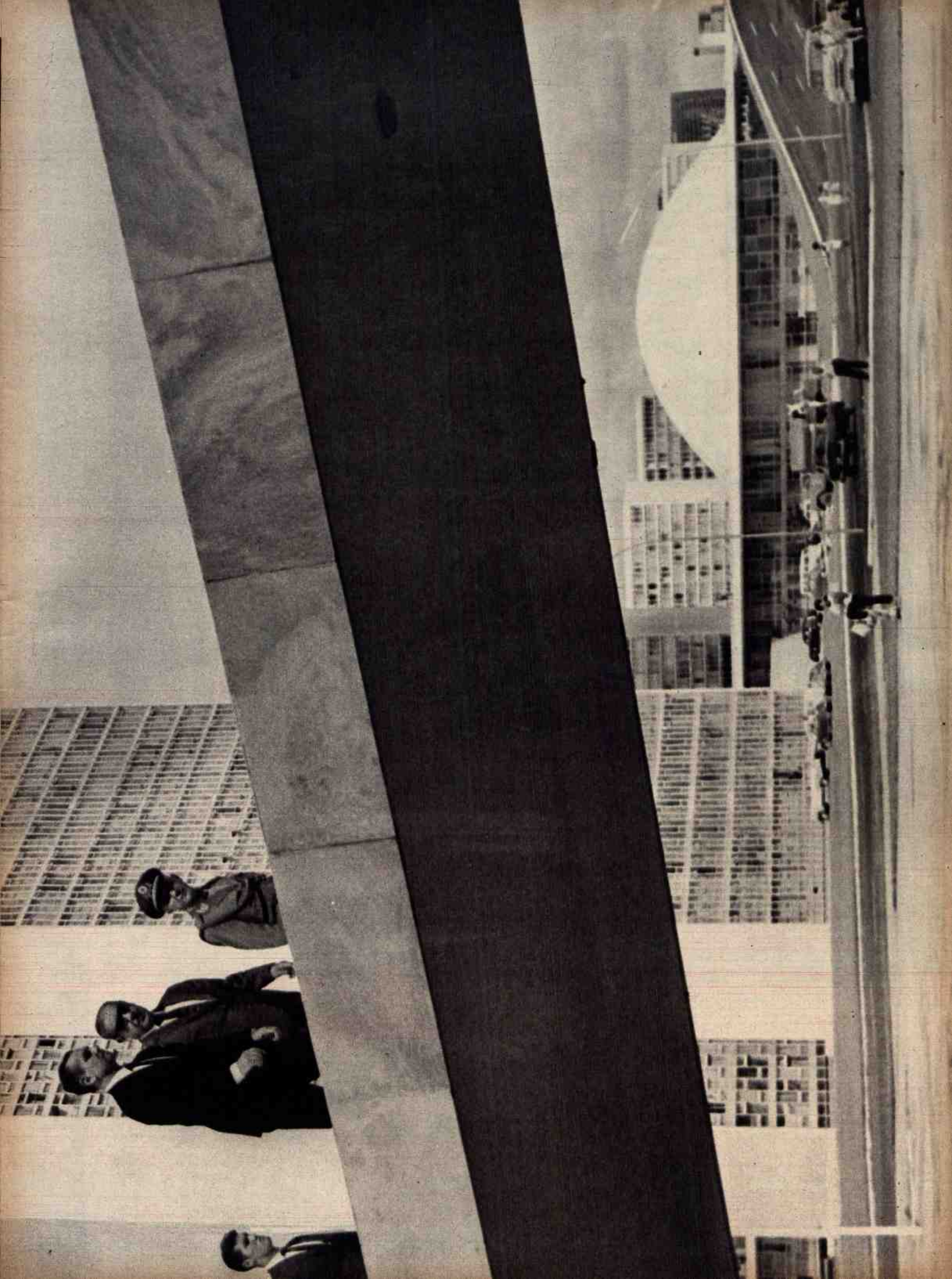
Pode então partir para um esquema agressivo de alargamento de tôdas essas faixas, visando à conquista de investimentos privados e de novos créditos das instituições financeiras.

3 **O setor sindical** começa a ser ventilado por uma aragem de liberalismo e de boa vontade para restaurar o diálogo com os líderes sindicais e com os trabalhadores **que se disponham a reabrir os seus órgãos de classe sem ameaças de subversão.** O Ministro Jarbas Passarinho até parece estar avançando demais o sinal e sua agressividade já está preocupando certos setores militares, que não vêem com bons olhos uma orientação considerada de natureza populista. Indiferente a essas resistências e reações, o ministro do Trabalho aprofunda a sua cunha na retaguarda do movimento trabalhista e sindical, **numa tentativa concreta para preencher o vazio aberto pelas cassações.**

Sua primeira demonstração de boa vontade consumou-se com a readmissão de milhares de interinos, exonerados nos últimos dias do govêrno anterior. Êles agora estão felizes com o retôrno a seus modestos empregos.

4 **No terreno das minas e energia,** foi colocado um coronel particularmente afinado com a linha dura e com um nacionalismo de tipo nasserista, **que tem idéias próprias sôbre o contrôle do subsolo** no campo minado das riquezas minerais e energéticas. A diretriz anterior tem sido considerada como de concessões excessivas, que precisam agora ser controladas e reduzidas a proporções menores.

São evidentes as responsabilidades e riscos da nova equipe dirigente. **Ela tem sôbre os ombros a obrigação da continuidade revolucionária,** mas sabe também que precisa atenuar o rigorismo dos contrôles a fim de criar, dentro e fora do país, a imagem de uma nação que começa a reencontrar-se, após os duros e implacáveis expurgos, em que tantas injustiças foram cometidas.

Testes difíceis terá essa equipe de enfrentar nos próximos meses, quando, por exemplo, entre outras coisas, **alguns exilados começarem** a retornar ao país para testar as verdadeiras intenções do nôvo govêrno. Pressionado entre os interêsses da sobrevivência do 31 de Março e as tendências liberais de muitos dos seus ministros, o Marechal Costa e Silva, instalado em Brasília, começa a definir-se nestes seus primeiros dias de mandato. É cedo, talvez, para se saber, ao certo, para onde êle vai. Mas já parece claro que não vai no rumo seguido por seu antecessor.

Desesperada, a Sra. Alzira Ribeiro contempla a igreja destruída, dentro da qual estavam seu órgão elétrico e centenas de partituras.

INAUGURADA HÁ 250 ANOS, A IGREJA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO CONTINHA PRECIOSOS DOCUMENTOS HISTÓRICOS

INCÊNDIO NO RIO ANTIGO

Um quarteirão inteiro do Rio antigo desapareceu em chamas. Os bombeiros (emb.) nada puderam fazer.

Fotos de
EVELINE MUSKAT e MOACYR GOMES

"JÁ QUE É PARA O BEM DE TODOS E FELICIDADE GERAL DA NAÇÃO, DIGA AO POVO QUE FICO." COM ESTAS PALAVRAS CÉLEBRES, DOM PEDRO I RESPONDEU, EM 1822, A UMA PETIÇÃO ASSINADA POR OITO MIL SÚDITOS, NO INTERIOR DA Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Prêtos, situada no centro da cidade do Rio de Janeiro. Inaugurada em 1713 na Rua Uruguaiana, antiga Rua da Vala, a igreja foi também o local escolhido pelos abolicionistas para o histórico movimento que culminou com a assinatura da Lei Áurea e a Proclamação da República. Na madrugada de sábado passado, um terrível incêndio destruiu totalmente o templo, transformando em cinzas os documentos de incalculável valor que estavam em seus arquivos. O fogo começou num bar e ràpidamente se alastrou pelos prédios vizinhos, arrasando, em pouco tempo, um quarteirão situado entre duas ruas, um beco e uma praça. Foi um dos maiores incêndios jamais ocorridos no Estado da Guanabara. Não houve vítimas.

Manchete

Nas praias atlânticas da Bretanha francesa, milhares de curiosos viram o mar retroceder 10 quilômetros

A MARÉ DO SÉCULO

Segunda-feira passada, 27 de março, dezenas de milhares de turistas demandaram as costas da Bretanha e da Normandia. Nesse dia, nas praias atlânticas da França, ocorreu um fenômeno raríssimo e espetacular. Em poucas horas, o mar retrocedeu 10 km. Êsse acontecimento foi justamente batizado de Maré do Século.

Dez quilômetros de leito oceânico se ofereceram, assim, à curiosidade de cientistas, pescadores e colecionadores de emoções raras. Rochas e areias, barcos naufragados, cidades antigas encobertas pelas águas, tudo apareceu ao ar livre. Os geólogos puderam, então, estudar trechos de costa que antes só podiam examinar por meio de sondagem, em embarcações especiais. Nas poças, a maré baixa deixou cardumes inteiros, que os pescadores apanharam com as mãos. Da história recente, todos esperavam uma recordação privilegiada, com a visão do cemitério de barcos de Arromanches, onde muitos navios aliados foram afundados no Dia D, durante a invasão da Normandia.

O fluxo e refluxo da maré são provocados pela atração combinada do Sol e da Lua. Quem freqüenta as praias do Atlântico, da Mancha ou do mar do Norte, já se habituou a êsse acontecimento diário. No caso excepcional da Maré do Século, no entanto, numerosos perigos ameaçam os curiosos. Dois dias antes do afastamento do mar, o serviço hidrográfico da Marinha francesa advertiu aos imprudentes que, em algumas regiões, o mar regressaria às suas margens tradicionais a uma velocidade de 30 quilômetros, semelhante a um cavalo a todo galope. Quem estivesse na frente seria literalmente esmigalhado.

Do monte Saint-Michel é que a grande maré foi vista em tôda a sua plenitude. Nêle, como um mirante incomparável, ergue-se uma das maravilhas do mundo: a Abadia de Saint-Michel, cuja origem remonta ao século VIII, quando o Arcanjo Miguel apareceu ao Bispo Uberto, ordenando-lhe que construísse um oratório sôbre o monte Tombe. O edifício, gigantesco e arrojado, custou séculos de trabalho. O côro da capela, apoiado numa cripta carolíngia, só ficou pronto em 1521. A rocha sôbre a qual foi erguida a Abadia tem novecentos metros de circunferência e oitenta de altura. Ela surge bruscamente de uma planura infinita de areia, que se cobre tôda de água durante as marés altas e que, em muitos pontos, é movediça e portanto perigosíssima. De sua tôrre central, ao pôr-do-sol, descortina-se um espetáculo indescritivelmente belo. A França comemorou intensamente o milenário da Abadia, de setembro de 1965 a outubro de 1966.

A Maré do Século provocou uma tragédia tristemente poética. A jovem Chantal, que nasceu e cresceu na ensolarada Provence, foi morar no outro lado do mar, nas Costas do Norte, depois de se apaixonar por um belo pescador, com o qual se casou. Isto aconteceu há alguns anos. Desde então, enquanto o marido estava em alto mar, Chantal passou a percorrer as landes melancólicas da Bretanha, procurando inùtilmente algum recanto que lhe recordasse a paisagem de sol e o canto das cigarras, de que tinha imensa saudade. E a cada dia, cada vez mais triste, ela só encontrava consôlo na contemplação do próprio mar, único elemento que se assemelhava um pouco ao seu Mediterrâneo natal.

Quando viu o mar afastar-se 10 quilômetros, ela teve a impressão de que até mesmo as águas a abandonavam ao seu exílio cinzento. Aquilo lhe pareceu insuportável. De pé, na areia, com os olhos fascinados pela linha das águas que recuava sempre e sempre, a pobre Chantal desmaiou. Seu marido encontrou-a desfalecida, levando-a a um médico. Êste logo conseguiu fazê-la voltar a si, mas nesse instante verificou que a môça havia enlouquecido.

— O mar... O mar foi embora — murmurava ela dolorosamente. — O mar foi embora para a Provence...

Quando as águas finalmente regressaram, o marido conduziu-a à praia e tentou convencê-la de que tudo estava como antes. Mas ela não quis saber de nada. Para ela, nunca mais haverá maré.

Os franceses fizeram piquenique na Normandia, onde os navios afundados no Dia D, durante a guerra, iam reaparecer. À direita: o monte de Saint-Michel, mirante privilegiado para a Maré do Século.

DE CABELOS BEM CURTOS, VESTIDO DE ALGODÃO ESTAMPADO, ÓCULOS ESCUROS E CARA LAVADA, ELA DESCEU NO RIO SEM RETOQUES E SEM VEDETISMO. HARRIET ANDERSSON NÃO É UMA ATRIZ COMO AS OUTRAS: SUA IMAGEM É A DA MULHER DECIDIDA, COM PERSONALIDADE MARCANTE, COERENTE E LÚCIDA. O PÚBLICO BRASILEIRO SE ACOSTUMOU COM HARRIET ATRAVÉS DOS FILMES DE INGMAR BERGMAN, E AGORA PODE NOTAR, DIRETAMENTE, QUE NA VIDA REAL ELA PROLONGA SEU TIPO DE PERSONAGEM ADMIRADO NO MUNDO INTEIRO: A MULHER FORTE, SEMPRE EM ALIANÇA COM A NATUREZA, MUITO ALEGRE E DE SENTIMENTOS FRANCOS. UMA SUECA NEM MUITO ALTA NEM LOURA, PARA VARIAR. QUE FALA DO AMOR SEM FICAR VERMELHA. BONITA, DE PELE BEM LISA, APESAR DA IDADE (QUE ELA CONFESSA SEM MEDO: 35 ANOS). E MUITO SIMPLES PARA DESCER NO GALEÃO DE TAMANCOS.

HARRIET
UMA SUECA VISTA DE PERTO

Reportagem de LUZIA PELTIER ● Fotos de PAULO SCHEUNSTUHL

Harriet Andersson nasceu em Estocolmo, e começou sua carreira em 1949, como atriz de teatro. Seu pai era da Marinha e na família não havia nenhuma tradição artística. Na Suécia, um diretor já famoso nos palcos começava a realizar filmes corajosos, modernos, adotando como tema principal o amor e o sexo. Queria uma atriz jovem e sensual para viver **Mônica e o Desejo**, filme com grande parte da ação localizada junto ao mar e às montanhas. Em 1952, Ingmar Bergman lançou Harriet em **Mônica**. Vieram, logo em seguida, realizações aplaudidas com entusiasmo pela crítica e público da Europa: **Noites de Circo, Sorrisos de uma Noite de Amor, Sonhos de Mulher, Uma Lição de Amor**. Em todos êles, Harriet era sempre a imagem da juventude e da liberdade.

Já famosa no Brasil, e adorando o sol do Rio, Harriet fala sôbre Bergman, de quem é uma das atrizes favoritas: "Êle não é só um grande profissional, mas também uma pessoa encantadora. Sabe aproximar-se dos atôres e dêles conseguir o máximo, usando para isso sua cordialidade e compreensão. É quase um milagre que um diretor tão exigente seja assim tão simpático. Gosto de trabalhar com Bergman e trabalharei sempre que êle me convidar, apesar do meu marido, Jörn Donner, ser também diretor de cinema."

Harriet acha que os temas dos filmes de Bergman dizem mais respeito às dúvidas e perguntas existenciais dêle mesmo do que aos problemas do povo: "Sinto que êle se preocupa sempre com a presença de Deus. Mas a vida me ensinou, entre outras coisas, que Deus não existe. Se Deus existisse, o mundo seria menos triste. Fui criada na religião protestante, como a maioria dos suecos. Há três anos freqüentava, ainda, a igreja. Hoje, olhando para dentro de mim, digo com sinceridade: jamais acreditei verdadeiramente em Deus, pelo menos no Deus que todos pintam — o ser responsável pelo bom andamento do universo. Realmente, para mim, Deus é a vida que sentimos à nossa volta, é o amor, no sentido mais amplo possível. Amor entre duas pessoas e entre todos os homens do mundo."

— Harriet, você se considera uma mulher sueca padrão?

— Não. Sou apenas uma mulher no mundo e não entendo o que você quer dizer com sueca. Muita gente, principalmente entre os latinos, considera a sueca como pecadora. Não sou da mesma opinião. Para mim, a sueca iniciou uma revolução, mudando o conceito da mulher e da feminilidade. Ela alterou todo o comportamento feminino, diante da vida e do amor. Mas essa revolução ainda não terminou. A maioria das mulheres suecas, por exemplo, já atingiu um nível de independência razoável, estudando, trabalhando, mas muitas outras permanecem em casa, entre quatro paredes. Isso não é justo, principalmente quando a mulher se preparou para desempenhar uma determinada função profissional ou já trabalhava antes de casar. O lugar da mulher não é em casa, mas onde ela fôr mais útil e onde se sinta bem. A coisa mais importante, para mim, é o meu trabalho.

A **Mônica** de Bergman conhece pouco o Brasil, viu apenas um filme realizado aqui, **Orfeu do Carnaval** (aliás uma co-produção com a França). Não foi aos jogos de futebol da Copa do Mundo, em 1958, na Suécia. Mas lê Simone de Beauvoir: "Uma grande mulher. Apenas, no meu caso particular, sei lutar sòzinha e firmar meus direitos, sem teoria ou diretriz. Não tenho mentores, faço o que desejo e vivo como acho certo."

Harriet veio ao Rio para fazer o papel central de **People Meet and Sweet Music Fills the Heart**, filme dirigido pelo dinamarquês Henning Karlsen, premiado no último Festival de Cannes (melhor ator e fotografia) com **A Fome (Knut)**. Em sua nova realização, Karlsen conta uma história de amor: o rapaz (Erik Wederse) encontra a mocinha (Harriet Andersson) num trem que sai de Estocolmo, e se apaixona por ela, passando a segui-la por todo o mundo. O filme terá cenas rodadas em Nova Iorque, Estocolmo e Rio. Harriet trabalha pela primeira vez com Karlsen. Ela acha que o cinema sueco está em fase de grande desenvolvimento e renovação, tendo certeza de que, em poucos anos, os novos cineastas de seu país — ainda desconhecidos no Brasil — serão revelados num movimento tão vigoroso quanto é, atualmente, a **nouvelle vague** na França.

— O papel que mais me interessou? O de **Através do Espelho**, de Bergman (inédito no Brasil). Senti-me bem próxima do personagem, e fui maravilhosamente dirigida. O mais importante para uma atriz, muitas vêzes, não é o diretor em si, mas o papel. Gostaria, porém, de filmar com Luís Buñuel, mesmo desconhecendo o argumento, pois êle só faz coisas ótimas. Com Federico Fellini, também, teria uma grande oportunidade. Já com referência a Jean-Luc Godard não tenho uma opinião tão positiva, porque Godard falha pela erudição e sofisticação. Uma atriz deve ter por base a simplicidade, independência e liberdade. Isso também vale para a vida real.

Ao lado de Harriet, o diretor Henning Karlsen manifesta seu desejo de entrar em contato com os cineastas brasileiros: "Não conhecia quase nada do que os rapazes fazem aqui. Mas vi, outro dia, numa cabina, o filme **Opinião Pública**, de Arnaldo Jabor, que me convenceu bastante. Não entendia uma palavra do filme, mas isso não importava. A imagem era mais do que suficiente, e acho que assim foram plenamente atingidos por seu autor os objetivos de comunicação."

No Rio, a estrêla favorita de Bergman está filmando com Henning Karlsen.

JEAN-FRANÇOIS STEINER, *AUTOR DO LIVRO* TREBLINKA, *DECLARA A* MANCHETE, *EM PARIS, QUE AS VÍTIMAS DO CARRASCO NAZISTA TÊM MAIS DIREITO DE APLICAR-LHE A JUSTIÇA QUE A ALEMANHA OU A ÁUSTRIA*

PORQUE ISRAEL DEVE JULGAR STANGL

Entrevista exclusiva a Nei Sroulevich ● *Foto de Thomas Scheier (Via VARIG)*

Jean-François Steiner era um obscuro jornalista francês, de 32 anos de idade, que, um dia, resolveu escrever um livro intitulado **Treblinka**. Empreendeu sua tarefa com tal vibração, com tal dramaticidade e talento, que êsse livro, prefaciado entusiàsticamente por Simone de Beauvoir, ficou durante meses nas listas dos **best-sellers** franceses. O trabalho provocou acirradas polêmicas e já foi traduzido para vários idiomas, inclusive o português. Poucos meses depois de sua divulgação, era prêso, no Brasil, o antigo oficial nazista Franz Stangl, um dos comandantes do campo de extermínio de Treblinka, que vivia em São Paulo sob o nome de Paul Stangl. Jean-François Steiner, entrevistado agora por MANCHETE em Paris, fala de seu livro, de seus projetos para o futuro, e sugere ao Brasil, mesmo sem a existência de um pedido israelense de extradição, a entrega de Stangl a Israel, o único país que, a seu ver, pode aplicar a verdadeira justiça.

— Porque escreveu o livro sôbre Treblinka?

— A idéia de escrevê-lo, ocorreu-me em conseqüência da grande polêmica estabelecida na França, a propósito da ausência de reação dos judeus aos nazistas, nos campos de concentração. Considerei essa acusação de passividade uma grande injustiça. Entretanto, não foi pelo desejo de sair vencedor nesse debate que escrevi o meu livro. Escrevi-o, sim, com o espírito voltado para a necessidade de se fazer justiça. Escrevi-o para mostrar a revolta dos judeus. De início, eu queria escrever uma epopéia, tendo como centro a revolta. Uma epopéia que mostrasse não só os judeus como combatentes, em luta contra o nazismo — o que, aliás, era evidente para todo o mundo — mas mostrando que êles ganharam essa luta. Ganharam uma única batalha, mas é certo que a ganharam. Foi em Treblinka. Venceram a princípio psicològicamente e, logo depois, militar e tàticamente. Eu poderia ter mostrado outros campos de concentração, onde também se verificaram revoltas, mas era o de Treblinka que melhor correspondia ao meu desejo. Além disso, o maior número de sobreviventes dêsse campo — 21 vivem hoje em Israel — era mais um incentivo. E eu fui a Israel, especialmente para entrevistá-los.

— Existiam documentos sôbre Treblinka?

— Êsses documentos, poucos e precários, foram colocados à minha disposição pelo Centro de Documentação Judaica de Israel, que muito me ajudou. Mas era absolutamente necessária a realização de entrevistas pessoais. Através delas é que o livro foi construído. A precariedade dos documentos ia se tornando secundária, à medida que o inquérito avançava. Achei, mesmo, que a deficiência da documentação favorecia o meu trabalho. No campo de Sobibor, a revolta dos judeus também tinha sido formidável. Mas havia maior soma de documentos e essa história era mais sabida, ao passo que a de Treblinka ia ser conhecida principalmente através do meu esfôrço, do levantamento que eu mesmo vinha fazendo.

— Quanto tempo levou para escrever o seu livro?

— As pesquisas, como é fácil de compreender, duraram longo tempo. Só ao fim de seis meses de trabalho constante pude colhêr todos os depoimentos em que estava interessado. Depois, gastei quatro meses, a fio, na preparação do texto do livro. Ao fazê-lo, a minha grande preocupação foi a de expor os fatos e deixar que o leitor tirasse as suas conclusões. Não foi fácil me conter de tirá-las, antecipando-me assim ao juízo do público. A falha de muitos livros, a meu ver, é a de quererem dizer demais, sem nada esperar da inteligência e do senso moral do leitor.

— Sua posição, como judeu, tem estado em debate. Como você se situa, por exemplo, quanto ao sionismo?

— Eu não sou sionista. Se fôsse sionista, estaria em Israel. Sou judeu francês. E vivo na França, como francês que sou. Se fôsse sionista e não estivesse em Israel, estaria em contradição. Que é o sionismo, afinal? É a vontade que os judeus têm de ir para Israel. Só podem ser sionistas, fora de Israel, os membros de organizações internacionais empenhadas em convencer todos os judeus a irem viver em Israel. Êsse estado tem as suas portas abertas a todos, judeus ou não, pois é uma nação como qualquer outra. Como a França, como o Brasil... Não sou sionista porque, além do mais, me sinto bem na França, a que estou ligado por uma série de laços. Inclusive por me haver proporcionado a cultura que hoje tenho.

— Então, antes e acima de tudo, você é francês?

— Espere. Eu disse que me sinto bem na França. Mas não quero com isso dizer que o meu sentimento francês seja igual, digamos, ao de um francês de vinte gerações. Pela cabeça de um dêsses, decerto nunca passaria a idéia de ser outra coisa, de ter outra nacionalidade. Ao passo que eu sinto que Israel também é meu país e que a êle estou ligado por vários laços, entre os quais os de sangue. Ali, por exemplo, eu sinto o que não sinto quando vou à Inglaterra ou à Itália. É uma questão de atavismo. Um atavismo milenar. Já houve quem dissesse que existem duas Franças: a **legal** e a **real**. A frase pode parecer escabrosa, mas contém alguma verdade. Eu me sinto um francês **legal**. Pago meus impostos à França, fiz meus estudos em francês, devo muito a êste belo e admirável país e sou, por isso, um francês **legal**. A França me oferece as suas grandes estradas, uma vida tranqüila, suas bibliotecas e seus museus, permitindo-me, ainda, fazer o que eu quero. Existe entre mim e a França uma espécie de contrato. Mas se um dia a França desaparecesse, por efeito de um cataclismo qualquer, eu continuaria a viver, não perderia o estímulo para isso. Em suma: quero dizer, com a maior franqueza, que eu não desapareceria, não sucumbiria com a França. É que não tenho uma tradição como a do francês de vinte gerações. Se a França desaparecer, êle desaparecerá também. Ao passo que a minha tradição é a tradição judaica. E dela não me posso separar. Se o povo judeu desaparecesse, então, sim, eu perderia a minha razão de ser, de existir... O que não é possível confundir isso com sionismo.

— Se não é sionista, qual é o seu pensamento sôbre o Estado de Israel? Considera-o uma solução definitiva do problema judaico?

— Israel não é uma solução definitiva. Eu acho que não há solução definitiva para êste problema, que, a meu ver, é muito complexo. Vivemos à base de contradições. Todos nós. A humanidade. No dia em que cessarem essas contradições, cessarão os problemas dos judeus. E os problemas dos homens, de uma maneira geral. Mas, até lá, ainda falta muito.

— Está planejando escrever um nôvo livro?

— O meu próximo livro será sôbre **A Crucificação do Povo Judeu**. Não quero chocar ninguém, mas acho que o tema crucificação é um tema judeu. Treblinka e os demais campos de concentração mostram que o povo judeu foi crucificado. Não sou um historiador, nem um filósofo. Sou apenas um escritor que sente a necessidade de mostrar aos outros, principalmente aos judeus ou não-judeus que jamais conheceram um campo de concentração, o que se passava numa dessas usinas de extermínio. Com a crucificação de Cristo vimos um ser condenado por uma falta fundamental, mas que não é aparente. E êste ser, todo-poderoso, aceita morrer. Se Êle era o filho de Deus, por que não fêz um milagre, durante o julgamento ou mesmo quando já estava na cruz? Cristo não o fêz, porque aceitou a Sua crucificação. Cristo aceitou a morte para renascer. Por seu lado, o povo judeu foi condenado à morte por uma falta que, aos olhos de muita gente, parece evidente, mas que não era fundamental e permanece incompreensível. Os judeus tentaram reagir contra o seu extermínio. O mais impressionante é que os deportados judeus nunca estiveram desesperados, nem mesmo

no momento em que iam para as câmaras de gás. Foi o que afirmaram todos os depoimentos que recolhi em minhas buscas, para poder bem informar, sem jamais exagerar. Hoje, bem ou mal, os judeus vivem. Aquêles que querem partir para Israel encontram uma terra que os espera. As sinagogas estão reabertas em todos os lugares e países. Mas isso não quer dizer que a perseguição ao nosso povo tenha desaparecido. E é em tôrno disso que vou escrever o meu nôvo livro, tentando descobrir porque os judeus são ainda perseguidos, qual a motivação existente por trás disso...

— Escreve sôbre temas judaicos, com o intuito de interessar principalmente os leitores judeus?

— Não escrevo só, nem **principalmente** para os judeus. Escrevo em francês, que não é a língua dos judeus. Mas, assim como escrevo sôbre temas judaicos, espero escrever sôbre vários outros. Sinto que sou um judeu escritor e não um escritor judeu. E, por isso mesmo, espero interessar aos não-judeus.

— Como recebeu a notícia da prisão de Franz Stangl, um dos carrascos de Treblinka?

— Essa prisão, em si, não representa muita coisa. Outros criminosos nazistas, bem mais importantes do que êle, continuam soltos, em países da América do Sul, onde entraram com papéis falsos e sob nomes supostos. Acredito, porém, que o Brasil devia entregar Stangl a Israel, de preferência a qualquer outro país. Ninguém tem mais direito de julgá-lo do que os judeus. Ou, mais precisamente, aquêles que estiveram no inferno de Treblinka e de lá saíram com vida. Fora disso, qualquer outro julgamento será uma farsa. Se êle fôr para a Áustria, por exemplo, será condenado de cinco a dez anos e, depois, terá a pena comutada, ou livramento condicional. De tal forma que, no fim de dois anos, estará nos bares, afogando as suas mágoas em litros de cerveja, ao lado de velhos companheiros. O mesmo acontecerá se fôr entregue à Alemanha. Mas, em Israel, o caso seria diferente. Lá, êle seria julgado com os rigores de uma verdadeira justiça, pelos que mais sofreram as barbaridades nazistas. Lamento que no momento eu não possa ir a Brasília para acompanhar o caso Stangl. Mas terei que ir ao Brasil, mais cedo ou mais tarde. Isto é, para mim, uma necessidade. Não me esqueço de que o Brasil foi a única nação da América Latina que se uniu ao esfôrço armado das grandes potências, para pôr têrmo às atrocidades nazistas. A presença do Brasil está bem marcada na consciência de todos os judeus do mundo. E, por outro lado, êles também não esquecem que foi um brasileiro — Osvaldo Aranha — que, na presidência das Nações Unidas, assinou o ato histórico da criação do Estado de Israel.

Steiner afirma: "Outros líderes nazistas, mais importantes do que Stangl, estão escondidos na América do Sul."

Ufa!

Conseguimos fazer mais alguns aperfeiçoamentos no VW '67.

Um dia alguém inventa um automóvel.
Desenho diferente, suspensão diferente, motor diferente, centenas de detalhes diferentes.
Todo mundo gosta dêle.
V. também.
Então começam a melhorá-lo aqui e ali.
Fazem testes e mais testes.
O carro anda, anda, anda...
Esquecem até de fabricar novos modelos, como todo mundo faz.
Quando v. vê, passaram-se anos e anos.

O que pode ter sobrado para aperfeiçoar?
Talvez aumentar um pouco o vidro traseiro, para aumentar a visão.
E quem sabe aumentar também a visão na frente, colocando limpadores de pára-brisa que param do lado esquerdo?
Quem sabe dá para instalar, na mesma alavanca do pisca-pisca, uma tecla para luz alta e baixa?
Sempre dá para fazer outras coisinhas.

Quem sabe, aperfeiçoar a maçanêta da tampa do motor.
Provàvelmente, a caixa de fusíveis poderia ser mais prática se ficasse dentro do carro.
Pois bem: nós conseguimos fazer tudo isso, e ainda colocamos mais 10 HP no motor.
Êle agora tem 46 HP.

Mas é impressionante como fica difícil aperfeiçoar o que já nasceu aperfeiçoado.
Ufa!

RUBEM BRAGA

A casa antiga

Tivesse chegado um dia mais tarde e talvez visse apenas um confuso monte de escombros. Teria sido melhor. Assim, com as paredes ainda pela metade erguidas, a casa tinha a aparência trágica e indecente de uma criatura desventrada mostrando a todos que passavam na rua suas vísceras mais íntimas.

Lá estava a parede verde do quarto de seus pais, e, meio entulhada de tijolos e caliça, a antiga sala de jantar. Os transeuntes nem sequer lhe lançavam um olhar distraído; para êle, porém, era como se os operários da demolição, que acabavam de sair para o jantar, fôssem assassinos cruéis que houvessem estripado seu pai e sua mãe e tôda sua família e houvessem abandonado ali os corpos, nus, ignóbeis, junto da calçada, amontoados, sangrando.

Porque para êle aquilo não era uma demolição vulgar, não era uma coisa que se deitava abaixo: era a Casa.

Impossível acreditar que não fôsse eterna; como viver sem a Casa? O muro, o portão, as pequenas árvores junto da varanda estavam intocados, perfeitos, como se tivessem traído a Casa de que faziam parte. E no meio do entulho a escada azul ainda conseguia descrever sua curva e lançar seu corrimão para o céu. Para o outro lado, atrás, via apenas um pequeno trecho da parede que fôra o quarto dos meninos, o seu quarto. Lembrava conversas, revia vultos de gente, vultos que seriam doravante como almas penadas — como poderiam estar vivos, agora que se destruía a Casa onde viviam? Sentiu-se órfão e sòzinho, e êle mesmo vagamente assassinado, sem chão. Há muito a família mudara, e alguns se haviam dispersado; mas enquanto existia a Casa, era como se de repente todos pudessem voltar, e se acenderem as luzes, o telefone bater, o canário cantar.

Ficou uns instantes com a mão no portão, como se fôsse abri-lo. Depois se voltou e partiu sem olhar para trás.

Para William Manchester, Jackie Kennedy é uma heroína, mas vive como uma verdadeira rainha, numa côrte de aduladores. Daí o mal-

WILLIAM MANCHESTER,
autor de A MORTE DE UM PRESIDENTE, escreve

A BATALHA DO MEU LIVRO / II

Como o Senador Robert F. Kennedy era um dos homens mais ocupados de Washington, nossos encontros passaram a ser raros e ocasionais. Devo assinalar, entretanto, que Bob convidou meu filho para trabalhar no seu escritório durante as férias de verão e que Jackie Kennedy fêz críticas construtivas a um discurso que escrevi para proferir em Amherst. De tempos em tempos, eu era convidado para nadar em Hyannis Port, para dançar em Hickory Hill (residência do senador) ou para jantar com Bob no La Caravelle, de Nova Iorque. Para resumir: nossas relações continuavam a ser cordiais. Apenas dois incidentes se verificaram, com relação ao assunto que se tornaria dominante em minha vida. E, analisados retrospectivamente, ambos têm qualquer coisa de irônico. A 1.º de outubro de 1964, respondendo a uma indagação de outro escritor, a Sra. Kennedy descrevera a sua atitude relativamente ao meu trabalho. Uma vez que ela me enviou uma cópia de sua carta, tirada em papel carbono, tenho a impressão de que desejou que eu me guiasse por sua opinião.

"**Escolhi o Sr. Manchester porque respeito a sua capacidade profissional e porque o acredito capaz de imparcialidade e exatidão histórica**", escreveu ela, "**...não exerço qualquer espécie de vigilância sôbre o trabalho que êle está executando, nem tenho a intenção de fazê-lo. Êle apresentará o seu manuscrito final e êsse será publicado sem nenhuma censura de minha parte ou de quem quer que seja. Tenho muito respeito pela história para tentar influir no resultado de suas pesquisas.**" E continuou: "**Não tenho nenhum desejo de decidir quem deva escrever história. Muitas pessoas escreverão sôbre o que se passou em novembro durante anos a fio, mas os escritores sérios devem esperar até que apareça o livro do Sr. Manchester. Êsse livro será daqueles que um verdadeiro historiador respeitará.**" Termina declarando que "**aquilo a que me dedico é ao estabelecimento da verdade histórica sôbre aquêles dias e isso é o que fará o Sr. Manchester**".

O segundo episódio ocorreu no verão seguinte. Nessa ocasião, as minhas relações com a família Kennedy eram as melhores possíveis. Eu não os tinha importunado, preferindo conduzir as minhas investigações de acôrdo com os meus métodos pessoais, inteiramente independentes. Minha reputação de homem discreto permanecia intacta. Eu não lhes havia mostrado o meu manuscrito e, portanto, nada podiam, ainda, objetar. Entretanto, dois dos meus amigos se achavam em apuros. Ted Sorensen e Arthur Schlesinger Jr. estavam na reta final de uma corrida, para entregar a seus editôres os livros que

entendido entre os dois.

No início, as relações entre William Manchester e Jacqueline Kennedy eram calorosas, mas depois esfriaram. E ao ser lançado *A Morte de um Presidente* ela foi para o México.

com êles haviam contratado e, ao mesmo tempo, teriam que obter a aprovação dos Kennedy. Como Pierre Salinger no ano seguinte, Ted preferiu o fácil caminho da complacência, cedendo em muitos pontos e assim enfraquecendo o que poderia ter sido um grande livro. Eu tivera uma pequena participação no livro de Ted. Trabalhara com êle em seu epílogo e passei duas horas suplicando-lhe que se mantivesse firme, sem ceder em coisa alguma. Mas êle se recusou a me ouvir. Era uma figura com responsabilidade na vida pública, não pròpriamente um escritor. E, por isso, não podia compreender a questão de princípio que eu levantara. Arthur era as duas coisas: homem público e escritor. Compreendeu claramente o meu ponto de vista e, embora concordasse em eliminar de seu texto uma passagem (que estava também no meu) sôbre a Sra. Kennedy, recusou-se a fazer quaisquer outras concessões. Seu mês de julho foi glacial. No dia 4 de agôsto, decidi intervir em seu favor.

"**Li os trechos da história que parecem suscitar ao mesmo tempo interêsse e preocupação**", escrevi à Senhora Kennedy. "**Sem levar em conta a relevância disto ou daquilo — qualquer pessoa bem informada pode fazer idéia da capacidade de julgamento de um escritor — está em causa, creio eu, o problema mais amplo da história contemporânea. Problema de uma amplitude na verdade excepcional.**" Embora não houvesse manifesta "**quebra de continuidade**", dizia eu saber "**qual seria a solução errada e que era a mais fácil: eliminar tudo, fingir uma volta à inocência, dar as costas à história. Se tôdas as críticas recebessem tal satisfação, os historiadores passariam a fabricar pudins açucarados, correspondendo às preces das gentis donzelas. Como não sou uma gentil donzela, não posso falar com autoridade sôbre os seus anseios, mas tenho a impressão de que suas preces são de uma absoluta chatice e de que uma resposta, no tom adequado, seria chatice não menor**". Depois: "**O problema concernente ao que deve ser dito ou não deve ser dito realmente existe. Inquestionàvelmente, algumas coisas não devem ser ditas. Quanto a mim, estou me tornando um perito no uso da borracha. Entretanto, procuro usá-la moderadamente. Tentar eliminar todos os motivos de controvérsia seria o pior de todos os erros. Seria ainda pior do que deixar de dizer a verdade. Seria o mesmo que pregar mentiras. E podemos escolher melhor caminho. Se algumas contusões vierem a ser infligidas, tais contusões serão bem melhores do que uma história sem nervos.**"

Não mencionei nomes, mas Jackie me compreendeu claramente. No dia 9 de agôsto, ela me respondeu, dizendo-me que, embora preocupada com os livros sôbre Kennedy e não mais confiando em seu próprio julgamento a respeito dêles, sabia que eu havia dado "**algum confôrto a Arthur**". Fiquei com a viva impressão de que eu havia fortalecido a posição do livro **Os Mil Dias (A Thousand Days).** Nunca me ocorrera a idéia de que, ainda no mesmo ano, **A Morte de um Presidente** iria precisar do apoio de Arthur Schlesinger, ou de que as cartas, que eu recebia, assinadas "**Afetuosamente, Jackie**", passariam a ser firmadas com frieza, "**Sinceramente, Jacqueline Kennedy**".

As pesquisas parecem ser o último esfôrço de um escritor, até que êle destampa a sua caneta-tinteiro ou começa a dedilhar a máquina de escrever. "**Escrever é fácil**", observou, certa vez, Red Smith, "**basta olhar para o teclado da máquina até que pequenas gôtas de sangue comecem a aparecer em nossa fronte.**" No instante em que escrevi a palavra **Prólogo** no alto de uma fôlha de papel amarelado, eu sabia que essas gôtas de sangue iriam aparecer, e que até o dia da publicação do livro apareceriam milhões de outras gôtas. Naquele exato momento, eu compreendi que se me dirigisse a um público limitado e acadêmico todo o meu esfôrço seria ridículo. As muralhas invisíveis da arena em que eu me encontrava se tinham expandido a cada mês. É claro que é possível escrever-se um livro volumoso e sem brilho sôbre uma calamidade espetacular. Mas quantas pessoas até hoje leram até o fim o Relatório Warren? A prosa sensaborona é inconcebível quando o escritor quer obrigar seus leitores a evocar os acontecimentos do passado como se os estivessem vivendo, sem esconder-lhes nada e obrigando-os a participar, retrospectivamente, do que, como neste caso, foi uma provação coletiva.

Reviver o passado é uma proeza, uma conquista profissional de qualquer escritor e, num grau maior do que o público leitor poderia avaliar, um triunfo de sua própria fôrça de vontade, pois é o próprio autor o primeiro a revivê-lo. Descrever o que acontecera no número 411 de Elm Street, em Dallas, às 12 horas e 30 minutos daquele dia 22 de novembro, não era bastante. Era preciso que o autor estivesse **lá**, e que lá estivesse precisamente **naquele instante**. A cena está em sua mente. Como se estivesse diante de uma parede branca, êle projeta nela as imagens e descreve o que está vendo. Se a cena é trágica, mesmo que seja a morte brutal de um amigo, êle deve suportar tudo, golpe após golpe. E, uma vez que a tarefa de escrever é muitas vêzes mais lenta que a de ler, seu sofrimento pode se prolongar não apenas por semanas e meses, mas por anos.

Certa manhã, após a entrega do manuscrito, o meu editor me telefonou. Êle tinha sido, também, o editor de John Kennedy. E, òbviamente, estava perplexo. "Só às 3 horas da madrugada pude largar os originais, para dormir", disse êle. "Não podia parar de chorar, mas também não podia parar de ler. Por isso, já estou de nôvo agarrado ao livro." Eu não sabia o que havia de dizer. Creio, porém, que êle próprio começara a compreender: da primeira página do prólogo à última página do epílogo, eu tinha vivido num permanente estado de choque, sem poder largar por um instante aquela pena, de que me servira para escrevê-lo, a não ser, por exceção, uma vez, durante uma pausa forçada.

Jackie está no México, onde é hóspede do famoso arquiteto Fernando Parra. Ei-la, muito decotada, ao lado do anfitrião. À esquerda, sua irmã, Lee, e seu cunhado, o príncipe polonês Stanislas Radziwill.

O advogado Rifkind representou Jackie, na controvérsia sôbre A Morte de um Presidente.

Como todos os dirigentes de emprêsas sabem, qualquer homem que habitualmente dirige suas próprias atividades sabe reconhecer certos sinais de exaustão. A prudência e o bom-senso lhe recomendam que diminua gradualmente as suas atividades e repouse. Quando se aproximava o segundo aniversário do atentado contra o Presidente Kennedy, eu reconheci os sinais da tempestade. Durante quase dois anos, devotara quase tôdas as horas que permanecia acordado à implacável investigação sôbre êsse único fim-de-semana de minha vida que eu gostaria de ter esquecido, mas que a cada mês ia se fazendo mais vivo em minha mente. Eu não tinha apetite — nem por comidas, nem pela beleza, nem pela vida. Dormia bem. Mas quando acordava era para sonhar com Dallas. E empunhava a minha caneta-tinteiro por horas a fio com tanta fôrça que o meu polegar direito começou a sangrar sob a unha. Infeccionando-se, teve de ser lancetado por três vêzes. E, contudo, eu não podia parar. Enrolava-o com gaze e continuava a escrever, manchando o manuscrito de sangue. Aquilo não poderia continuar e já era tempo de fazer uma reverência, retirando-me graciosamente da arena. Meus reflexos se tornavam de uma lentidão alarmante e eu não podia mais dirigir, pois corria perigo ao volante.

Chegou, por fim, uma manhã em que a minha caneta se recusou a mover-se. Eu estava tentando dizer que **Oswald, cercado por cêrca de setenta policiais, tinha sido assassinado na prisão de Dallas.** Mas, a êsse ponto, a caneta permaneceu imóvel. Era demais. Minha mente vacilava. Como um homem adulto e, ainda mais, um escritor, poderia acreditar numa coisa tão absurda?

Como um relógio a que alguém se tivesse esquecido de dar corda, eu simplesmente havia parado. Não sei durante quanto tempo fiquei assim, imóvel, sentado. Lembro-me é de que, nessa tarde, fui almoçar com Pat Moynihan. Comecei a dizer a frase interrompida: "Oswald, cercado por..." E parei. Pat sabia. Êle fôra um dos membros do subgabinete ministerial que tinham previsto o desastroso episódio do porão da prisão de Dallas. Nesse momento, pedi-lhe desculpas e fui procurar um médico que, no dia 26 de novembro, me fêz hospitalizar, em face do meu estado de completa exaustão. Durante doze dias eu fiquei deitado, como se estivesse ferido, mas mesmo durante êsse repouso forçado o meu pensamento era o mesmo: como teria Jack Ruby conseguido passar entre as sentinelas que guardavam a rampa da prisão? A resposta estava nas minhas notas. E, no décimo terceiro dia, eu estava outra vez de pé, enchendo outra vez tiras de papel amarelado.

Desde o início, eu queria que o último capítulo do meu livro fôsse o melhor. Vários colegas preferiam o capítulo intitulado **Angel**, que descreve a viagem de volta do avião presidencial, do Love Field, de Dallas, depois do assassinato. Eu discordo, talvez por acreditar que o funeral nacional de 25 de novembro e a vigília na Casa Branca foram uma espécie de catarse, contrastando com a irritante futilidade, sem nenhum sentido, das disputas anteriores. Talvez essa minha ânsia por algo significativo seja uma fraqueza. Pòssìvelmente Jean-Paul Sartre está com a razão. Talvez tudo tenha sido apenas uma representação existencialista no teatro do absurdo. E talvez tôda a minha fatigante escrita a mão, a angustiada procura de informações para a exata reconstituição do clima político de Dallas, como da dúbia vigilância do Serviço Secreto e tudo o mais, inclusive a minha agonia para saber se a conduta de certos indivíduos pertence à história contemporânea ou devia ser omitida do manuscrito — em suma, tôda essa ansiedade poderia ter sido vã.

Contudo, estou ainda em dúvida e, agora, que me aproximo do fim, as fisionomias que, da parede branca, olham para mim, representam uma confirmação. Elas são numerosas. É paradoxal imaginar que um escritor trabalhe sòzinho quando êle está cercado por tão vasta companhia. Eu tinha 41 anos, quando a Sra. Kennedy me pediu que escrevesse **A Morte de um Presidente**. Tenho, hoje, 44 anos, e grande parte dêste período vivi recluso, com o calendário parado no mesmo mês. Mas durante êsse tempo, tôdas as minhas horas de trabalho foram habitadas por centenas de imagens. Algumas delas perturbadoras. Byron Skelton (membro texano do comitê nacional do Partido Democrático), o Senador William Fulbright e o Embaixador Adlai Stevenson, todos afirmando que a violência ameaçaria o Presidente Kennedy em Dallas. Outras, malevolentes: os inquietos fanáticos da direita e da esquerda, os espectadores que tinham afluído para soltar cusparadas, o que tinha vindo para matar. E ainda outras eram fortes — o Presidente Johnson, Robert Kennedy, Robert McNamara, McGeorge Bundy — ou compassivas, como a Sra. Johnson, Dave Powers, Ted Kennedy, Tenente Sam Bird, General Godfrey McHugh.

E uma era uma heroína. As pesquisas da opinião pública oscilarão para cima e para baixo, a lembrança de minhas divergências com ela será esquecida, os nossos filhos crescerão, e nós mesmos desapareceremos, mas um fato permanecerá imarcescível: na hora da desgraça e da confusão, Jacqueline Bouvier Kennedy, que perdera mais do que qualquer um de nós, nos manteve unidos, permanecendo fiel ao líder que tínhamos perdido e, ao acender a chama que arde em Arlington, na verdade reavivou o nosso orgulho nacional.

Dizer-lhe "não" teria sido impossível logo depois do sombrio desfecho da tragédia. E mesmo três anos mais tarde era ainda mais difícil. Seu marido havia sido o único homem em, sua vida cuja determinação fôra mais forte que a sua própria. A aparente fragilidade de suas maneiras sempre foi enganosa. E, desde a morte dêle, tem ela se mostrado uma personalidade cada vez mais forte e opiniática. Nada, em sua nova vida, desencoraja essa tendência. As homenagens da imprensa e a deferência de todos os que a cercam fortificam êsse ar imperioso, que nada tem de encorajador para quem, escrevendo história, é obrigado a descrever uma mulher de carne e sangue, sujeita, por isso, às paixões humanas.

Isolada em sua grande fortuna, reverenciada pelos homens da Nova Fronteira, que para ela transferiram a lealdade que devotavam ao presidente martirizado, e por aquêles cujo futuro depende dos serviços que lhe possam prestar e ao nôvo e poderoso chefe da família, sempre solidário com ela, a Sra. Jacqueline Kennedy preside o mundo elegante que a cerca como se fôsse uma encantadora, graciosa e inefàvelmente trágica rainha viúva. Quando olho para trás, fàcilmente me convenço de que ela me escolheu para autor do livro como se escolhesse um nôvo membro de sua côrte. Estava persuadida, segundo escreveu a um outro escritor, de que me havia "alugado" — confusão que achei curiosíssima. De acôrdo com tais circunstâncias, era inconcebível, para Jacqueline Kennedy, que eu lhe pudesse recusar qualquer coisa. Quando tentei dizer-lhe que a integridade do meu trabalho não era susceptível de ser negociada, ela não compreendeu. E simplesmente procurou me levar na conversa. Sorrindo vitoriosamente, ela sussurrou: **"Sua vida inteira prova que o senhor é um homem de honra."** Minha honra, de fato, estava em jôgo. A dificuldade estava em que a definição dela divergia diametralmente da minha. Eu era um escritor, não um cortesão.

Pierre Salinger, secretário de Imprensa de Kennedy, é para Manchester um tipo falstaffiano.

Jackie é tão ciosa da boa fama do presidente assassinado que fêz devolver ao escritor Paul B. Fay Junior uma doação de 3 mil dólares por não ter gostado de seu livro

Para os verdadeiros cortesãos, um confronto direto entre nós dois era coisa em que não se podia sequer pensar. Êles estavam convencidos de que me fariam ceder. De qualquer modo, cada um dêles afirmava que queria poupá-la a pormenores aborrecidos. E deixá-la de lado, parecia um simples estratagema. Ela só seria consultada nas decisões mais importantes, como, por exemplo, a época da publicação do livro. Anunciando o meu projeto à imprensa, no início de 1964, o então Ministro da Justiça Robert Kennedy afirmou aos repórteres que esperava ver o livro publicado "de três a cinco anos". Contudo, redigindo o **memorando de entendimento**, que êle e eu assinamos, usou apenas a data final. Nenhum de nós deu maior importância ao fato: cinco anos, sendo um número redondo, nos parecera conveniente. Mas, a um segundo pensamento, isso era inquietante. 1963, data do memorando, mais 5 anos, fazia 1968. Haveria uma eleição presidencial nesse ano e era a data pior que se poderia imaginar para a publicação do livro.

Bob Kennedy de passagem pela Itália. Segundo Manchester, êle tem o ôlho na presidência.

Inevitàvelmente, haveria acusações de que os Kennedy estavam fazendo jôgo político com uma tragédia nacional, capitalizando o assassinato do presidente para servir às ambições eleitorais de Bob. Além disso, vários livros sensacionais estavam sendo escritos sôbre o atentado. Alguns já estavam sendo impressos e, virtualmente, todos êles punham em dúvida a probidade do govêrno dos Estados Unidos. Corrigi-los correspondia, manifestamente, ao interêsse nacional. Assim, a 12 de janeiro de 1965, Bob Kennedy e o autor abandonaram o pensamento inicial da publicação em 1968, fixando-a, em vez disso, em 1966 ou em 1967, dependendo isso apenas da ultimação do manuscrito.

Mantendo um programa de 100 horas de trabalho por semana, terminei uma tarefa que exigiria cinco anos em menos de três e, assim, Evan Thomas, meu editor, pertencente à firma Harper & Row, programou o livro para o outono do ano passado. O momento exato do lançamento era um problema delicado. O dia 22 de novembro, em que a princípio se pensou, foi logo pôsto de parte. Bob disse, com razão, que isso seria uma ultrajante exploração comercial da trágica data. Evan, provisòriamente, estabeleceu que o livro sairia em outubro. Mas, a 21 de junho, êle começou a adiá-lo, por causa dos bizantinismos que tivemos de enfrentar. Obter a aprovação do texto fôra muito mais difícil e consumira muito mais tempo do que havíamos julgado necessário.

A posição de Evan era delicada. Eu era um autor da editôra Little, Brown. Concordara em mudar de editor apenas quanto a êste livro, **A Morte de um Presidente**, porque Evan fôra o editor de **Profiles in Courage**, do Presidente Kennedy, e a Sra. Kennedy, por motivos sentimentais, me pedira que contratasse o meu trabalho com Harper & Row. Esta casa-editôra naturalmente olhava para a frente e relutava em ofender os Kennedy. Assim, o autor se esforçava mais do que o editor para obter a aprovação do livro, ainda que não se esforçasse muito mais. Tanto eu quanto Evan estávamos decididos a fazer cumprir o nosso ajuste. Por mais esquisito que isso pareça agora, eu queria ter a certeza de que não haveria recriminações mais tarde — e me parecia, como aliás a todos nós, que não haveria base para isso.

Escrevi à Sra. Kennedy, como já disse, na manhã seguinte à terminação do rascunho, assegurando-lhe que: **"Na introdução, deixei bem claro que sou eu o único responsável pelo livro."** Ela não poderia ser responsabilizada pelas opiniões do autor ou por seus julgamentos, pois **"Eu resolvi atingir um alvo mais vasto. A extensão da pesquisa e a vastidão da documentação são tão evidentes que o leitor reconhecerá, e aceitará, a inteira responsabilidade do autor."** De qualquer modo, no dia 11 de maio do ano passado, ela resolveu não ler o livro, enviando-me uma mensagem: a de que esperava que eu compreendesse que tinha "calorosa" simpatia para comigo e que concordava com a publicação no outono que se aproximava.

Sua decisão de não lançar as vistas sôbre o livro já era esperada. Sete semanas antes, cópias em **xerox** tinham percorrido os labirintos que iam do escritório dela ao de Bob Kennedy e do escritório de Bob Kennedy aos dos seus mais íntimos e leais conselheiros, John Seigenthaler e Edwin O. Guthman. O destino do livro parecia estar em mãos responsáveis. Uma complicada cadeia de comando fôra estabelecida. Eu me entendia com Evan Thomas, que falava com John e com Ed, os quais por sua vez falavam com Bob. O propósito era o de evitar a intrusão de amizades pessoais. E isso ia dando certo. Entre março e julho, conferências foram realizadas em Los Angeles, Nashville, Washington e Nova Iorque, principalmente para eliminar o problema da excessiva extensão do manuscrito, pois êsse era um livro que fàcilmente poderia se tornar prolixo. Enquanto isso, Evan solicitava os conselhos de quatro veteranos editôres a serviço de Harper & Row. Arthur Schlesinger e Richard N. Goodwin, por minha própria iniciativa, estavam enviando sugestões a Evan, a Bob e a mim. E Ethel Kennedy, depois de examinar cuidadosamente o texto durante oito semanas, enviava os seus comentários a Seigenthaler.

Hoje, êsses quatro meses de preparação do texto definitivo parecem-me tempos áureos. Até então, ninguém tinha lido uma linha do meu trabalho. Eu pensava que êle seria um sucesso, mas não estava muito certo. Então, a cada dia, eu recebia novos encorajamentos. Evan telefonou-me para dizer-me que êsse fôra "o melhor livro que já li nestes últimos vinte anos". Depois, Cass Canfield, presidente da casa Harper & Row, escreveu-me declarando que **"A Morte de um Presidente** é um trabalho de invulgar qualidade e de grande fôrça. O público ainda o lerá muito tempo depois que você e eu tivermos desaparecido da cena".

Bem sei que, ordinàriamente, os autores não costumam citar êsses encômios, mas a minha situação é peculiar. Conquanto o livro venha figurando nas manchetes ou nas notícias de primeira página há sete meses, o público ainda não o viu na íntegra e os membros da **entourage** dos Kennedy (inclusive, inacreditàvelmente, dois homens que nunca leram o manuscrito) vivem a proclamar que é ao mesmo tempo inexato e de mau-gôsto. Entretanto, Goodwin dissera tratar-se de **"uma realização de mestre"**. E Evan me disse que Seigenthaler lhe afirmara que eu era **"um grande escritor"**. A 16 de junho do ano passado, Guthman escreveu a Evan que o considerava **"uma grande obra histórica"** e que era **"um grande trabalho, que, acredito, será um marco histórico da era de Kennedy"**.

Enquanto isso, a formidável figura de Arthur Schlesinger aparecia e exprimia o seu solene julgamento. Num memorando de seis páginas a Bob Kennedy, a Evan e a mim, êle escrevia: **"Eu acho que êste é, potencialmente, um livro notável, uma grande obra. A pesquisa, o sentimento, a fôrça narrativa, a evocação da personalidade e a atmosfera, juntamente com grande parte do estilo, são soberbos. O texto se torna constantemente melhor, à medida que a narrativa progride. A descrição do vôo de regresso a Washington, no avião Air Force One, por exemplo, é magistral."**

Paul B. Fay Jr., autor de O Prazer de Sua Companhia, entrou em choque com Jackie Kennedy.

Jackie e seu cunhado, Senador Bob Kennedy, na Universidade de Harvard, onde está instalada a Biblioteca J. F. Kennedy. Essa instituição vai receber 5 milhões de dólares do livro de Manchester.

Isso era confortador. Mas não podia deixar de me causar certa perplexidade o fato de trazer o memorando de Schlesinger observações dêste teor: "Páginas 92-93: conservar êsse período, que consiste de fatos, não de opiniões"; "398: restaurar a passagem riscada. Ela resume a situação"; "821-822: restaurar o que foi riscado. É uma parte essencial da história"; "871: restaurar a parte riscada. Tem discernimento e é importante"; "876: restaurar a parte cortada ao pé da página. É verdadeiro e importante"; "1111: é claro que Lyndon Baines Johnson tem mais confiança em Dean Rusk do que o Presidente Kennedy tinha. Porque riscar?"

Porque riscar, realmente? No momento, eu, que nada riscara, não tinha nenhuma idéia do que poderiam significar essas observações. Nem o descobri senão quase três semanas depois, quando Evan me exibiu os cortes propostos por Guthman, Seigenthaler e os membros da equipe editorial da casa Harper & Row. A maioria fôra sensatamente indicada, mas a vista arguta de Schlesinger pusera em relêvo precisamente certas passagens que poderiam ser interpretadas como uma tentativa de censura política. Algumas tinham sido indicadas por admiradores políticos de Kennedy, outras por admiradores de Johnson, uma por um político republicano acostumado a vociferar contra as duas casas do Congresso. Depois, haveria outras tentativas da mesma espécie.

Durante aquela belíssima primavera, o céu, no entanto, continuou azul e sereno. Arthur Schlesinger foi o mais decidido dos meus defensores. Êle escrevera a Bob Kennedy dizendo-lhe que tinha **"profunda confiança e uma grande admiração pelo livro"**. E no dia 26 de maio me escreveu diretamente: **"É um extraordinário trabalho de pesquisa e de síntese e você merece as melhores congratulações por isso... Espero que você os impeça de cortar muito do que há de histórico em seu manuscrito... Eu sei que você deve sofrer uma verdadeira agonia em face dessas pequenas irritações. Espero que me faça saber de que modo poderei ajudá-lo para tornar êsse processo menos doloroso."**

Êle me aconselhou a vender quanto antes os direitos de publicação para os editôres italianos e inglêses. E o editor inglês, que se achava nessa época nos Estados Unidos, telefonou-me depois de ter visitado Schlesinger. Êle me declarou: **"Arthur me disse que se trata do livro mais representativo da década de 60, incluindo o que êle próprio escreveu. Eu ainda não conheço uma só palavra do texto, mas estou disposto a lhe oferecer 25 mil libras — o equivalente a 70 mil dólares."** Eu polidamente recusei, declarando achar o seu oferecimento prematuro. Mas, naturalmente, fiquei impressionado.

O concêrto de entusiasmo dos leitores alcançou um **crescendo** a 28 de julho, quando o Senador Robert F. Kennedy, falando como chefe da família, despachou uma carta registrada para Harper & Row aprovando o livro e não manifestando qualquer reserva a respeito. No dia seguinte, enviou-me êle a mesma mensagem, no seguinte telegrama: **"Se quaisquer indagações surgirem acêrca do manuscrito de seu livro, quero declarar o seguinte: Ainda que eu não tenha lido o relato William Manchester sôbre a morte do Presidente Kennedy, sei que o presidente respeitava o Sr. Manchester como historiador e como repórter."** E concluía: **"Os membros da família Kennedy não oporão qualquer obstáculo à publicação do seu trabalho."** Eu respondi: **"Seu telegrama, a mim endereçado, foi soberbo. Disse, em poucas palavras, tudo o que era necessário dizer."**

Evan Thomas, pensando do mesmo modo, confiantemente programou a publicação para janeiro de 1967. Gilbert Highet, depois da seleção de meu livro pelo Clube do Livro do Mês, escreveu-me que **A Morte de um Presidente** era **"história tal qual realmente deve ser escrita: talvez os romanos tivessem razão quando diziam que ela é o que há de mais próximo da poesia e da oratória"**. ("Oh, sim. Não é encantador?", disse Jackie, quando lhe comuniquei essa opinião.)

Durante o último fim-de-semana de julho, mantive três conversações com Bob e, com sua irrestrita aprovação, meu agente vendeu à revista **Look**, por 665 mil dólares, os direitos mundiais de publicação de um resumo do livro em folhetins. Foi o próprio Bob Kennedy que, impressionado, me declarou que provàvelmente se tratava de um recorde. De acôrdo com o nosso **memorando de entendimento** de 1964, os direitos de seriação do livro em revistas ilustradas ficavam especificamente reservados para o autor. Embora eu mal me pudesse dar conta disso, a minha situação financeira mudara dramàticamente. No dia seguinte, eu comecei a colocar as malas no meu Ford. Tinha planejado levar minha família para o Estado do Maine, nas nossas primeiras férias verdadeiras nos últimos quatro anos.

Mas essa arrumação da bagagem era prematura. Enquanto eu colocava as valises na armação existente na capota do carro, Bob, em Hyannis Port, estava dando a notícia à sua cunhada. Agora, que a publicação do livro nas revistas era iminente, ela teria que enfrentar a realidade. E não podia. Embora os proventos quase totais das edições devessem ser pagos à Biblioteca Kennedy (atualmente estima-se em 5 milhões de dólares os proventos que essa instituição deverá receber), ela denunciou a seriação na revista **Look** como uma "comercialização". Depois, um membro da família me disse que Bob deixara a casa dela desanimado, embaraçado e perplexo. Êle era muito difícil de encontrar e, por isso ouvindo rumôres de descontentamento, escrevi-lhe para dizer-lhe que **"o tempo dos intermediários havia passado. Embora inestimáveis, por vêzes, êles tinham certa debilidade. E a cadeia que formavam conduzia a inevitáveis distorções. Por isso, eu sugiro que adotemos o seguinte procedimento: se alguma questão surgir em tôrno do entendimento entre nós, um dos dois se comunicará com o outro pelo telefone"**. Não obtive resposta. Repetidamente, durante essa semana, tentei telefonar-lhe, do Maine. Mas só consegui falar com sua espôsa, com seu secretário e com Arthur Schlesinger, e todos me asseveraram que eu não tinha motivos para preocupar-me. Arthur me afirmou no dia 7 de agôsto que passara a noite anterior conversando com Jackie e Bob e que tudo estava "tranqüilo".

Se tivesse escrito "pandemônio" teria escolhido palavra mais adequada. Essa foi a palavra que se impôs, em seguida, como uma verdadeira labareda, e algumas de suas faíscas atingiram o próprio Arthur. Passei as três horas menos confortáveis de minha vida no escritório de Bob Kennedy na tarde de 12 de agôsto, observando, com espanto, a sua atitude, enquanto êle andava de um lado para outro, como um tigre enjaulado, entre nós três, Evan Thomas, John Seigenthaler e eu. Cada um dos quatro guarda suas próprias lembranças dessa turbulenta reunião. Inevitàvelmente, elas divergem. Posso apenas dizer que as minhas são as mais dignas de crédito, porque naquela mesma noite, sentado num motel, bati à máquina uma descrição de tudo quanto aconteceu, com os menores detalhes que podia recordar.

Ao fim de tudo, eu estava procurando descobrir o que estava errado e dera causa a tudo aquilo, que me parecia tão fútil. Como a Sra. Kennedy, Bob me parecia inteiramente irracional. Êle me acusou de ter levantado a voz, enquanto falava defendendo o meu livro. Tentou deixar a sala da reunião, escondeu-se num dormitório e, depois, saltou de lá, numa atitude acusadora, de dedo em riste para mim. Uma vez, chamou Evan de parte, para uma conversação em voz baixa, enquanto dardejava olhares na minha direção.

Mais tarde, no nosso táxi, Evan disse que Bob simplesmente lhe havia dito que

Lutando para manter a integridade de sua obra, William Manchester se recusou a eliminar do livro quaisquer passagens de natureza política, por maiores que fôssem as pressões recebidas

era veementemente contrário à publicação do texto em revistas ilustradas, mas apoiava a publicação do livro. E depois que o iate **Caroline** tinha zarpado com Bob para o cabo onde êle ia passar o fim-de-semana à beira-mar, Seigenthaler me bateu nas costas e me disse que não me preocupasse. Bob já havia sido muito mais rude com êle. No escritório, porém, o incidente fôra profundamente enervante. Além disso, eu tinha sido educado na convicção de que os cochichos, na presença de terceiros, são o que há de mais impróprio. Cavalheiros bem educados, dizia meu pai, nunca fazem tal coisa. É verdade, contudo, que êle não mencionara os senadores...

Por três vêzes nesse mês, duas das quais durante tal reunião, eu estivera enfurecido a ponto de entrar em luta corporal. A primeira foi quando êle sugeriu que eu **"cortasse as provas da composição tipográfica a tal ponto que elas se tornassem impublicáveis"**. Espantado, repliquei: **"Mas isso seria faltar à ética, Bob."** Êle riu: **"Se não quer fazer isso, dê as provas ao John."** Seigenthaler se limitou a sorrir dèbilmente, mas Evan recalcitrou e eu peguei fogo. Depois de um intervalo, durante o qual lhe perguntei quantos outros autores de

O Ministro Earl Warren e seus companheiros de comissão. O trabalho duro foi dos assistentes.

livros sôbre Kennedy tinham produzido direitos autorais pagos à Biblioteca (apenas um, informou John, e a soma fôra de 3 mil dólares), Bob respondeu com outra pergunta: **"Quanto é que você quer? Trezentos mil dólares? Quatrocentos mil?"** Eu procurei dominar as asperezas de minha voz, para dizer: **"Seja realista. Eu assinei um contrato com Mike Cowles, editor de Look."** Êle olhou para mim, enraivecido, é gritou: **"É favor não levantar seu tom de voz quando falar comigo!"**

A terceira vez foi quando Evan me leu um telegrama do escritório de Bob. Começava assim: **"Sob as atuais circunstâncias, acho que o livro sôbre a morte do Presidente Kennedy não deve ser publicado nem seriado. Muito apreciaria que comunicasse isso a Bill Manchester."** Considere agora o leitor quais eram as circunstâncias existentes: a pedido dos Kennedy, eu deixara o meu emprêgo, mudara-me com a minha família para outra cidade e investira tôdas as minhas economias, além de dois e meio anos de minha vida nesse livro. Atendendo a uma sugestão do próprio Bob, eu assumira com **Look** um compromisso que, se não fôsse mantido, poderia me expor a ser processado e condenado a pagar uma enorme quantia por perdas e danos. Contudo, Bob queria que eu me esquecesse de tudo isso. Ou, para ser mais correto, dizia a Evan que me dissesse isso... Era algo absurdo, que não fazia sentido. Dessa maneira, êle nada iria conseguir. E é por essa guinada inteiramente maluca que se explica a conduta de Bob durante tôda a controvérsia surgida. A astúcia política de Bob é legendária. Sem ela, seu irmão talvez jamais tivesse sido eleito presidente dos Estados Unidos. Ora, um homem tão refinado não procede como um frustrado ou como um moleque a menos que tenha para isso muito fortes razões. Matar tal charada não é muito difícil. Êle e Jackie tinham as suas razões. Em nosso país, ainda há dezenas de milhões de norte-americanos que não podem encarar o atentado de Dallas no plano da lógica. Se essas pessoas são irracionais, certamente o melhor de suas simpatias e de sua compaixão vai para aquêles que estavam mais perto do presidente assassinado. Bob não podia suportar a leitura do meu livro e, por isso, não podia, tampouco, oferecer sugestões construtivas. Podia apenas bracejar na maré montante de suas mágoas sem solução enquanto os encontros se repetiam, comigo, ou com Jackie e outros em Hyannis Port, Nova Iorque e Washington.

Durante o repiquête do verão, a programação editorial de **Look** e da casa Harper & Row continuava no seu ritmo normal, aproximando-se cada vez mais a data da publicação. Mike Cowles, num gesto delicado para com a viúva, reduziu o número de folhetins de sua revista, inicialmente de sete, para apenas quatro, e adiou o início da inserção para janeiro de 1967, a fim evitar que coincidisse com o aniversário da tragédia. Quanto ao livro, apareceria na primavera. Isso, contudo, seria o último limite das concessões feitas à família. Bob pareceu dar-se por satisfeito, mas Jackie continuou inabalável. Durante êsse hiato, suas equipes adotaram uma nova tática. O doloroso trabalho de condensação do rascunho inicial, nos meses de abril, maio e junho de 1966, foi inteiramente ignorado. E duas novas ondas de grandes alterações surgiram, para me serem impostas. A primeira veio de Pamela Turnure, a jovem secretária do escritório da Sra. Kennedy. Evan Thomas e eu tínhamos concordado em que não aceitaríamos que a viúva delegasse sua autoridade à Senhorita Turnure. Contudo, a casa Harper & Row havia mandado uma cópia a Pam. Antes que ela abandonasse de uma vez a sua tesoura, 77 passagens ou frases do livro tinham sido cortadas nas provas. Metòdicamente, eliminei tôdas elas. Evan achou que eu fazia mal em atender tão prontamente às sugestões de Pam. E tinha razão. Quando a Sra. Kennedy, mais tarde, examinou pessoalmente o texto, a diferença entre as modificações por ela pretendidas e as que sua secretária sugerira eram extremamente desencontradas.

Pam tinha a mão relativamente leve. Mão pesada, mesmo, era a de John Seigenthaler. John já havia aprovado o meu manuscrito. Mas, agora, êle ou alguém por êle começava a repensar o assunto. E a repensá-lo pòliticamente. E veio uma segunda onda de modificações propostas, 111 ao todo. Como as de Pam, vinham prêsas às provas. Mas enquanto que as dela eram quase tôdas triviais, as dêle teriam exigido que grande parte da história fôsse reescrita. Entre outras coisas, pretendia uma nova versão da primeira reunião do gabinete ministerial sob a presidência de Johnson, eliminando a fricção entre o sucessor de Kennedy e Bob. Em suma: o que pretendia Seigenthaler era uma distorção dos fatos, que imediatamente recusei.

Cinco meses depois, li a notícia de que o editor da revista **Der Stern**, de Hamburgo, a quem **Look** vendera os direitos de seriação para a língua alemã, declarara que as alterações exigidas pela Sra. Kennedy eram **"tocantes e compreensivelmente femininas"**, mas êle **"não poderia atendê-las porque vinham misturadas com outras de caráter político do Senador Bob Kennedy"**. Êsse era, precisamente, o meu problema. Embora até meados do outono ela não tivesse ainda lido o original do livro, os que a cercavam faziam propostas que, comparadas com as de Pam, pareciam relativamente sensatas, mas estavam ligadas à matéria política. Pediram-me que eliminasse 6.472 palavras da seriação de **Look**, a ser reproduzida por outras revistas. Mas quando a Sra. Kennedy examinou o texto pessoalmente, pediu-me que cortasse apenas 1.200 palavras. Em suma, cêrca de 75 por cento das alterações reclamadas em seu nome nada tinham a ver com ela. Eram apenas uma extensão da tentativa no sentido de suprimir fatos vitais.

Aquêles foram dias agitados na cidadela do poder. A imprensa tinha ouvido rumôres acêrca do iminente conflito. E, na ausência de fatos concretos, os boatos se multiplicaram, em tôrno do livro. Muitos dêsses boatos caluniavam o Presidente Johnson. De acôrdo com um dêles, o nôvo presidente se apoderara da Bíblia da família Kennedy. De acôrdo com outro, êle teria sido por mim descrito ao lado do caixão do presidente assassinado, dando gostosas e altas gargalhadas. Por mais fantástica que fôssem essas mentiras, havia pessoas suficientemente crédulas para acreditar nelas. Depois de vacilar momentâneamente e de pensar numa contra-ofensiva, a Casa Branca se manteve sàbiamente silenciosa.

A côrte dos Kennedys estava cada vez mais ativa. Trombetas soaram, os cortesãos se reuniram, proclamações foram lidas, longos punhais foram acerados. As conseqüências nada tiveram de decorosas, mas não me causaram surprêsa. Há longo tempo sou um observador dos fatos políticos e me habituei a aceitar as realidades básicas. Sabia que grande número de homens bem dotados para a vida pública estão arriscando suas carreiras numa grande jogada: a futura Presidência Robert F. Kennedy. Para êles, a demonstração de lealdade a Bob é imperativa, irresistível. E se converteram num dócil rebanho.

Pierre Salinger proporcionou o mais divertido espetáculo. Inicialmente, a Sra. Kennedy havia pedido ao falstaffiano secretário de Imprensa de seu marido que,

Lyndon Johnson, segundo William Manchester, não se exaltou, mesmo quando era caluniado.

em 1964, redigisse os têrmos do **memorando de entendimento**, a ser assinado por Bob e por mim. Em vez disso, êle partira apressadamente para disputar na Califórnia uma das cadeiras do Senado Federal, deixando um recado: o de que eu mesmo redigisse o documento. Agora, êle anunciava que eu "violara" e "fraudara" o "contrato" — um contrato que devia ter redigido, mas que, tanto quanto eu sabia, êle jamais vira. Quando Pierre voltou à cena, emergindo de sua obscuridade, uma verdadeira falange se alinhou sòlidamente contra o livro.

Mas não fiquei sòzinho. A minha correspondência era engrossada todos os dias por um dilúvio de cartas encorajadoras, algumas das quais assinadas por nomes bastantes conhecidos. Evelyn Lincoln telegrafou: **"Fique certo de que continuo a torcer por você."** Jim Swindal, o boêmio nascido no Alabama, que o Presidente Kennedy escolhera para pilôto do avião Air Force One, escreveu-me da Espanha: **"Quem quer que o tenha conhecido, ainda que por pouco, não pode deixar de formar a convicção de que você não trai a confiança de ninguém. Deporei em seu favor a qualquer tempo."**

Os que davam seus testemunhos em sentido contrário decidiram pôr em foco as gravações por mim feitas. Fui acusado de ter desumanamente explorado as minhas entrevistas com a Sra. Kennedy, embora eu tivesse tomado tôdas as precauções para salvaguardar o caráter inteiramente privado e confidencial dessas gravações. Recusei-me até mesmo a discuti-las com a Comissão Warren e, fazendo a revisão do rascunho inicial do meu livro, destruí espontâneamente 200 páginas do texto, por estar então convencido de que eram demasiadamente pessoais ou continham críticas desnecessárias a homens que ainda participam da vida pública. Para os que me acusavam, a veracidade parecia ter perdido todo e qualquer sentido, embora por vêzes, como em geral acontece em tais ocasiões, as declarações particulares de muitos dêsses homens divergissem grandemente de suas declarações públicas. No dia 28 de setembro, um confidente de Bob Kennedy que por três vêzes examinara o texto do meu livro respondeu a uma carta minha com esta mensagem tranqüilizadora: **"Compreendo de maneira muito viva os seus sentimentos, ao mesmo tempo que tenho pena de Jackie e de Bob. Êste é um assunto difícil e emocional para todos vocês. E êles devem compreender a profunda emoção que você experimentou e as agruras que suportou durante êstes dois anos e meio, do mesmo modo que você deve compreender a conduta dêles, revelando por você um pouco menos de consideração do que a que o Presidente Kennedy lhe dispensava... Todos vocês são fortes personalidades com algumas características em comum, principalmente integridade e sensibilidade. Sua integridade e seu orgulho foram feridos, talvez desnecessàriamente."** Sua conclusão era a minha própria: **"Como já estamos vendo, um grande esfôrço será feito para desacreditar o livro, e o melhor meio de enfrentá-lo será através da publicação do próprio livro e da seriação, que darão a medida de sua eloqüência e de sua exatidão."**

Era uma voz sensata em meio a um côro de insânias. Agora, a arena estava tão turba e tão confusa, com poeira, suor e sangue, que nela mal se podia respirar. Todos nós estávamos desfigurados. Todavia, Bob assegurou-me que não haveria pleito judicial. E, na verdade, parecia muito tarde para um litígio nos tribunais. A décima primeira hora chegara e passara. Jacqueline Kennedy há cinco meses conhecia os planos dos editôres. Três meses tinham decorrido desde que **Look** publicara um anúncio de página inteira no **The New York Times**, anunciando a próxima seriação do resumo do livro. O perigo parecia ter sido afastado. Mas, depois, ao soar o que poderíamos chamar a última badalada da meia-noite, ela entrou em ação. Para o espanto de todos, iniciou um processo contra a revista, a casa-editôra e o autor. Nessa noite, seu cunhado, na residência de Hickory Hill, recepcionava quatro editôras e lhes confessou que ficara estarrecido. Significativamente, êle, que assinara o memorando comigo, não a acompanhara no pleito, como **litis consorte.**

Encarado sob qualquer espécie de critério, a oportunidade escolhida foi extraordinária. Um perfeito **timing.** Contratos tinham sido assinados com cêrca de uma dúzia de grandes publicações em países estrangeiros, e as traduções estavam sendo feitas a toque de caixa. As provas de Harper & Row haviam passado pela revisão final. O Clube do Livro do Mês acabara de anunciar **A Morte de um Presidente** como a sua seleção de abril. As gigantescas impressoras a côres de **Look** já estavam imprimindo o primeiro folhetim da série. Parecia que, como **Alice no País das Maravilhas,** tínhamos acabado de passar para o outro lado do espelho.

Só havia uma solução — um acôrdo fora dos tribunais. Jacqueline Kennedy chegou primeiro a êsse acôrdo com o autor e com os editôres de **Look.** Concordamos em cortar 1.600 palavras a seu pedido e ela concordou em não se opor à seriação, após êsses cortes. Foi a primeira vitória. Mas restava o problema do livro. A data do julgamento estava marcada. O Senador Robert E. Kennedy fôra citado como a testemunha principal e faltavam apenas algumas horas para a audiência quando a Sra. Kennedy, numa vigília que só terminou às 5 horas e 30 minutos da manhã, terminou por fim a leitura de todo o original, com o que uma pessoa de sua amizade qualificou de "crescente surprêsa e fascinação". Uma grande soma de angústias teria sido poupada se todos os que se empenhavam na publicação do livro — inclusive o autor — a tivessem convencido a lê-lo na primavera passada. Agora, ela dificilmente poderia retratar as duras palavras anteriormente proferidas em seu nome. Isso poderia ser interpretado como uma traição àqueles que a serviam o melhor que podiam. E eu não preciso de vingar-me de ninguém. Meu próprio livro se incumbirá disso. Outra vez, risquei certo número de passagens que ela impugnou e, para provar-lhe que o desejo de lucro estava tão longe da minha mente quando atendera ao seu apêlo, três anos antes, renunciei a certas fontes de direitos autorais que estavam reservadas para mim. Então, ela desistiu da ação judicial. Os papéis nesse sentido foram assinados e uma declaração conjunta distribuída à imprensa. Ela se declarou satisfeita e as três pessoas, que eram os principais interessados, deixaram o tribunal, com seus advogados.

Jack Ruby, prêso em flagrante. Sua passagem por 70 policiais deixou W. Manchester perplexo.

Uma vez estivemos unidos por uma amizade única. Mas, agora, profundas feridas existem. Eventualmente, elas cicatrizarão, mas permanecerão sempre as feias escaras. Hoje, acho que o desencanto era inelutável. Tivessem os Kennedy escolhido um talento pedestre, a crônica resultante de seu esfôrço teria sido branda e chata, não dando oportunidade a qualquer conflito. Meu crime foi o de estar decidido a dar a esta geração a história viva, a recriação gráfica exata daqueles dias de novembro, tal como realmente foram, reproduzindo o que as pessoas envolvidas verdadeiramente disseram ou sentiram. Pude fazer isso porque eu sabia a verdade, porque eu a extraíra de seus diários, memorandos, gravações e de entrevistas que eram, por vêzes, hinos de amargura, de cortar o coração.

Durante êsses três anos e meio, desde o crime de Dallas, amizades, atitudes e ambições políticas alteraram aquêles que estiveram no centro do ciclone. Muitos gostariam de ter sido e agido diferentemente do que então eram ou fizeram. Êsses, sem dúvida, repudiarão o meu livro, mas eu já esperava isso na manhã em que comecei a escrevê-lo. Eu não poderia retocar o passado. Teria de fixá-lo precisamente como eu o vi, com todo o seu horror, glória, absurdos, esplendor, ódios, mal-entendidos e momentos de grande teatralidade. Se o leitor discordar, ou quiser saber porque fui tão veemente, deixe-me recordar-lhe, gentilmente, que uma vez, quando éramos todos mais jovens, houve um presidente norte-americano que arriscou sua vida na arena, e morreu nela. E que êsse presidente gostaria que a sua história fôsse contada verdadeiramente, limpamente, sem distorções, direita como uma linha reta.

FIM

TALENTO CONTRA GLAMOUR

QUATRO PERSONAGENS EM BUSCA DE UM OSCAR

Texto de NARCEU DE ALMEIDA

O mundo cinematográfico está em expectativa: na noite do dia 10 de abril, pela 39.ª vez, serão atribuídos os prêmios anuais da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood — ou, mais simplesmente, os famosos e cobiçados "Oscars". Como ocorre quase todos os anos, pode-se esperar que as escolhas da Academia sejam contestadas pela maioria dos críticos e dos defensores da pureza do cinema como **Arte,** com **A** maiúsculo. Entretanto, apesar das alegadas concessões aos aspectos industriais e comerciais do cinema, é inegável o interêsse que os prêmios despertam nos próprios meios cinematográficos mundiais, para não falar no **suspense** que criam entre o público. Entre os atôres, particularmente, não há prêmio mais desejado e mais consagrador do que a pequena estatueta de ouro de Hollywood — embora todos saibam que a mesma não é de ouro maciço.

Êste ano, a escolha será uma das mais difíceis da história do "Oscar", em face da alta qualidade dos filmes e do nível dos atôres e dos diretores indicados (até Antonioni, considerado o gênio do cinema de vanguarda, está no páreo, pela direção de **(Blow-Up).** Entre as atrizes, por exemplo, os nomes de Elizabeth Taylor, das irmãs Vanessa e Lynn Redgrave e de Anouk Aimée criaram um verdadeiro quebra-cabeças sem solução para os votantes, que talvez encontrem uma saída escolhendo a polonesa Ida Kaminska, do filme **A Pequena Loja da Rua Principal.**

Em cima: Liz, em Quem tem mêdo de Virgínia Woolf. *Embaixo: Vanessa Redgrave brilhou em*

Morgan, britânico. *Em cima: Anouk Aimée conquistou o mundo, e poderá obter o "Oscar", em Um Homem e uma Mulher. Embaixo: Ida Kaminska poderá surpreender.*

Claude Lelouch foi apontado como um dos prováveis ganhadores do Oscar, na categoria de diretores de cinema, por seu excelente Um Homem e Uma Mulher. Do capô de velozes carros, êle filmou cenas de corridas em Monte Carlo.

Lee Marvin, Cláudia Cardinale, Robert de Os Profissionais, sob a direção de

Steve McQueen, por sua atuação no épico O Canhoneiro do Yang-Tsé, é um dos atôres mais cotados para o Oscar dêste ano. O filme é dirigido por Robert Wise e conta as peripécias de patrulheiros da Marinha americana na China.

É impressionante a predominância dos artistas inglêses entre os prováveis vencedores do *Oscar* dêste ano

Os candidatos ao **Oscar** do melhor filme são: **Como Conquistar as Mulheres,** de Lewis Gilbert, com Michael Caine, Shelley Winters e Millicent Martin; **O Homem que Não Vendeu sua Alma,** de Fred Zinnemann, com Paul Scofield, Wendy Hiller, Orson Welles e Susannah York; **Os Russos Estão Chegando! Os Russos Estão Chegando!** de Norman Jewison, com Alan Arkin, Carl Reiner e Eva Marie Saint; **O Canhoneiro do Yang-Tsé,** de Robert Wise, com Steve McQueen, Richard Attenborough e Candice Bergen; e **Quem Tem Mêdo de Virginia Woolf,** de Mike Nichols, com Elizabeth Taylor e Richard Burton. Os atôres mais cotados para o **Oscar** de interpretação são Richard Burton, Paul Scofield, Steve McQueen, Michael Caine e Alan Arkin, nos filmes citados acima. O prêmio feminino caberá, provàvelmente, a uma dessas: Elizabeth Taylor, Vanessa Redgrave (por seu papel em **Morgan!,** filme inglês), Lynn Redgrave (por **Georgy, a Feiticeira**), Anouk Aimée (por **Um Homem e Uma Mulher**) e Ida Kaminska, a velhinha da **Pequena Loja da Rua Principal.** Entre os diretores, os principais candidatos, além de Antonioni, são Richard Brooks (**Os Profissionais**), Claude Lelouch (**Um Homem e Uma Mulher**), Fred Zinnemann (**O Homem que Não Vendeu sua Alma**) e Mike Nichols (**Quem Tem Mêdo de Virginia Woolf?**).

Como Conquistar as Mulheres é baseado numa comédia de William Naughton e conta a história cômica de um jovem pobretão, em Londres, que conquista mulheres com a mesma facilidade com que Pelé conquista gols. A primeira a ser seduzida por Alfie (Michael Caine) é Millicent Martin, seguindo-se uma coleção que inclui Shelley Winters, Shirley Anne Field e a namorada do **beatle** Paul McCartney, Jane Asher, além de umas dez outras. O Casanova londrino envolve-se nas maiores complicações, naturalmente, e termina só e abandonado. O filme foi exibido em Cannes, em 1966, mas não fêz sucesso, sendo considerado um tanto vulgar.

O Homem que Não Vendeu sua Alma é Thomas More, o filósofo, humanista, jurista e político inglês do século XVI, mais conhecido entre nós como o autor da **Utopia.** O filme é extraído da peça teatral de Robert Bolt e apresenta, como Thomas More, o grande ator shakespeariano, Paul Scofield. A história conta o terrível conflito vivido por More, a quem Henrique VIII nomeou Lorde Chanceler, com a esperança de que o humanista deixaria de lado a teologia a fim de legalizar o seu divórcio da rainha, a quem considerava estéril como um tijolo. Thomas More tenta atender ao rei sem transgredir a religião, mas não consegue, é apontado como traidor e condenado à morte.

Os Russos Estão Chegando! Os Russos Estão Chegando! é uma comédia da nova geração do cinema americano. O filme zomba da

Ryan e Woodie Strode encabeçam o elenco Richard Brooks, candidato ao Oscar.

O Homem que Não Vendeu sua Alma, com Paul Scofield e Orson Welles, é candidato aos Oscars de melhor filme, melhor diretor (Fred Zinnemann) e melhor ator (Paul Scofield). A película conta o drama de Sir Thomas More.

guerra fria e modifica a **imagem** que Hollywood apresenta dos russos, tradicionalmente, como truculentos imbecis. Os russos da película de Norman Jewison são os tripulantes de um submarino que encalha num banco de areia, perto de Cape Cod, nos Estados Unidos. Quando êles vão pedir auxílio, são tomados por invasores. O pânico se alastra, numa reação em cadeia, e a confusão resultante dá origem a uma das melhores comédias dos últimos anos. Seu sucesso foi tão grande que os produtores resolveram fazer **Os Chineses Estão Chegando!**

O Canhoneiro do Yang-Tsé é dirigido pelo excelente Robert Wise, que já nos deu filmes memoráveis como **Punhos de Campeão, Quero Viver** e **Amor, Sublime Amor.** Voltando às películas de aventuras e **suspense,** Wise conta-nos agora as atribulações de um barco de patrulha da Marinha americana, o **San Pablo,** nas águas chinesas do Yang-Tsé. Os atôres são Steve McQueen, Richard Attenborough, Richard Crenna e Candice Bergen.

Quem Tem Mêdo de Virginia Woolf? apresenta o Casal Vinte do cinema, Richard Burton e Liz Taylor, ao lado de George Segal e Sandy Dennis, na versão cinematográfica da famosíssima peça de Edward Albee. A interpretação do quarteto é tão brilhante que, no dia 10 de abril, cada um poderá ganhar um **Oscar,** pois George Segal e Sandy Dennis também estão indicados para os prêmios de, respectivamente, melhor ator e melhor atriz coadjuvantes. Esta é a quarta vez, nos trinta e nove anos de existência do **Oscar,** que marido e mulher são indicados, no mesmo ano, para os prêmios de melhor ator e melhor atriz.

O inglês Michael Caine subiu ao estrelato com o filme Arquivo Confidencial e é candidato ao Oscar de 1967, devido à sua atuação em Como Conquistar as Mulheres, comédia de Lewis Gilbert, rodada na cidade de Londres.

★ Um brasileiro em N. Iorque
★ A revolução de um arquiteto
★ A nova face de Santos
★ Quem é Carlos Swann?

PÔSTO DE ESCUTA

O Marechal **Castelo Branco** recusa-se a utilizar os papéis de carta com o brasão de família impresso em alto-relêvo que recebeu de presente de um admirador português, residente em Lisboa. E explica: "Quem receber uma carta assim vai dizer: êsse Castelo ficou insuportável depois de ter sido presidente da República."

No seu primeiro dia de trabalho no Palácio do Planalto, o Presidente **Costa e Silva** foi insistentemente procurado por parlamentares, que lotaram seu gabinete para apresentar reivindicações de seus estados. Recebeu a todos, porém, no dia imediato, determinou que as audiências aos congressistas ficariam limitadas às primeiras e terceiras sextas-feiras de cada mês. E ainda assim, entre as 10 e 12 horas.

Visitando Goiânia na semana passada, o Embaixador **John Tuthill**, dos Estados Unidos, foi abordado por um cidadão que lhe apresentou projetos sôbre uma garagem automática e contrôle de natalidade. A primeira preocupação do embaixador foi a de saber se entre um e outro projeto havia qualquer tipo de relação.

O ex-Ministro **Juraci Magalhães** chegou à ilha de Itaparica, na Bahia, para cumprir ao pé da letra a sua promessa: "Vinte dias de papo pro ar, brincando com os netos."

Sob a chefia do General **Garrastazu Médicis**, o SNI terá participação ativa no programa de relações públicas a ser desenvolvido pelo nôvo govêrno: vai coletar informações sôbre as aspirações populares e medir a repercussão dos atos do Marechal **Costa e Silva.**

O líder **Mário Covas** recomendou aos integrantes da bancada do MDB na Câmara que ocupassem as poltronas ao seu lado, à esquerda do plenário: "É questão de coerência ou mesmo de proteção física, se fôr o caso."

A comitiva dos Estados Unidos que estêve em Brasília para assistir às solenidades de posse do nôvo presidente foi chefiada por **Edmund Brown**, ex-governador da Califórnia, derrotado nas últimas eleições pelo ator **Ronald Reagan.** Dela também participou o diplomata negro **Chester Carter**, recém-chegado de Punta del Este, onde coordenava os preparativos para a recepção do Presidente **Lyndon Johnson**, em abril.

A Universidade de Brasília contratou a poetisa goiana **Cora Coralina**, de 74 anos, para pronunciar conferências sôbre sua obra poética — **Poemas dos Becos de Goiás e Outras Estórias Mais** — na segunda quinzena de abril. **Coralina** reside em Goiás Velho e vive do produto da venda de doces e do seu livro, editado pela **José Olímpio.**

Ouvindo o rádio do automóvel no percurso entre a Granja do Ipê e o Palácio do Planalto, o Presidente **Costa e Silva** se mostrou surpreendido com a notícia de que funcionários públicos lhe haviam encaminhado memorial pedindo aumento de vencimentos: "Ué? Isso nem chegou às minhas mãos."

Como nos dias de grandes julgamentos, o Supremo Tribunal Federal foi agitado na semana passada pela visita de **Marta Rocha.** Acompanhada pelo marido, **Ronaldo Xavier de Lima**, a ex-Miss Brasil visitou, um por um, a todos os ministros nos seus gabinetes.

O Ministro **Pedro Chaves** recusou o oferecimento de seu colega **Gonçalves de Oliveira** para assumir a presidência do Tribunal Superior Eleitoral antes de cair na compulsória, em julho próximo. Êle será um dos raros ministros do Supremo Tribunal que não exercerá a presidência do TSE.

O Ministro **Jarbas Passarinho**, do Trabalho, pretende repetir em Belo Horizonte, no Rio, em Recife e Pôrto Alegre, o encontro que realizará em São Paulo com representantes dos sindicatos de trabalhadores. Quer restabelecer o diálogo interrompido durante o govêrno passado.

A pretexto de simples visita, o Ministro **Magalhães Pinto** surpreendeu um grupo de amigos com um jantar oferecido na sua residência oficial na Península do Lago, em Brasília. Entre os surpreendidos, estava a própria mulher do ministro. D. **Berenice**, que, ao ver o marido oferecer uísque aos convidados, ficou preocupadíssima porque achava que a casa ainda não estava devidamente equipada.

Mais de seis mil pessoas visitaram o Palácio do Itamarati, em Brasília, no seu primeiro dia de franquia ao público. Durante várias horas, o Ministro **Vladimir Murtinho**, responsável pelas obras e ardoroso defensor da mudança do Ministério do Exterior para a capital, saboreou pessoalmente a admiração dos visitantes pela imponência e bom gôsto do palácio.

★ O Presidential Grid Seminars, de Austin, Texas, é o mais importante curso de alta administração de emprêsas no mundo. Na última turma, havia um brasileiro, o Sr. **Rubens Garcia Nunes**, gerente do Banco da Lavoura em Nova Iorque, que obteve a maior nota final, dentre os 18 dirigentes de emprêsa que participaram do curso.

A todos quantos vão elogiá-lo pelas metas que cumpriu à frente do DNER, o engenheiro **Algacir Guimarães** diz que grande parte do seu êxito se deve à equipe de técnicos do departamento, que é uma das melhores do mundo.

Ao ser escolhido para presidente do Banco do Brasil, o Sr. **Nestor Jost** teve a satisfação de ver aceita a indicação que fêz do seu assessor **José Antônio de Mendonça Filho**, para substituí-lo na Carteira Agrícola e Industrial do Banco do Brasil. A continuidade é a meta.

O Presidente **Costa e Silva** determinou que seja levado para Brasília o Willys especial de luxo, que foi presenteado ao Marechal **Castelo Branco** e que se encontrava estacionado no Palácio das Laranjeiras. O automóvel tem rádio, geladeira, telefone, bar e outros equipamentos modernissimos. Substituirá a antiga Mercedes, comprada ainda no tempo do Sr. **João Goulart.**

Lançamentos na praça: **Geopolítica do Brasil**, do General **Golberi; Caminho de Pedras**, de **Rachel de Queiroz; O Abecê do Rio**, de **Dair Cumplido Sant'Anna; O Sonho dos Cavalos Selvagens**, de **Álvaro Pacheco.**

O Marechal **Castelo Branco** está sendo muito solicitado a escrever suas memórias. Aguardem.

Depois de ter sido o parlamentar mais votado pelo MDB do Amazonas, o Deputado **Bernardo Cabral** conseguiu em apenas 10 dias fazer sua estréia no Grande Expediente com um longo discurso sôbre a internacionalização da Amazônia. Cinco dias depois, era eleito vice-líder da bancada da oposição na Câmara. Nessa marcha, vai longe.

Dois coronéis importantes são os sustentáculos da administração do General **Aurélio Lira Tavares** no Ministério da Guerra: um, **César Montagna,** no gabinete do Rio e outro, **Antônio Bandeira,** no gabinete de Brasília.

★ Um jovem arquiteto mineiro, de 29 anos, chamado **Cid Horta,** está revolucionando Belo Horizonte. Depois do original projeto, já executado, do Parque Monjolo, de propriedade do Sr. **Mário Lôbo**, e que é uma das coisas de melhor gôsto da capital mineira, o arquiteto está projetando uma rinha de galo, de dois quilômetros quadrados, em forma hexagonal, com sua conformação gerada pelos contornos do próprio tambor de luta. E ainda haverá ar condicionado para os galos.

Dando posse ao Almirante **Macedo Soares** na Comissão de Marinha Mercante, o Ministro **Mário Andreazza** enriqueceu o vernáculo administrativo, trazendo-lhe a expressão "aquavia".

★ O engenheiro **Sílvio Fernandes Lopes,** que exerce pela segunda vez o mandato de prefeito de Santos, vem desfechando uma ofensiva de obras nos setores de ensino, transportes, drenagens, urbanismo e rodovias, dentro do programa "a nova face de Santos". Seu segrêdo é simples: criou a Prodesan, uma sociedade de economia mista para executar obras públicas dentro de um nôvo tipo de planejamento municipal.

★ Em meio às centenas de abraços no Palácio da Alvorada, o Presidente **Costa e Silva** defrontou-se com o Sr. **Álvaro Americano,** secretário de Administração do govêrno da Guanabara, e foi logo perguntando: "Quem é agora o **Carlos Swann?"** Recebeu a seguinte resposta: "É um dos mais jovens e melhores jornalistas da atual geração, chamado **Zózimo Barroso do Amaral."** O Marechal já se afastava, mas ainda comentou: "Tenho de lê-lo todos os dias."

O último ato do Chanceler **Juraci Magalhães** foi condecorar o Deputado **Rui Santos** e o Prefeito **Antônio Carlos Magalhães.** Esta é uma amizade que vem resistindo a tôdas as tempestades baianas e nacionais.

Entusiasmada com a beleza de Brasília, a colunista **Pomona Politis** não se conteve e escreveu uma carta ao ex-Presidente **Juscelino Kubitschek**, penitenciando-se do combate que em certa fase moveu contra a nova capital. Trata-se assim da mais helênica adesão à Frente Ampla.

Do ex-Ministro **Roberto Campos,** embarcando para caçar em Mato Grosso: "Vou enfrentar outras feras."

O neurologista **Sérgio Carneiro,** estagiando atualmente no Hospital da Salpetrière, em Paris, recebeu do Professor **Garcin,** a maior autoridade européia em neurologia, a tese que deverá defender em breve sôbre acidentes vasculares cerebrais.

Na recepção do Palácio da Alvorada, o Senador **Vasconcelos Tôrres** ostentava a Medalha do Pacificador, que recebera poucas horas antes das mãos do Marechal **Ademar de Queirós.**

FÁBRICA DE CIGARROS FLÓRIDA S. A. — FABRICANTES DE CIGARROS DE ALTA QUALIDADE

Avião japonês para o Brasil

O primeiro avião comercial japonês a ser testado por uma linha aérea brasileira será o YS-11. **Acaba de ser oferecido à Paraense Transportes Aéreos,** que cuida, assim, de renovar seu equipamento.

Amazônia interessa aos gaúchos

Reunindo homens de emprêsa paraenses e gaúchos, a Câmara Júnior do Brasil promoveu no Rio Grande do Sul o I Encontro Amazônia—Rio Grande, sob o tema **Porque e Como Investir na Amazônia.** Na reunião, presidida pelo Governador Alacid Nunes, do Pará, e pelo presidente do Banco da Amazônia, Nélson Ribeiro, comprovou-se que **os empresários do extremo Sul estão cada vez mais interessados no mercado do extremo Norte do país.**

Economia mista desenvolve Santos

Experiência pioneira e bem sucedida em administração municipal é a Prodesan, emprêsa de economia mista, criada pelo Engenheiro Sílvio Fernandes Lopes, prefeito de Santos, para o planejamento e execução de obras públicas. Em meio ao mandato que exerce pela segunda vez, **o prefeito já aplicou através da Prodesan cêrca de 10 bilhões de cruzeiros antigos** em trabalhos nos setores de ensino, transportes, drenagens, urbanização, racionalização administrativa e outros.

Telex nos Correios das grandes cidades

Pouco antes do término do seu mandato presidencial, o Marechal Castelo Branco inaugurou em Pôrto Alegre a sétima central de telex do Departamento de Correios e Telégrafos, com capacidade inicial para 80 assinantes. O serviço foi instalado pela Siemens, **que já recebeu encomenda do sistema para nove outras cidades:** Fortaleza, Salvador, Juiz de Fora, Santos, Campinas, Curitiba, Paranaguá, Goiânia e Campo Grande.

Nordeste confia na baixa de preços

Na VI Convenção do Comércio Lojista do Nordeste, realizada em João Pessoa, o banqueiro Newton Rique, expressando a esperança geral dos empresários da região, disse acreditar que, com a recente Resolução n.º 45, do Banco Central, "os consumidores, a indústria, e o comércio terão nas emprêsas de financiamento suficiente apoio creditício para suas operações" e que, em conseqüência, haverá **barateamento nos preços dos bens de consumo e produção.** O Sr. Newton Rique dirige o grupo liderado pelo Banco Industrial de Campina Grande, que promoveu o conclave.

Nôvo superintendente da Norton

Assumiu o cargo de superintendente da Norton Publicidade no Rio o publicitário Irineu Sousa Francisco, **muito conhecido do público de televisão carioca e paulista,** quando fêz sucesso como produtor e apresentador de programas, há bem poucos anos. Acumulará as funções de gerente, que exerce há quatro anos.

Incremento de produtos alimentícios

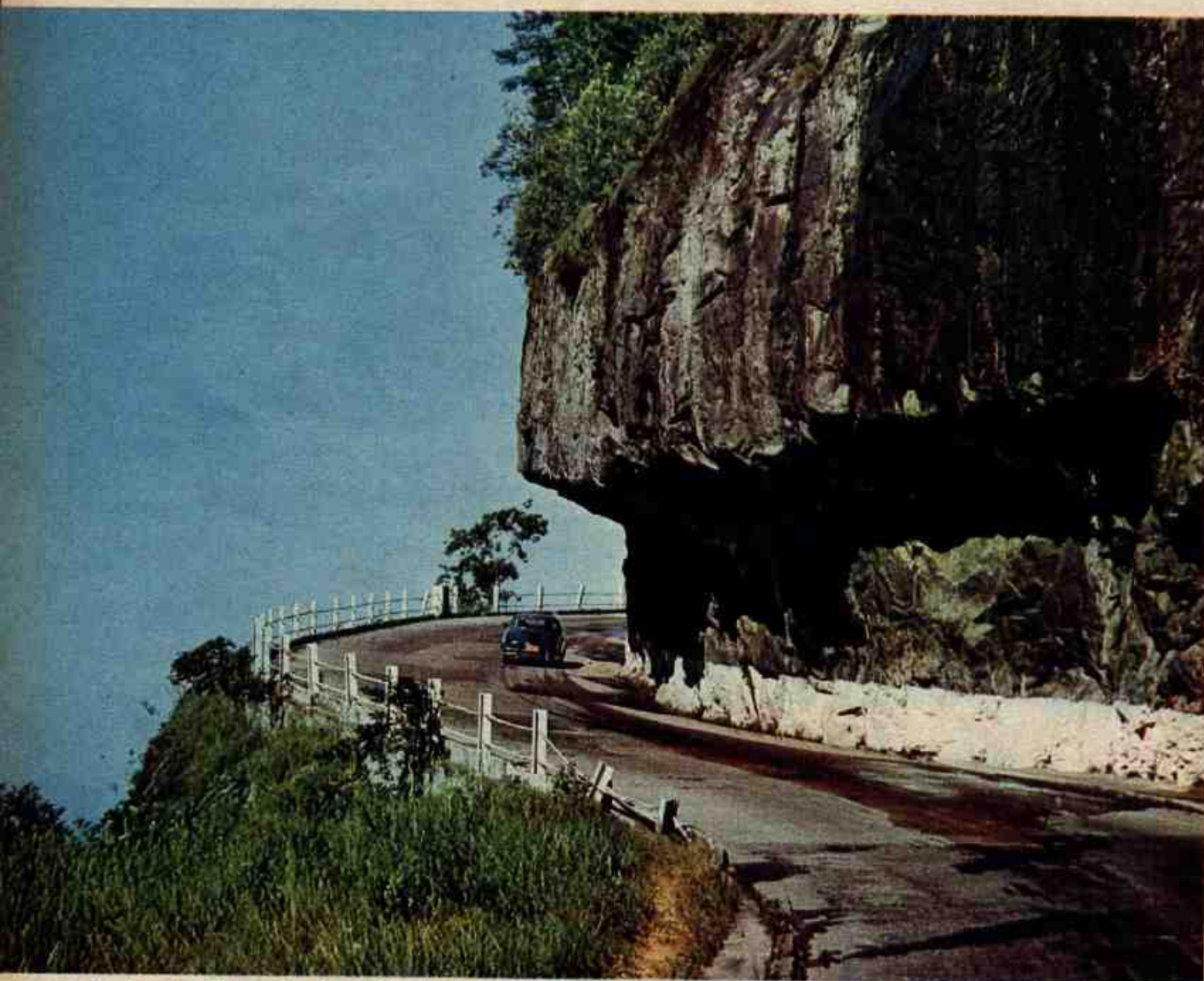
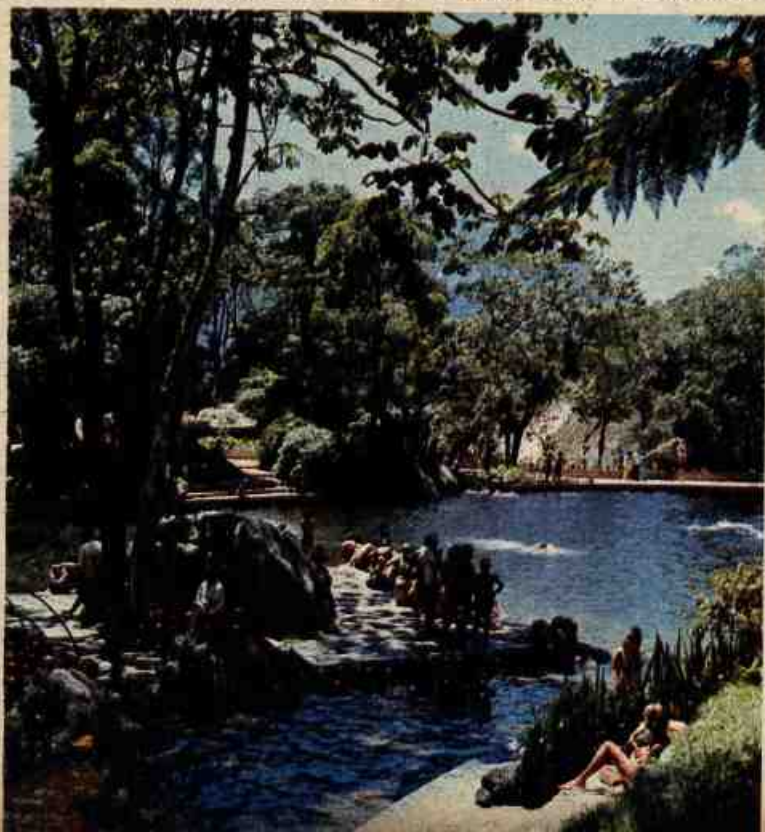
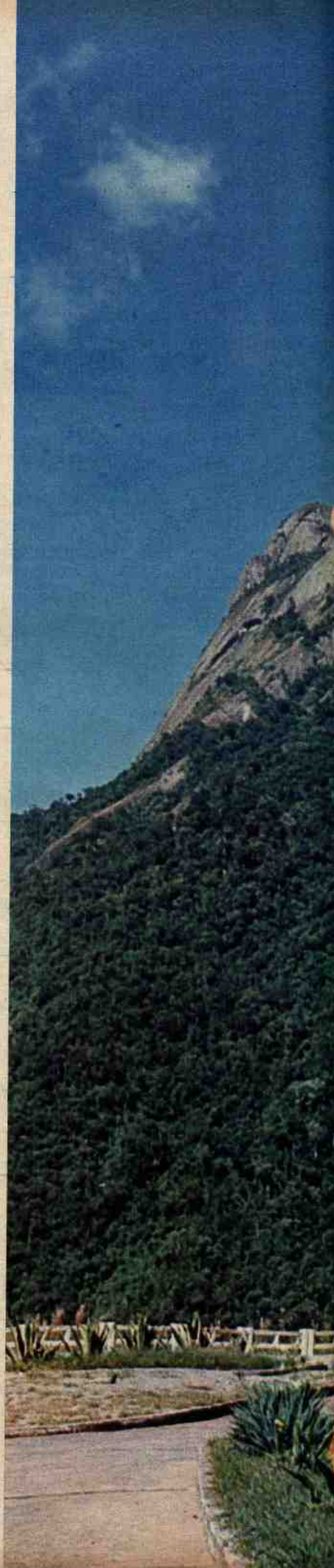
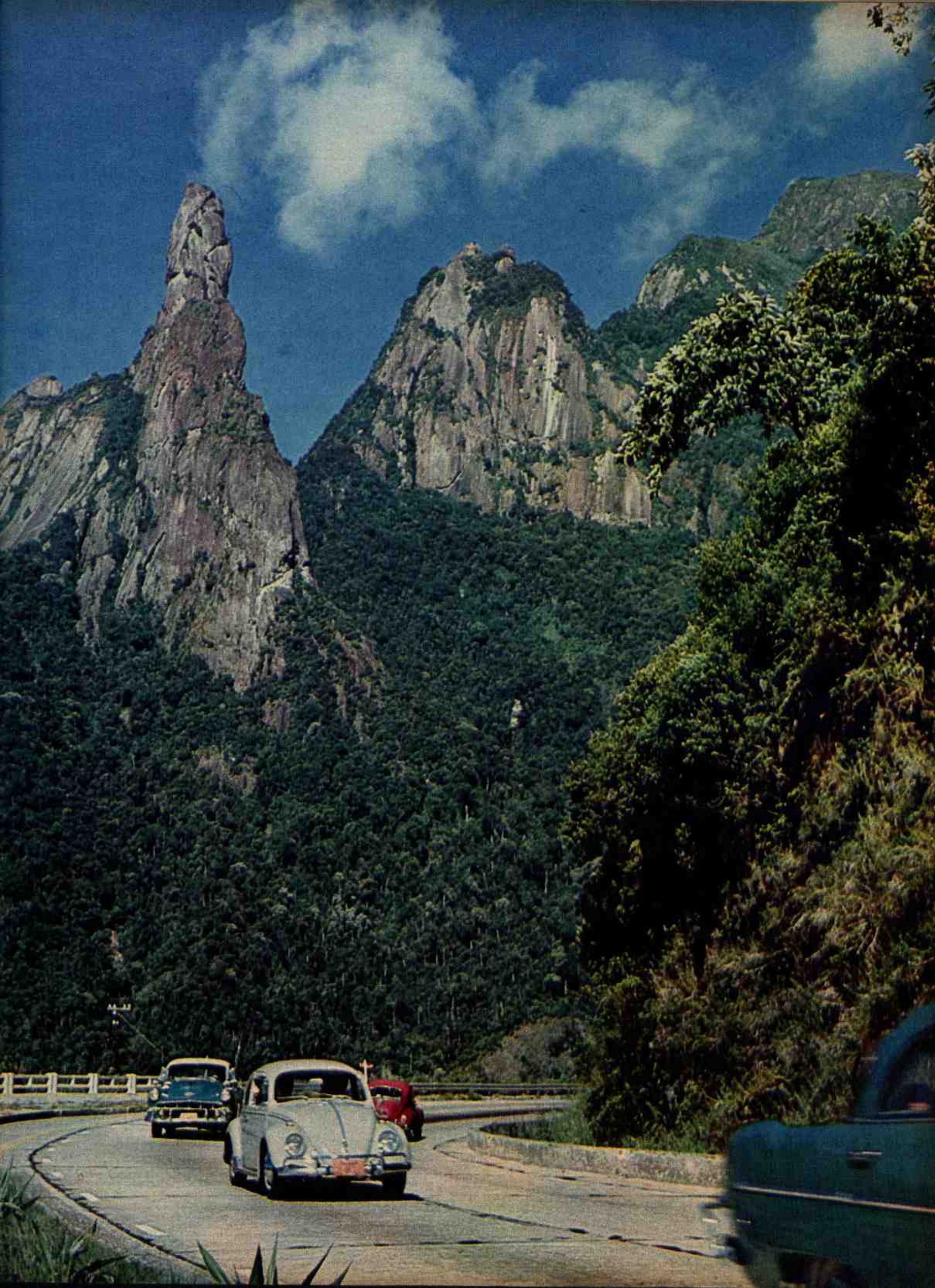
O Sr. Howard Harder, presidente da organização americana Corn Products Company, de que faz parte, em São Paulo, a emprêsa Refinações de Milho Brasil, estêve em visita às instalações desta indústria, objetivando a **criação de novos produtos alimentícios de suas linhas em nosso país.** O Sr. Harder é, também, membro da diretoria de Elevadores Otis e do conselho deliberativo do First National City Bank, de Nova Iorque.

AQUI COMEÇA A SERRA DO MAR

Reportagem de Durval Ferreira • Fotos de Armando Bernardes

É no Rio de Janeiro, com uma paisagem deslumbrante, que começa a serra do Mar. Através de uma contínua muralha de montanhas agrestes, penedos soltos, ilhas e arquipélagos, gigantescos paredões a pique, vales profundos, planícies e pântanos, a partir daqui ela se desdobrará por três mil quilômetros, sempre ao longo do oceano. Este panorama luxuriante e pródigo, sem igual no mundo inteiro, teve importância decisiva no desenvolvimento da História do Brasil, por ter colocado o homem, desde logo, em face de uma cordilheira que durante dois séculos lhe pareceu intransponível. É ela também que ao longo dos anos tem comovido poetas e viajantes. De sua primeira imagem triunfal, a Guanabara, disse Stefan Zweig: "A natureza concentrou, num pequeno espaço, todos os elementos de beleza que costuma distribuir, com parcimônia, pelo território inteiro de outros países."

TRÊS BELAS CIDADES FLORESCERAM NA SERRA DOS ÓRGÃOS. PETRÓPOLIS, A FAVORITA DE PEDRO II, TERESÓPOLIS, DE CLIMA INCOMPARÁVEL, E NOVA FRIBURGO, A SUÍÇA BRASILEIRA

Petrópolis é a primeira das grandes cidades erguidas no seio da serra dos Órgãos, ao longo do vale cavado pelo rio Piabanha e guarnecido de todos os lados por elevados picos. A atual Rio—Petrópolis foi a primeira grande estrada construída sôbre a serra, em 1856. Outras rodovias conduzem a Teresópolis, com o seu famoso Dedo de Deus (1.692 metros) e a Pedra do Sino, ponto culminante do maciço, com 2.263 metros. Em suas faldas corre o vale da Morte, nome tenebroso que os alpinistas deram a uma paisagem deslumbrante. É em Teresópolis que está o Parque Nacional dos Órgãos, em cujos 30 mil hectares correm rios e cachoeiras e há picos encobertos por permanente neblina. Atravessando o rio Paquequer, os caminhos serranos levam então à poética Nova Friburgo, que imigrantes suíços e alemães ergueram, em estilo normando, no meio das cumeadas. Ao longo de tôda a serra do Mar se encontram surpreendentes e maravilhosos recantos, obrigatórios no roteiro dos turistas.

A coleante Rio—Petrópolis, orgulho da engenharia brasileira, se desenrola com elegância serra acima. Muitas vêzes, ao fim de uma curva perfeita, os viajantes têm a oportunidade de contemplar deslumbrantes abismos.

O paraíso existe: o Parque Nacional dos Órgãos (à esquerda), com suas florestas e rios. A atração predileta dos visitantes é a piscina cuja água desce de uma cachoeira. Em cima: a Baronesa, histórica locomotiva, hoje transformada em monumento na praça de Nova Friburgo. A direita: o Dedo de Deus, imponente, dominando a Rio—Teresópolis.

A Via Anchieta, com suas pistas ascendente e descendente e seus viadutos curvos, constitui um milagre da engenharia. Embaixo: o mármore verde de Ubatuba.

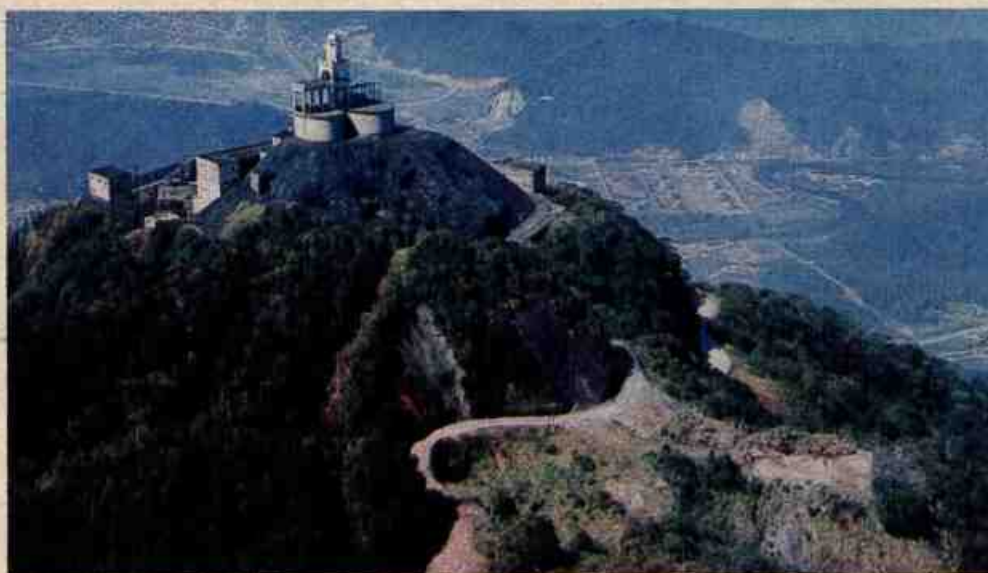
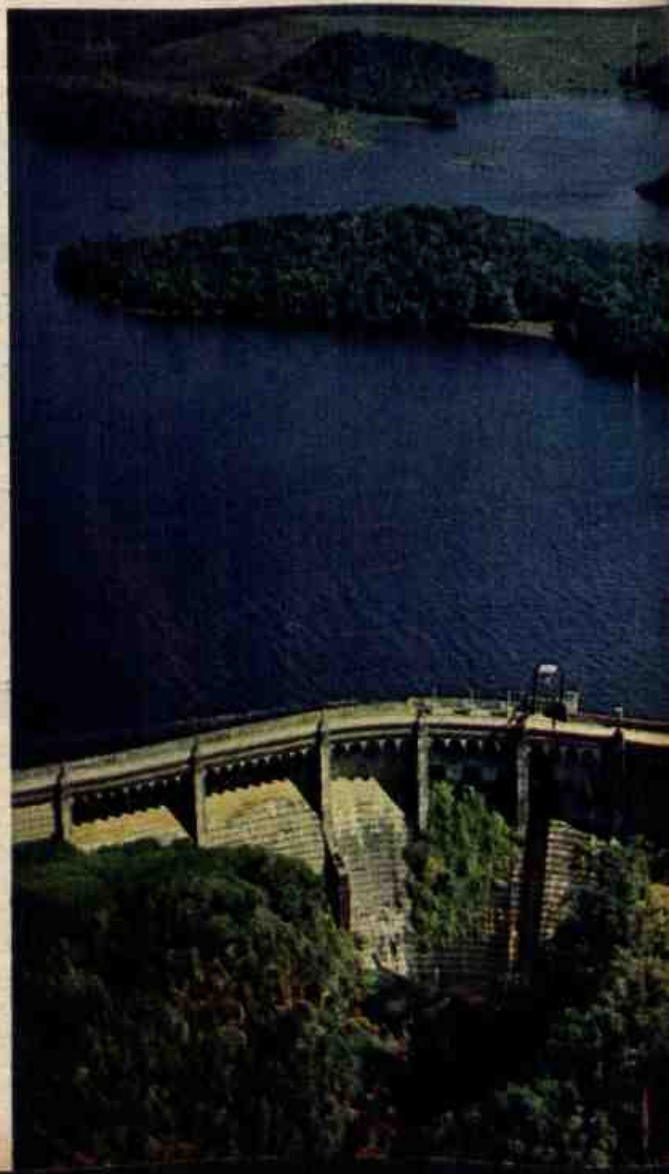
COM PRODIGIOSOS VIADUTOS, A VIA ANCHIETA É A PROVA CONCRETA DA VITÓRIA DEFINITIVA DO HOMEM BRASILEIRO SÔBRE A SERRA QUE TOLHIA O AVANÇO DO PROGRESSO

Esta é a antiga Estrada da Serra do Mar. Foi a primeira estrada concretada do Brasil. Constitui um marco a mais da vitória do homem sôbre a natureza.

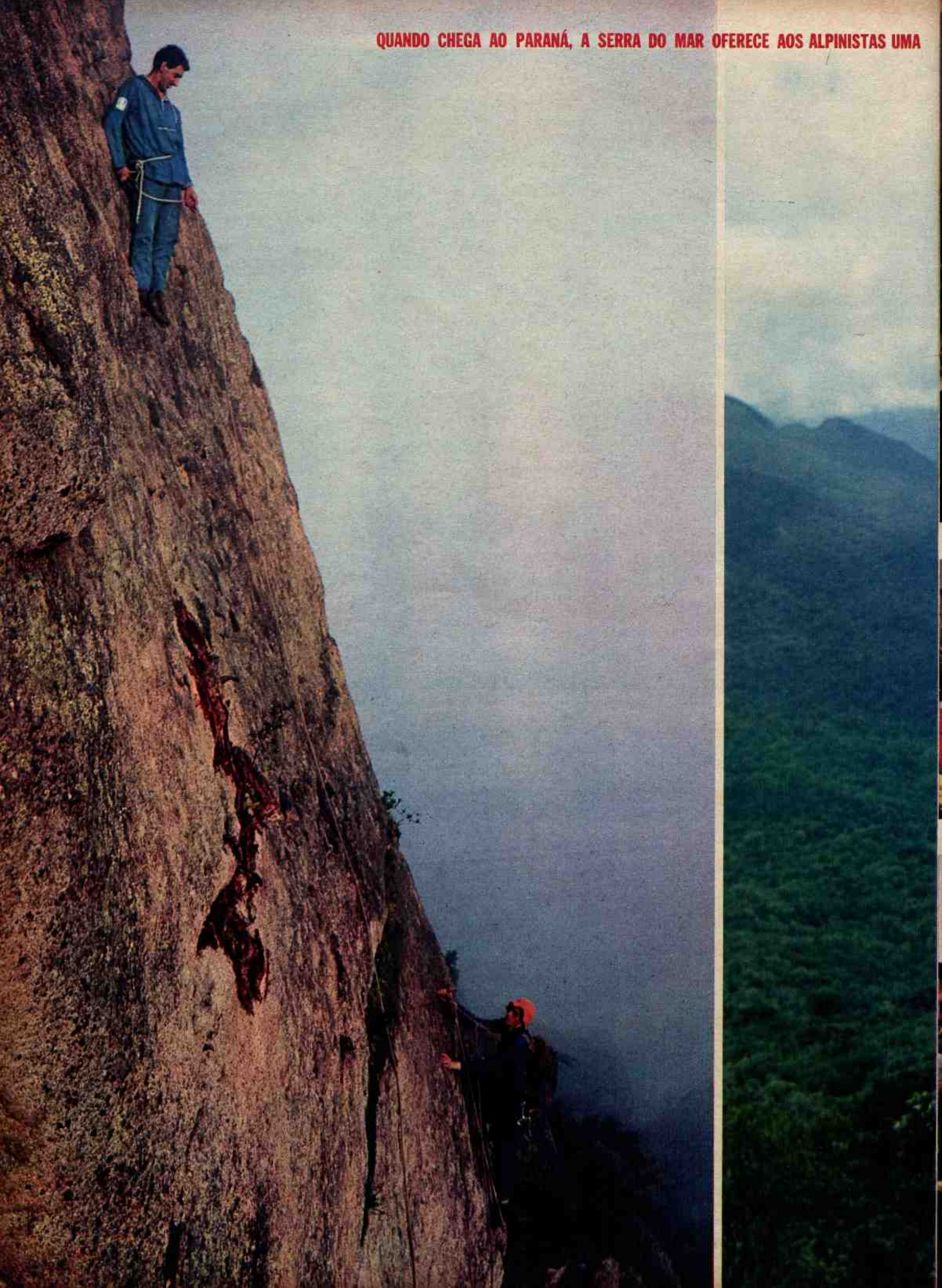
⊞ Para descrever a serra do Mar, no trecho que vai de São Vicente a São Bernardo do Campo e São Paulo, o Padre Anchieta afirmou: "Por lá vão umas serras tão altas que, dificultosamente, podem subir nenhum animal, e os homens sobem com muito trabalho e às vêzes de gatinhas, por não se despencarem, e por ser o caminho tão mau e ter tão ruim serventia, padecem os moradores e os nossos grandes trabalhos". Hoje, as pistas de concreto da Via Anchieta, que seguem quase as mesmas trilhas usadas pelo fundador de São Paulo, figuram entre as mais modernas do mundo. Seus viadutos curvam-se para vencer os grotões e abismos cuja visão provoca desfalecimentos. Saindo de Cubatão, está a antiga Estrada da Serra do Mar, acompanhando a trilha dos tropeiros paulistas, tendo sido esta a primeira estrada concretada do Brasil. Na ânsia voraz de transportar suas riquezas, os paulistas não esmoreceram diante dos contrafortes. No alto da cordilheira, no planalto, encontra-se hoje o maior milagre do homem sôbre a serra que tolhia o avanço da colonização litorânea. É a cidade de São Paulo, com suas indústrias espetaculares. Os geógrafos e psicólogos asseguram que o dilema de subir ou não a serra, resolvido afirmativamente pelos paulistas, determinou o forte contraste de temperamentos entre êstes e os cariocas.

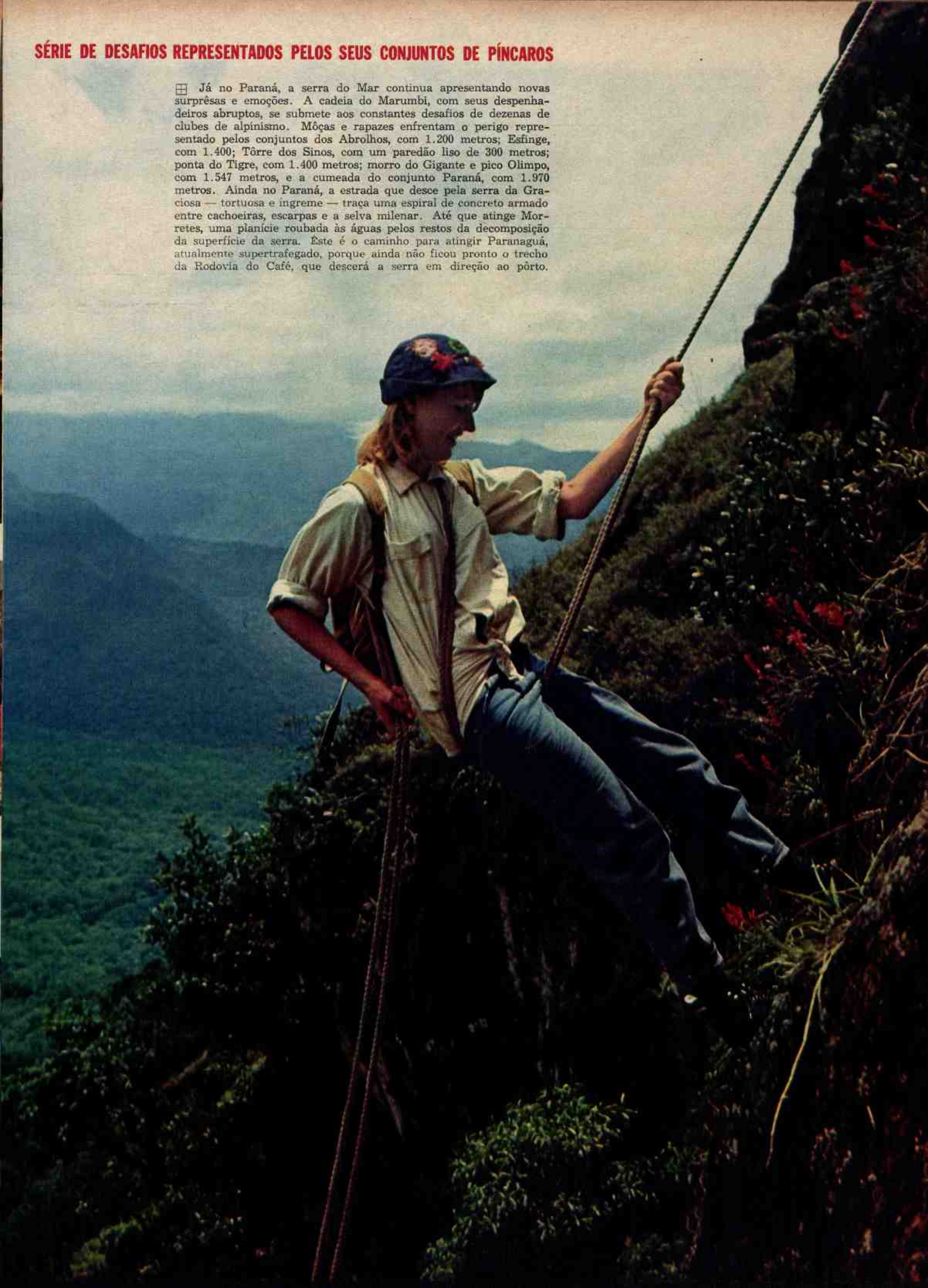
Uma falésia sem fim, colocada entre o olhar dos homens e o horizonte: eis como se poderia apresentar uma perfeita definição da serra do Mar. Na paisa

EM CUBATÃO, O HOMEM CONSTRUIU REPRÊSAS ARTIFICIAIS PARA PRODUZIR A ENERGIA ELÉTRICA QUE MOVIMENTA O MAIOR PARQUE INDUSTRIAL DA AMÉRICA DO SUL

⊞ O viajante que segue para São Paulo, pela Via Anchieta, depara sùbitamente com as muralhas da serrania, das quais fantásticos tubos de aço se despencam numa queda de 800 metros. Dentro dêles, ruge uma cachoeira não menos fantástica, formada pelas águas das Reprêsas Billings e Guarapiranga. Essas águas movem as turbinas da Usina da Light. Gerando 1.200.000 cavalos-vapor, alimentam todo o parque industrial paulista, o maior da América do Sul.

Num trecho da velha Estrada do Mar, a paisagem e o progresso convivem em harmonia. Uma tôrre da Light se ergue no alto de um pico, como um monumento ou um mirante privilegiado.

gem luxuriante e pródiga, o homem conquistou sucessivas vitórias em prol do desenvolvimento, como o demonstram os gigantescos tubos de aço de Cubatão.

A esquerda, a represa artificial Billings, construída na muralha da serra, 800 metros acima do nível do mar. Em cima: a Estrada de Ferro Santos—Jundiaí tem admirável sistema de túneis.

QUANDO CHEGA AO PARANÁ, A SERRA DO MAR OFERECE AOS ALPINISTAS UMA

SÉRIE DE DESAFIOS REPRESENTADOS PELOS SEUS CONJUNTOS DE PÍNCAROS

⊞ Já no Paraná, a serra do Mar continua apresentando novas surprêsas e emoções. A cadeia do Marumbi, com seus despenhadeiros abruptos, se submete aos constantes desafios de dezenas de clubes de alpinismo. Môças e rapazes enfrentam o perigo representado pelos conjuntos dos Abrolhos, com 1.200 metros; Esfinge, com 1.400; Tôrre dos Sinos, com um paredão liso de 300 metros; ponta do Tigre, com 1.400 metros; morro do Gigante e pico Olimpo, com 1.547 metros, e a cumeada do conjunto Paraná, com 1.970 metros. Ainda no Paraná, a estrada que desce pela serra da Graciosa — tortuosa e íngreme — traça uma espiral de concreto armado entre cachoeiras, escarpas e a selva milenar. Até que atinge Morretes, uma planície roubada às águas pelos restos da decomposição da superfície da serra. Êste é o caminho para atingir Paranaguá, atualmente supertrafegado, porque ainda não ficou pronto o trecho da Rodovia do Café, que descerá a serra em direção ao pôrto.

Ao contrário do carioca e do paulista, o paranaense, em vez de subir, teve que descer a serra, em busca do mar. Mas para isto foi também obrigado a vencer a selva emaranhada e as ladeiras a pique, de 900 metros. Entre Paranaguá e Curitiba, através dos despenhadeiros, funciona uma estrada de ferro que até hoje surpreende técnicos e turistas, pelo arrôjo da engenharia. Foi construída em cinco anos, a partir de 1880, por nove mil homens: quatro mil desde o princípio e cinco mil que ficaram na reserva para substituir os que iam sendo liquidados pelas febres. Atravessando a serra do Cadeado, a estação inicial está 995 metros acima do nível do mar. A transposição dos vertiginosos abismos é feita por meio de 41 viadutos e pontes além de 15 túneis, todos escavados a picareta na rocha espêssa. Inaugurada em fevereiro de 1885, essa obra extraordinária custou, na época, uma quantia da mesma forma assombrosa: 11 mil contos de réis.

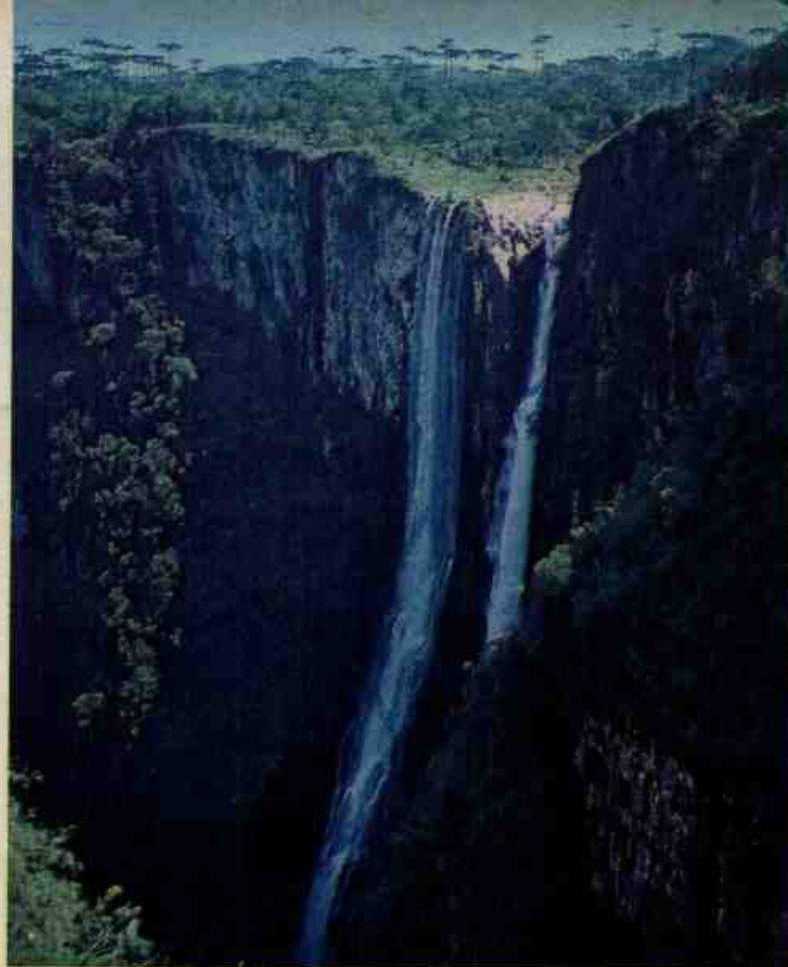
NO SÉCULO PASSADO, NOVE MIL HOMENS ENFRENTARAM A MORTE PARA CONSTRUIR ESTA AUDACIOSA ESTRADA DE FERRO ENTRE CURITIBA E PARANAGUÁ

A Estrada dos 12 (à esquerda),

cavada na rocha, desce serpenteante e abissal pelos paredões dos Aparados. Em cima: os Aparados de Fortaleza são testemunhas da criação ciclópica do mundo.

OS APARADOS DA SERRA FAZEM PRESSENTIR O CATALISMO DE PROPORÇÕES CÓSMICAS ALI OCORRIDO NO INÍCIO DOS TEMPOS

Com os Aparados da Serra, a cordilheira se afasta novamente do mar. Ao mesmo tempo, reassume um aspecto brutal, que evoca os tempos imemoriais da evolução da Terra. Os Aparados são gigantescos **canyons** de cuja existência poucos brasileiros têm notícia. Seus paredões assustadores correm para o sul, através de centenas de quilômetros, atravessando Santa Catarina e continuando pelo Rio Grande do Sul. Só recentemente foram ali descobertos os Aparados de Fortaleza, uma formação rochosa descomunal que faz a serra despencar mil metros até o fundo. Do alto, entre flamejantes orquídeas, vêem-se as praias gaúchas e catarinenses, a quilômetros e quilômetros de distância.

Tôrre do Sul e Guarita são dois dos rochedos da praia de Tôrres aos quais a pertinácia das ondas impôs e seu desenho lindo. Tôrres é a Copacabana gaúcha.

No grande canyon do Taimbèzinho, a água se despenca de 400 m de altura. O estrondo e a fúria dessa cascata fascinam e assombram os turistas.

A SERRA QUE NASCE PERTO DO RIO DE JANEIRO VAI MORRER NO RIO GRANDE DO SUL, INVESTINDO CONTRA OS ROCHEDOS DE TÔRRES, AS ONDAS LAMENTAM SUA AGONIA

⊞ A cordilheira que nasce na serra dos Órgãos, junto ao Rio de Janeiro, vai morrer no Rio Grande do Sul, perto de Pôrto Alegre. Mas a sua agonia é ainda uma festa da natureza, constituindo a região de veraneio dos gaúchos. Nessa região se incluem o **canyon** majestoso do Taimbèzinho, com a monumental cascata do Arroio Perdiz, e os rochedos da praia de Tôrres. É aqui que termina a serra do Mar — sempre bela e incomparável do princípio ao fim. ■

Manchete
CINEMA

Os filmes que o mundo vê

Paris

★ *Le Vieil Homme et l'Enfant* — Todos os jornais e revistas franceses falam, esta semana, de um filme emocionante. Na revista *Le Nouvel Observateur*, François Truffaut abandona por um momento suas atividades junto à câmara e escreve: "Após vinte anos, surge enfim o filme real sôbre a França real de 1940-1944." E todos os críticos recebem *Le Vieil Homme et l'Enfant*, primeiro trabalho cinematográfico de um diretor de teatro, Claude Berri, como "a mais perfeita reconstituição da vida autêntica de uma pequena aldeia francesa, sob o domínio nazista". Truffaut justifica, ainda, o motivo de sua admiração profunda: "Os personagens não são os de sempre, não são nem os colaboracionistas, nem os que lutaram na resistência, mas os que nada fizeram, de bem ou de mal — são os que esperaram, sobrevivendo."

Na revista *L'Express*, o crítico Pierre Billard também se entusiasmou pela obra de Berri: "Todos os filmes sôbre a guerra e a ocupação, cômicos ou trágicos, até agora utilizaram os mesmos clichês de uma França habitada ùnicamente pelos alemães ou agentes de Londres, resistentes e colaboracionistas. A realidade, porém, era outra, e seus dados mais incertos. O que traz o riso, em *Le Vieil Homme et l'Enfant*, é a vida real do país real, e mais precisamente as contraditórias brincadeiras da vida cotidiana. O humor, aqui, não significa esquecimento, mas, ao contrário, a exigência de uma verdade humana maior. O menino é um pequeno judeu enviado pelos pais a um casal de camponeses que ignora suas origens. O velho é um Júpiter que reina barulhentamente sôbre o seu Olimpo familiar (ator: Michel Simon). Êle tem duas paixões: Pétain, sob cujas ordens combateu em Verdun, e seu cão, fiel companheiro dos dias passados. Mas cultiva também quatro ódios: os inglêses, os franco-maçons, os judeus e os bolcheviques. O menino desconfiado, cheio de mêdo, fecha-se inicialmente na expectativa, e contempla com seu grande olhar negro êsse mundo onde tudo o que aprendeu a respeitar é ridicularizado e odiado. Mas sob os seus discursos grandiloqüentes, o velho camponês dissimula uma sensibilidade viva e generosa. Êle e o menino logo se tornam companheiros inseparáveis, felizes na sua cumplicidade. E o menino, daí em diante, orienta o jôgo, provoca seu velho amigo, perguntando ainda uma vez: "Responda, *pépé*, como é possível reconhecer um judeu na rua?" O racismo é assassinado pela sátira mais radicalmente do que por cem discursos. O cinema sôbre os campos de concentração nos deu, anteriormente, documentos assustadores, mas em nada superiores ao irônico mal-entendido dessa profunda amizade entre o pequeno judeu e o velho anti-semita. Os desempenhos são admiráveis: Alain Cohen é o menino, e Michel Simon, como o velho, faz da tela um campo de ação para sua maravilhosa vitalidade. Simon é o único ator que interpreta fora das regras, que ousa o que ninguém ousa, ultrapassando o mau-gôsto para encontrar uma espécie de verdade primitiva e tão rara nos filmes. Isso, sem falsificar o personagem nem disfarçar sua mediocridade. Nunca tanta mesquinharia foi servida com tamanha grandeza. *M. G. L.*

O leitor em Manchete

"Já escolhi as 10 mulheres mais bonitas do Brasil."

IPEG

"Li em MANCHETE, da semana passada, uma reportagem sôbre o IPEG. A nota, ao estampar uma fotografia do nôvo edifício, declara que sua construção foi iniciada pelo então Prefeito Negrão de Lima, em 1957, e *concluída pelo mesmo, como governador, em* 1965. Com o propósito, apenas, de resguardar o interêsse histórico, venho solicitar a essa redação que se digne de retificar a nota no pertinente à conclusão e inauguração do edifício, eis que o mesmo foi entregue, ao serviço público, em ato solene, no dia 24 de junho de 1965, às 17 horas, pelo então Governador Carlos Lacerda, com a presença do Exmo. Sr. Presidene do Tribunal de Justiça, deputados federais e estaduais, autoridades militares e civis, servidores do Estado e o povo desta cidade. No que tange à pedra fundamental, em 1957, e o início das obras respectivas, a nota corresponde à realidade e disto dou meu testemunho, pois, naquela altura, ocupava o cargo de secretário de Finanças do Prefeito Negrão de Lima. Por outro lado, em abono desta assertiva, faço anexar o relatório que publiquei sôbre a instituição — tanto quanto ao edifício que se construiu, quanto ao organismo que se criou, em razão da Lei 276, de 27 de dezembro de 1962 — colocando, assim, o IPEG no primeiro plano da previdência social no Brasil, se bem que isto se me afigure desnecessário, pois a inauguração em causa contou com a participação efetiva de MANCHETE. Em resumo, as obras do edifício, em mais de 70% de seu volume, foram realizadas quando ocupei a presidência do IPEG, em decorrência de honroso convite do Governador Carlos Lacerda." *Nélson Mufarrej, Rio GB.*

25.º OU 30.º?

Na reportagem de Murilo Melo Filho — por sinal excelente — li que o Marechal Costa e Silva é o nosso 30.º presidente. Não teria havido engano? 30.º ou 25.º?" — *Aníbal Benevides Santos, GB.*

★ *Contando os vice-presidentes que assumiram a presidência, o Marechal Costa e Silva é o 30.º chefe da nação brasileira.*

AS MAIS BELAS

"Escolhi as dez mulheres mais belas do Brasil, que são: Sônia Clara, Carin Rodrigues, Marta Rocha, Teresinha Morango, Geórgia Quental, Mila Luísa Maranhão, Duda Cavalcanti, Ilca Soares e Lílian Sônia Cambodja Ferreira (de Belo Horizonte). MANCHETE concorda?" — *Marluce Costa, Belo Horizonte, MG.*

★ *Louvamos o bom-gôsto do leitor.*

ANGÚSTIA

"Li em MANCHETE, na seção destinada às cartas dos leitores, o seguinte: *Tenho quase 60 anos e jamais pude me conformar com êste mundo sem amor e sem compreensão entre os homens. — Armando Rodrigues, SP.* Se não fôr muito trabalho, gostaria de ter o endereço dêsse senhor pára escrever a êle e levar um pouco de compreensão e amizade." — *Zaira Salvi, Rua Luís Barbalho, 138, Recife, PE.*

★ *Infelizmente, não temos o endereço solicitado.*

UP

"MANCHETE deveria ser considerada de utilidade pública, pelas magníficas e espetaculares reportagens que vem publicando sôbre os estados brasileiros." — *Roberto Xavier, Juiz de Fora, MG.*

CAPAS

"Como são lindas as capas de MANCHETE!" — *N. F. Paiva, Vitória, ES.*

CAMPEÃ

"Li com satisfação no n.º 777 de MANCHETE a simpática e construtiva reportagem *Os Campeões Tranqüilos do Vestibular*, entre os quais se inclui, para meu orgulho de pai e alegria geral da família, a minha filha Edna Campos Pacheco Fernandes, 1.º lugar no vestibular de Jornalismo da Universidade Católica. Apenas, por um dêsses freqüentes erros de imprensa, o seu sobrenome foi trocado para *Cerqueira*, sem qualquer vinculação com a nossa família." — *Homero Pacheco Fernandes, Rio, GB.*

Sua maior preocupação eram os grandes problemas

Monteiro Lobato numa fotografia de 1938, quando já beirava a casa dos 60 anos.

nacionais, mas foram as crianças brasileiras que o imortalizaram

AS REINAÇÕES DE MONTEIRO LOBATO

Texto de LUIS MARTINS, especial para MANCHETE

"Naquela casinha branca, lá muito longe, mora Dona Benta de Oliveira, uma velha de mais de sessenta anos."

É o **Sítio do Pica-Pau Amarelo.** Nêle "não bate geada, não há fogo-de-mato, nem broca de café, nem exploração de caboclo". Portanto, êsse sítio existe enormemente. Onde? "Lá muito longe", ou seja, em parte nenhuma. Quando? Bem, aqui se apresenta um problema que se presta a controvérsias e interpretações. O **Sítio do Pica-Pau Amarelo** teve um comêço; logo, necessàriamente, terá um fim. Não se situa, portanto, fora do tempo.

Situa-se, isto sim, num mundo feito de abstração e fantasia, que desconhece os calendários e despreza a disciplina bitolada do nosso tempo civil; as horas correm, mas nunca saem do mesmo lugar; os sêres não se modificam; as crianças são eternamente crianças; os velhos não morrem; os períodos históricos pulam por cima da ordem cronológica, pois não há passado, nem futuro; as eras se confundem na simultaneidade do presente. Em suma, o **Sítio do Pica-Pau Amarelo** vive no tempo mítico. "Lá muito longe" não é apenas uma vaga indicação geográfica do lugar, mas uma referência cósmica; nessas regiões nebulosas e infinitamente afastadas do nosso mundo cotidiano, onde a distância das estrêlas é medida por anos-luz, as dimensões de espaço e tempo se confundem. "Lá muito longe" quer dizer: "era uma vez..."

Êsse mundo mágico vizinha com o nosso prosaico e triste mundo, ou melhor dizendo, é simultâneo e paralelo ao nosso, está ao alcance do nosso braço estendido — e, entretanto, nós não podemos ver. Vê-lo-íamos fàcilmente, todavia, se conhecêssemos a fórmula mágica que o revela e transfigura em realidade. A operação, em verdade, é muito simples: bastaria, ao paciente, fechar os olhos. E ingerir uma pitada do "pó de pirlimpimpim".

A descoberta, nada científica, dêsse maravilhoso pó foi o grande feito de Monteiro Lobato, como escritor. Tôda a saga do **Pica-Pau Amarelo** resulta dessa invenção feliz. E seus mais duradouros e importantes efeitos se fizeram sentir, principalmente, no próprio inventor da fabulosa droga. Ela lhe modificou o destino.

Êsse homem orgulhoso, irônico, retraído, aparentemente sêco e duro, sem dúvida pouco dado a efusões sentimentais, tornara-se escritor num momento de irritação, que lhe estimulara o temperamento combativo. Jeca Tatu, que o tornaria célebre, não é uma criação poética, muito menos um tipo literário gratuitamente imaginado e construído. Monteiro Lobato, num instante de inspiração genial, criou o Jeca como quem fabrica um Judas de sábado da Aleluia, a fim de malhá-lo com fúria. Certo, aliás, de que não estava criando coisa alguma; apenas pensava descrever com côres cruelmente realistas um tipo que julgava conhecer intimamente, pois fazia parte da sua experiência humana. Um ser que não merecia a sua simpatia, piedade ou condescendência. Um inimigo.

Em verdade, o Jeca não é uma sátira, nem uma caricatura. É uma vingança. Mas foi paradoxalmente êsse triste personagem, retratado magistralmente sem nenhum amor, sem o mínimo carinho, que projetou o nome do seu algoz, sùbitamente tornado célebre, nos anais da literatura. Pode-se portanto dizer, com bastante propriedade, que não foi o escritor Monteiro Lobato que inventou o Jeca Tatu; pelo contrário, foi aquêle humilde piraquara do Paraíba, "maravilhoso epítome de carne onde se resumem tôdas as características da espécie", que criou o escritor Monteiro Lobato.

Êsse escritor, freqüentemente irascível, que produzira a sua obra-prima quase sem querer, atirando no que viu e matando o que não viu, pois se julgava um simples panfletário, quando na realidade era um admirável criador de tipos (e o Jeca é o mais perfeito de todos); que, em seus momentos de cólera, desânimo ou ambição, troçava da literatura, dizendo-se homem de negócios; êsse poeta ocasional que só produziu maus versos, na mocidade — ao se aproximar a velhice, amargurado, desiludido, depois de tantas lutas e derrotas, descobre um dia, meio por acaso, o pó de pirlimpimpim, espécie de cocaína invisível que, como todos os estupefacientes, faz sonhar e é um veículo de evasão da realidade; êle o leva ao Reino das Águas Claras cujas fronteiras vizinham com Shangri-Lá e o País das Maravilhas. Em suma, Lobato, tornado outra vez criança, descobre um mundo para as crianças — e êsse mundo se chama poesia.

O **Sítio do Pica-Pau Amarelo** existe ainda. Existirá por muito tempo, enquanto as reinações de Narizinho, as aventuras de Pedrinho, as besteirinhas da Emília forem impressas e reeditadas. As gerações se sucedem, as crianças se tornam homens, os relógios e os calendários marcam o inexorável fluir do tempo; e "lá muito longe", mas tão perto das crianças de hoje, como de ontem, Dona Benta, que tem mais de sessenta anos, mas nunca fará setenta, continua a contar histórias; Tia Nastácia faz quitutes; Narizinho e Pedrinho, sempre crianças, esbaldam-se em orgias de pirlimpimpim; o Marquês de Rabicó é ainda um leitão; o Visconde de Sabugosa, humilde espiga de milho, disserta eruditamente... Tudo continua como antes, como sempre. Entretanto, o criador dêsse mundo encantado há muito morreu.

O grande escritor brasileiro à época da publicação de Urupês, o livro que o consagrou e onde aparece a história de Jeca Tatu, que tanto empolgou Rui Barbosa.

Milhões de crianças brasileiras encheram e ainda povoam sua infância com as empolgantes aventuras que acontecem no mundo de Narizinho, Emília, Pedrinho, Sabugosa e Rabicó – a fabulosa côrte de D. Benta

Como encararão os habitantes do **Sítio do Pica-Pau Amarelo** essa situação estranha? Sentir-se-ão personagens pirandellianas em busca de um autor? Uma humanidade sem Deus? Saberão essas pequenas criaturas quem foi o seu criador? Experimentemos penetrar em seu pequeno mundo. Para isto, tomemos, nós também, uma pitada do pó de pirlimpimpim...

•

"Naquela casinha branca, lá muito longe, mora Dona Benta de Oliveira, uma velha de mais de sessenta anos."

É noite. Dona Benta, instalada em sua cadeira de balanço, costura. A negra Nastácia, a cozinha posta em ordem, a louça do jantar lavada, cochila, meio fatigada. Pedrinho lê um livro. Narizinho, sentada no chão, conversa misteriosamente com Emília, a boneca de recheio de macela. Esquecido numa prateleira da estante, o Visconde de Sabugosa medita coisas eruditas e profundas. O Marquês de Rabicó não se acha presente; ficou lá fora, no quintal, batendo papo com o ilustre Dr. Caramujo, o médico das pílulas milagrosas.

Súbito, Pedrinho boceja, espreguiça-se, larga o livro, entediado, vira-se para a avó:

— Vovó, conte uma história.

Dona Benta sorri, descansa a costura sôbre a mesa, ajeita os óculos, pigarreia e começa:

— Era uma vez...

Narizinho chega-se para perto, com a boneca no colo; Tia Nastácia desperta; o Visconde de Sabugosa ajeita a cartola e presta atenção.

— Era uma vez — prossegue Dona Benta — um menino chamado José Bento...

— Seu parente? — interrompe a metediça Emília.

— Porque meu parente?

— A senhora é Benta, êle é Zé Bento...

A boa velha sorri:

— De certa forma, sim, Emília; meu parente; aliás, parente de todos nós. O nosso pai comum.

— T'esconjuro! — protesta a boneca, tôda espevitada. — Meu pai nunca foi comum.

Pedrinho olha-a enraivecido. Narizinho adverte-a com doçura:

— Cala essa bôca, Emília. Pode continuar, vovó.

— José Bento Monteiro Lobato era o nome todo do menino. Nasceu e viveu tôda a sua infância num sítio muito parecido com êste. Porque o seu pai era fazendeiro e êle, tornando-se homem, ficou fazendeiro também, apesar de se ter formado em Direito. Um dia, um sujeito que era seu colono e que se chamava Jeca Tatu pôs fogo nas matas da fazenda — e o Dr. Lobato achou ruim. Ficou danado e resolveu vingar-se do Jeca.

— Já sei — quis adivinhar Pedrinho —, deu-lhe uma surra de criar bicho.

— Não. Fêz coisa pior. Escreveu um livro. Mas não contava com o que aconteceu. Aconteceu que êle ficou famoso — e o Jeca também. Então, Lobato viu que era muito melhor escritor que fazendeiro e resolveu escrever outros livros.

— Excelente resolução! — aparteou, do seu canto, sentenciosamente, o erudito Visconde de Sabugosa, apreciador de livros.

Lobato com o editor argentino de suas obras. Na Argentina, Narizinho se chama Naricita.

— Mas — prosseguiu Dona Benta — não ficou apenas nisso. Quis também que outros que escreviam livros pudessem publicá-los, e para isso fundou uma emprêsa editôra, que foi a maior e a mais importante do seu tempo. Depois, o Dr. Lobato, que era um homem muito inteligente e ativo, além de grande patriota, viajou para os Estados Unidos e interessou-se pelo problema siderúrgico.

— Problema o quê? — balbuciou Emília.

— O problema do ferro, Emília, coisa muito importante para o progresso do Brasil. Mas os nossos homens públicos, isto é, os homens que mandavam no país, naquele tempo, como agora, eram muito atrasados e ineptos e não deram nenhuma atenção ao que Lobato dizia.

— Êle malhou em ferro frio — observou Narizinho.

— Exato. Então, voltou-se para o petróleo. Naquele tempo, os nossos governantes e os nossos sabichões juravam que não poderia haver jazidas de petróleo no Brasil — nem queriam ouvir falar em tal assunto. Mas Lobato falou. E falou com tal insistência, com tal convicção e com tanta coragem, que acabou irritando os mandachuvas da época. E não se limitou a falar. Organizou, com imenso sacrifício, uma companhia para extrair petróleo do nosso subsolo. Aí, os mandões acharam que era demais e que o desafôro de Lobato estava passando dos limites. Mandaram prendê-lo.

— Ora vejam que injustiça! — gritaram ao mesmo tempo Narizinho e Pedrinho.

— Sim — continuou Dona Benta — foi uma injustiça. Que logo se tornou flagrante, porque pouco depois jorrou petróleo em Lobato.

— Coitado — comentou Emília, penalizada —, êle deve ter ficado todo molhado!

— Que asneira é essa? — perguntou Pedrinho.

— Pois então! Se o petróleo jorrou no Dr. Lobato, como é que êle não ia se molhar?

— Não é isso Emília — explicou Dona Benta sorrindo. — O Lobato a que me refiro não era êle; era uma localidade da Bahia que, por coincidência, chamava-se também assim.

— Bem, agora estou entendendo — concedeu Emília.

— Mas a história do nosso herói não pára aí — continuou Dona Benta. — E agora prestem muita atenção, porque vou chegar à parte mais importante.

Fêz uma pausa dramática. Depois, com voz diferente, visìvelmente emocionada, retomou o fio da narrativa:

— Tôdas aquelas lutas a favor do ferro e do petróleo tinham abalado muito Monteiro Lobato. A velhice chegava. E êle estava pobre, arruinado, desiludido. Foi então que resolveu voltar-se outra vez para a literatura. Mas sofrera muito com os homens. Escrever livros para êles era coisa que não mais o seduzia. Pensou numa outra espécie de leitores, um público mais puro, mais ingênuo, mais fiel, menos comprometido com a maldade e menos corrompido pelas vaidades dêste mundo. Passou a escrever para as crianças. E inventou um país das maravilhas, chamado o Reino das Águas Claras, onde fica êste sítio. O **Sítio do Pica-Pau Amarelo.**

Foi um estouro! Narizinho e Pedrinho puseram-se de pé, muito pálidos. Tia Nastácia fechou os olhos, como se tivesse uma vertigem. Emília pôs-se a gritar, excitadíssima:

— Bem que eu desconfiava! Bem que eu desconfiava!

Dona Benta falara com voz grave, solene, como um profeta que anunciasse as verdades eternas de Deus, desvendando o mistério do mundo e o destino das criaturas.

Só, no seu canto, impassível, o Visconde de Sabugosa continuava a ruminar filosòficamente as suas reflexões profundas. E eis o que êle ruminava:

— Sim, eis a verdade. Monteiro Lobato era o homem que dizia verdades. Disse que havia petróleo no Brasil — e havia. Mas verdades ninguém gosta de ouvi-las, salvo as crianças. Êste Reino das Águas Claras, aparentemente fantástico e absurdo, onde as bonecas e as borboletas falam, os peixes se apaixonam, um caramujo receita pílulas e o meu cérebro de espiga de milho é um manancial de sabedoria, é o único mundo de verdade.

Nêle não bate geada, não há fogo-de-mato nem broca de café, nem exploração de caboclo. Nêle o cotidiano é um sonho de menina. Nêle não há morte, nem doença que não seja curável pelo Dr. Caramujo. Neste mundo encantado, ao mesmo tempo feérico e nebuloso, onde o contôrno das coisas se perde na névoa do fantástico, o tempo petrificou-se, como a bela adormecida no bosque, em imobilidade, serenidade e perfeição. Em suma, êste é o reino da poesia e da verdade, porque pertence às crianças — e só as crianças conhecem a poesia e praticam a verdade, mesmo quando pensam estar mentindo. Tenho dito.

NOTA FINAL DO AUTOR

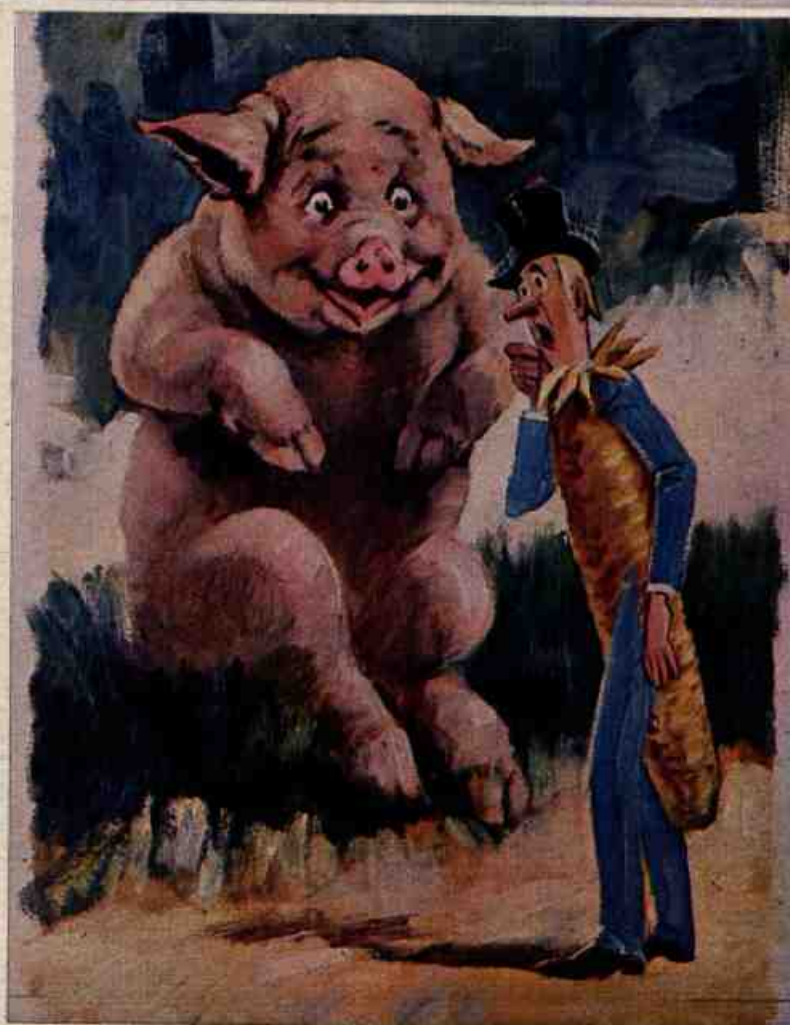
O Visconde de Sabugosa é um grande sábio, como ninguém ignora. O próprio Lobato o fêz membro da Academia. Será em breve ministro, provàvelmente da Educação. E bem pode ser que chegue um dia — e não seria o primeiro — à presidência da República. Morrerá rico, famoso, cumulado de honrarias É que o Visconde é uma espiga de milho — e neste País as espigas são grandes.

Antes de traçar o retrato definitivo de Narizinho Arrebitado (à direita, numa ilustração das Reinações de Narizinho) Le Blanc fêz vários esboços da mais famosa personagem infantil de Lobato. "Ela tem de ter a cara que eu imagino", pedia o grande escritor ao desenhista.

Colocando uma cara inteligente num sabugo de milho, André Le Blanc fêz o retrato físico do imortal Visconde de Sabugosa

Quatro foram os ilustradores das obras de Monteiro Lobato dedicadas à infância: Voltolino, Belmonte, J. U. Campos e André Le Blanc. Os dois últimos foram os preferidos por Lobato. (Jurandir Ubijara Campos também era genro do grande escritor). Lobato divertia-se imensamente em ver o artista dar corpo e cara aos personagens dos seus livros infantis, e muitas vêzes o ajudava com sugestões e palpites.

Pedrinho, Narizinho, Rabicó e a boneca Emília, o imortal quarteto de heróis, alegria de várias gerações de crianças.

"Mas que era aquilo? Uma forma..." A ilustração é de O Minotauro, livro para crianças onde Lobato narra as lendas da Mitologia. À direita, o Visconde de Sabugosa e o Marquês de Rabicó, personagens famosos criados por Lobato, na versão plástica de A. Le Blanc.

Em cima, uma das ilustrações para Viagem ao Céu, de Lobato. À direita, uma gravura original do pôrto-riquenho Le Blanc, para a 1.ª edição de O Poço do Visconde.

À esquerda, uma das belas ilustrações do pôrto-riquenho, André Le Blanc, para as Histórias de Tia Nastácia. Em cima, desenho para O Saci. Monteiro Lobato aprovou pessoalmente tôdas as figuras imaginadas pelo artista para Narizinho e demais personagens.

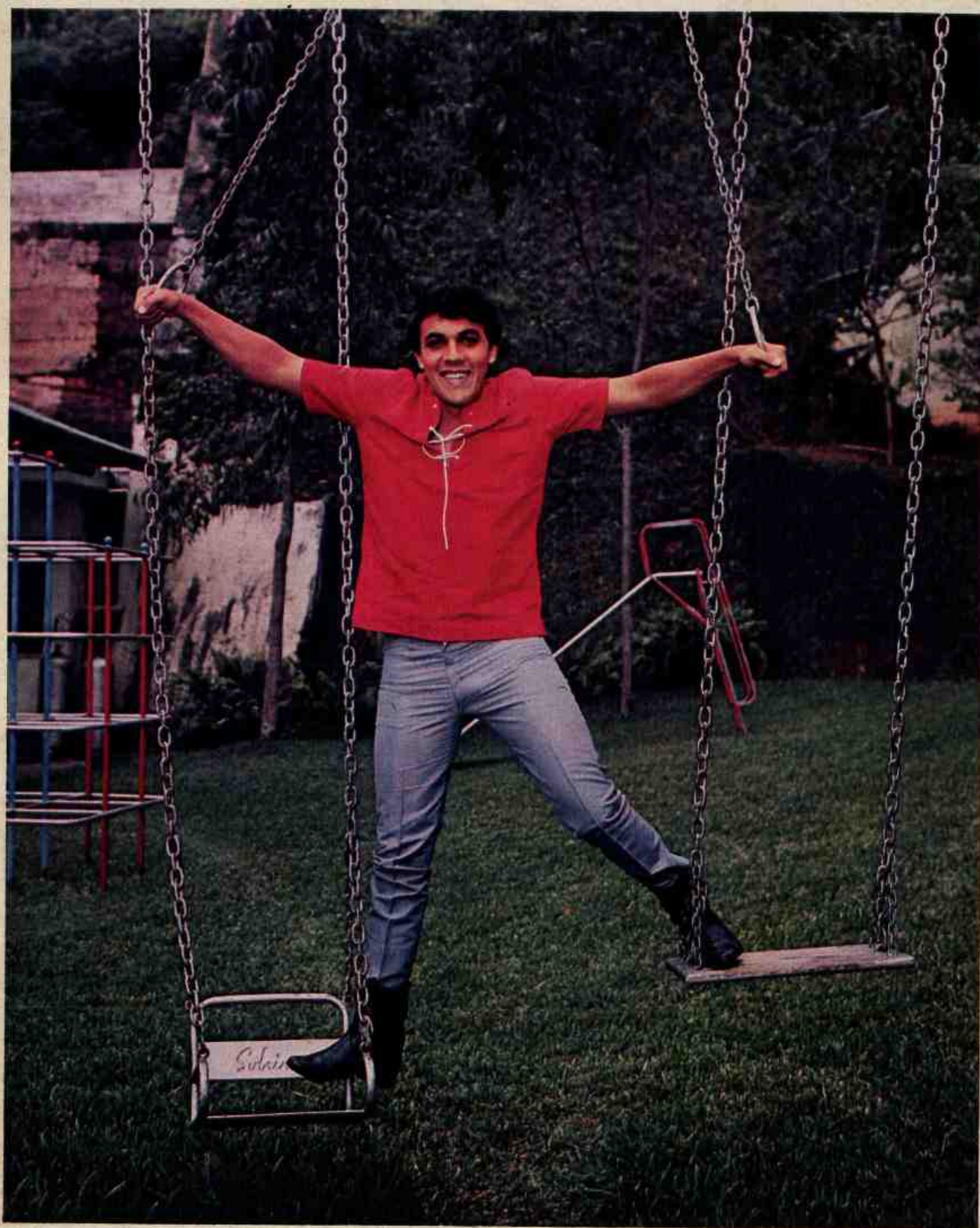
Depois de J. U. Campos o pôrto-riquenho Le Blanc foi o melhor retratista da côrte de D. Benta

⊞ Monteiro Lobato era um eterno insatisfeito com a sua obra. **Urupês**, seu livro máximo, foi reescrito várias vêzes. Essa insatisfação estendia-se aos ilustradores dos seus livros infantis. Depois de J. U. Campos, Lobato encarregou um pôrto-riquenho, André Le Blanc, de ilustrar as novas edições de tôda a sua obra dedicada à infância. E são estas as ilustrações que constam da mais recente edição (Brasiliense) dos livros infantis de Monteiro Lobato.

À esquerda, uma das gravuras de O Poço do Visconde. Embaixo, ilustração para Peter Pan. Muitos dos livros infantis de Lobato, como as Reinações de Narizinho, já ultrapassaram no Brasil a centésima edição; e foram traduzidos no mundo inteiro. Um inquérito recente revelou que, ainda hoje, Lobato é o autor preferido entre as crianças de Buenos Aires.

UM ROSTO BONITO E BOA VOZ ABRIRAM PARA ÊSTE RAPAZ AS MARAVILHAS DO MUNDO

VANDERLEI CARDOSO

A DOCE VIDA DO IÊ-IÊ

O iê-iê, no Brasil, fêz em dois anos alguns jovens milionários. Na sua mansão do Rio, Vanderlei Cardoso, a exemplo dos atôres de Hollywood, brinca de gangorra, toma suco de laranja e cuida da voz.

Reportagem de A. PONCE DE LEÓN ● *Fotos de* GIL PINHEIRO

O sucesso de um cantor iê-iê é medido pelo mundo encantado onde surgem, em apenas dois anos, uma piscina, três carrões (aqui, o Oldsmobile paulista) e as côres vivas de todo o confôrto moderno.

POR TRÁS DE UM CANTOR DE IÊ-IÊ, FORA DOS GRITOS DE AUDITÓRIO E DE TRÊS VIAGENS DIÁRIAS ENTRE RIO E SÃO PAULO, EXISTE UM MUNDO ENCANTADO, ONDE A CÔR E O LUXO DÃO A NOTA DE UM SUCESSO RÁPIDO — E INESPERADO. VANDERLEI CARDOSO, em sòmente dois anos, saltou de um modesto emprêgo num laticínio paulista para a vida maravilhosa de milionário nôvo. O que foi preciso? Boa voz, cara bonita, juventude. A canção, de repente, jogou nas mãos de Vanderlei 70 milhões de cruzeiros (antigos) por mês. E do iê-iê saíram: mansão de dois andares em São Paulo, um Oldsmobile 67 na porta; casa no Rio, junto à floresta do Corcovado, com três salas, quatro quartos, dois banheiros, dois jardins, uma piscina, e dois carrões (Impala, Triumph) também na porta. Em São Paulo vivem os pais ("minha mãe ficou encantada, pois até então morava numa casa humilde dos subúrbios"). No Rio, isolado num ponto tranqüilo, Vanderlei descansa dos fãs. Ainda espantado com os presentes da doce vida, êle sabe que, por ser agora milionário, não pode mais parar: "Olha, com franqueza, essa vida agitada de agora me dá às vêzes uma grande saudade do meu mundo de dois anos atrás."

DOCES BRASILEI

ROS DE VERDADE

Você faz com carinho e LEITE MOÇA

BALA DE LEITE MOÇA

Misture 1 lata de Leite Moça, 2 colheres (sopa) de mel, 1 colher (sopa) de manteiga e 1 xícara (chá) de açúcar e leve ao fogo forte, mexendo sempre, até desprender da panela. Retire e bata com a colher de pau, até ficar opaco. Despeje no mármore untado, alise a parte de cima e depois de bem frio corte em quadradinhos. Querendo dar um sabor de café, acrescente 2 colheres (sopa) de Nescafé. Quantidade suficiente para 50-60 balas.

ARROZ DOCE

Cozinhe 1 xícara (chá) de arroz cru em 1 litro de água, até ficar mole. Junte 1 lata de Leite Moça, mexa bem e retire do fogo. Sirva com canela em pó.

PAVÊ NESTLÉ

Misture 1 lata de Leite Moça à mesma medida de leite, 4 gemas e leve ao fogo, mexendo sempre, até ficar consistente. Retire, despeje numa fôrma de vidro ou pyrex. Dissolva 2 colheres (sopa) de Nescau em 1 xícara (chá) de leite e umedeça com êle 200 g de biscoitos champanhe, colocando-os sôbre o creme. Bata 4 claras em neve, junte aos poucos 4 colheres (sopa) de açúcar e em seguida acrescente 1 lata de Creme de Leite Nestlé (gelado e sem sôro). Arrume sôbre os biscoitos e leve o pavê ao refrigerador por 2 horas.

PAVÊ SONHO DE AMOR

Apure no fogo 200 g de ameixas pretas em compota, deixando a calda engrossar bem. Retire os caroços e reserve um pouco da calda (mais ou menos ½ xícara de chá). Pique os pêssegos em calda de 1 lata pequena, reservando alguns inteiros para enfeitar. Misture as caldas das ameixas e dos pêssegos, ½ xícara (chá) de rum, e passe 300 g de biscoitos champanhe ou palito francês um a um nessa mistura. Bata no liquidificador 1 lata de Leite Moça com ¾ de xícara (chá) de suco de limão, até ficar em consistência de creme. Numa fôrma própria arrume alternadamente uma camada de biscoitos, uma de creme, as ameixas picadas e os pêssegos. Cubra tudo com o creme, enfeite com pedaços de pêssegos e leve à geladeira por 4 horas.

PÉ DE ANJO

Bata no liquidificador 1 lata de Leite Moça, a mesma medida de suco de maracujá, ½ xícara (chá) de leite de côco, ½ xícara (chá) de côco ralado e 1 envelope de gelatina em pó, sem sabor (dissolvida em 1 xícara de água quente). Misture levemente 2 claras em neve. Despeje em fôrma untada com manteiga ou óleo e leve à geladeira, desenformando após 3 horas. Querendo, enfeite com côco ralado ou cerejas.

MANJAR BRANCO

Misture 1 lata de Leite Moça, ½ litro de leite, 3 colheres (sopa) de maizena e 1 colher (sopa) de baunilha, levando ao fogo médio, mexendo sempre, até engrossar. Despeje numa fôrma própria molhada e leve à geladeira. Desenforme depois de 2 horas e sirva com calda de vinho ou de ameixas pretas.

RABANADAS COM CALDA

Corte as fatias de um pão de fôrma amanhecido em 4 pedaços iguais, passando-os a seguir por uma mistura feita com 1 lata de Leite Moça, 1 xícara (chá) de água e gôtas de baunilha. Bata 5 ovos (como para pão-de-ló), mergulhe os pedacinhos de pão e frite-os em óleo quente. Faça uma calda com 1½ xícaras (chá) de água, 400 g de açúcar, 3 cravos da Índia e raspas de limão; ferva por 5 minutos e coloque o pão frito.

PUDIM ESPECIAL

Bata no liquidificador 1 lata de Leite Moça com a mesma medida de leite, 4 colheres (sopa) de queijo parmesão ralado, 3 gemas e raspas de limão. Junte 3 claras em neve, misturando com cuidado; caramelize uma fôrma e asse no forno, em banho-maria, primeiro sem tampa e depois coberto, por 25 a 30 minutos.

GELATINA DE LEITE MOÇA

Dissolva 6 fôlhas de gelatina branca em 1½ copos de leite quente e misture ao leite de 1 côco e a 1 lata de Leite Moça. Leve a gelar em fôrma molhada, por 35 minutos, ou até que adquira consistência. Desenforme e enfeite com frutas frescas ou em calda.

BRIGADEIRO

Leve ao fogo baixo 1 lata de Leite Moça, 2 colheres (sopa) rasas de manteiga e 4 colheres (sopa) rasas de Nescau, mexendo até que a massa desprenda do fundo da panela. Retire do fogo, despeje em vasilha de louça e deixe esfriar. Enrole, passando os brigadeiros em chocolate granulado. (Querendo, recheie cada brigadeiro com uma passa sem semente, embebida em rum ou pinga.)
Rendimento: 45 docinhos.

SORVETE DE LEITE MOÇA

Bata no liquidificador 1 lata de Leite Moça, a mesma medida de leite, 2 gemas e 1 colher (chá) de baunilha. Leve ao congelador por 2 horas, batendo de meia em meia hora, para gelar por igual.

Você faz maravilhas com

LEITE MOÇA

POR CAUSA DA FEIRA DO COURO, LANÇADA EM SÃO PAULO PELO INFATIGÁVEL CAIO DE ALCÂNTARA MACHADO, os paulistas elegantes de ambos os sexos aderiram à moda do couro. Alguns figurinistas brasileiros de fama internacional criaram modelos de grande classe, executados em peles do Cortume Carioca. Aqui estão duas extraordinárias sugestões para homens elegantes, ambas do figurinista Minelli: japona em camurça, colête do mesmo material e calças de mescla camurça.

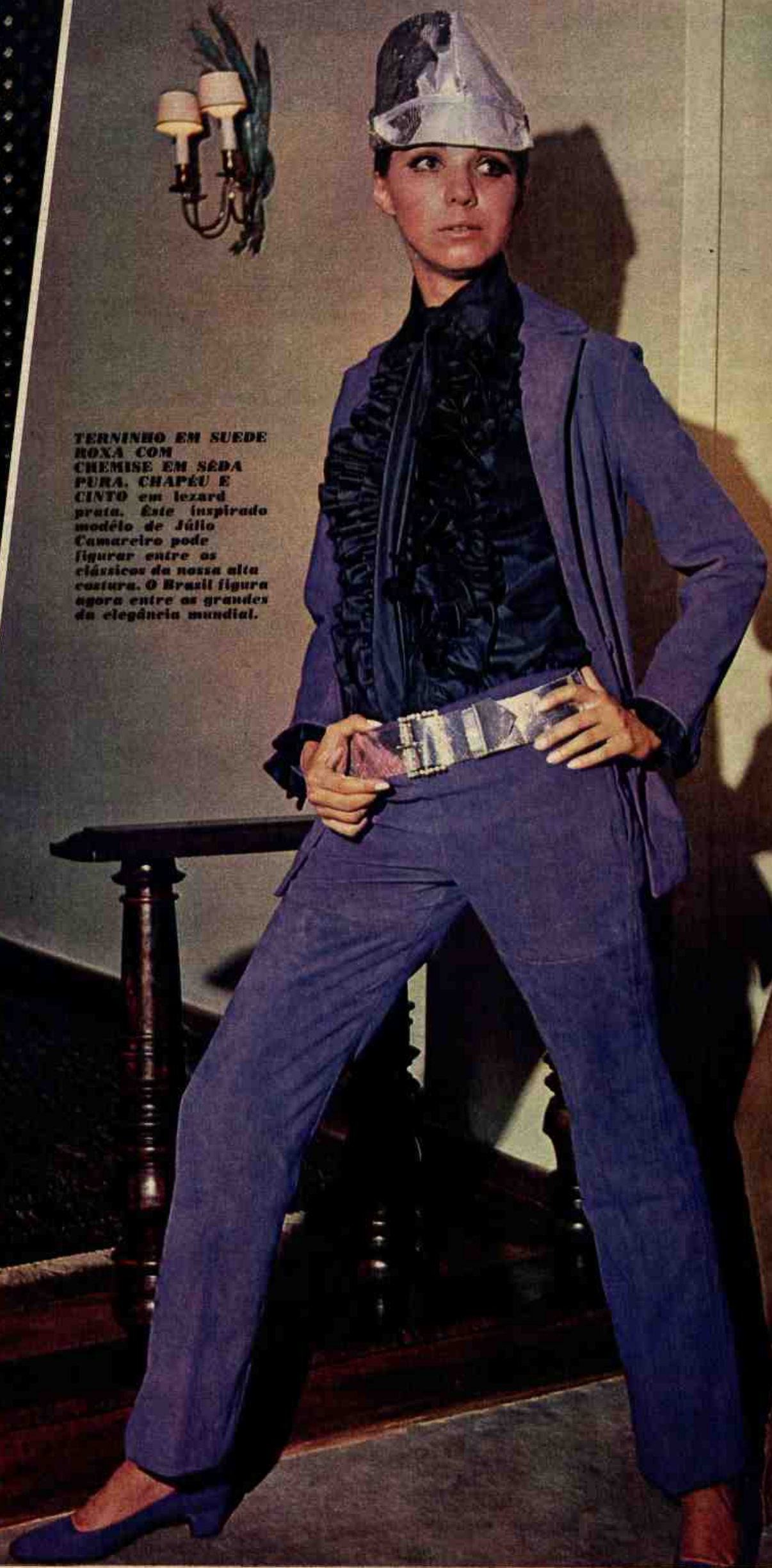
Fotos de JOSÉ CASTRO

ELEGÂNCIA FEITA DE COURO

***OUTRA FELIZ CRIAÇÃO DE MINELLI É ÊSTE CASACO DE CAMURÇA EM TONALIDADE MARROM-CASTOR.** A camisa vermelha é em suedine. Calças verde-musgo de tergal e lã. O slogan bem humorado da Feira do Couro já havia advertido aos paulistas que a elegância brasileira feita de couro era de padrão mundial, pois dizia: "Bandidos! Os artigos são iguaizinhos aos de Paris!"*

PARA A ELEGÂNCIA FEMININA, O FIGURINISTA APARÍCIO ***marcou um tento com êste casaco de noite em lezard dourado. É também um lançamento do Cortume Carioca.***

ESTA É UMA SENSACIONAL CRIAÇÃO DE RONALDO ESPER. VESTIDO DE NOITE, *trabalho de trecé em suede tabaco com pelica dourada. Mais uma vez, a alta costura brasileira, aliada à indústria do couro, demonstra um nível de internacional qualidade.*

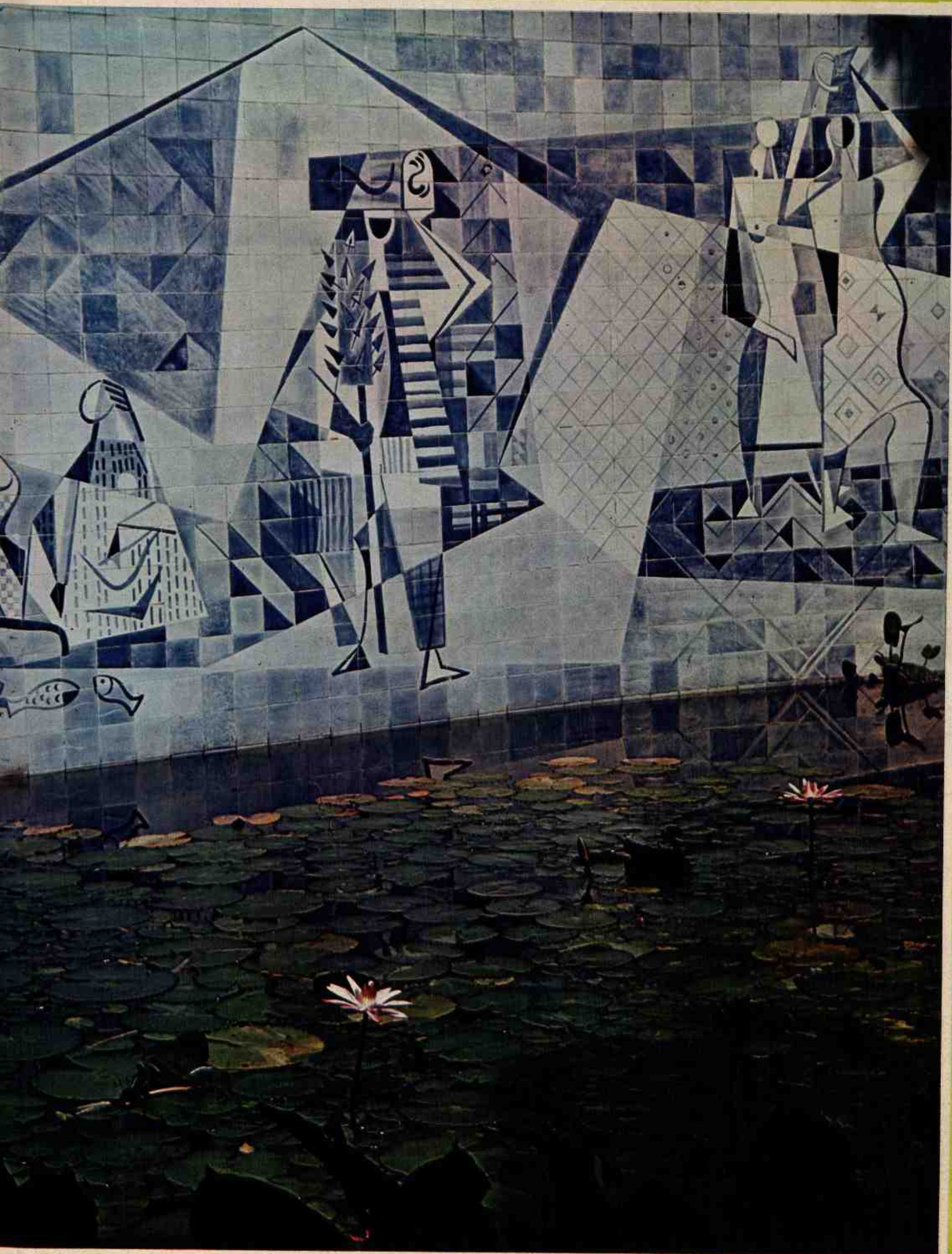
TERNINHO EM SUEDE ROXA COM CHEMISE EM SÊDA PURA. CHAPÉU E CINTO *em lezard prata. Êste inspirado modêlo de Júlio Camareiro pode figurar entre os clássicos da nossa alta costura. O Brasil figura agora entre as grandes da elegância mundial.*

NA FLORESTA FECHADA DA GÁVEA

Reportagem e Fotos de MÁRIO CLARK BACELLAR

No centro do jardim, a casa do Sr. Válter Moreira Sales, de estilo moderno, destaca-se entre árvores seculares.

Em todos os pontos, flôres pequenas, delicadas, surgem em côres vivas.

O jardim de Burle Marx concebido para a residência do Sr. Válter Moreira Sales, na Estrada da Gávea, é um exemplo de valorização poética de um ambiente restrito. Não temos, aqui, o uso livre dos grandes espaços, mas o aproveitamento disciplinado da faixa de terreno que cerca uma casa moderna, com grandes paredes de vidro ligadas aos jardins. É quase uma floresta fechada, onde se destacam árvores seculares, de grande beleza. Formam-se, assim, belas alamêdas, que vão dar numa piscina ou na parede com um painel também de Burle Marx. E as sombras são um convite permanente ao passeio.

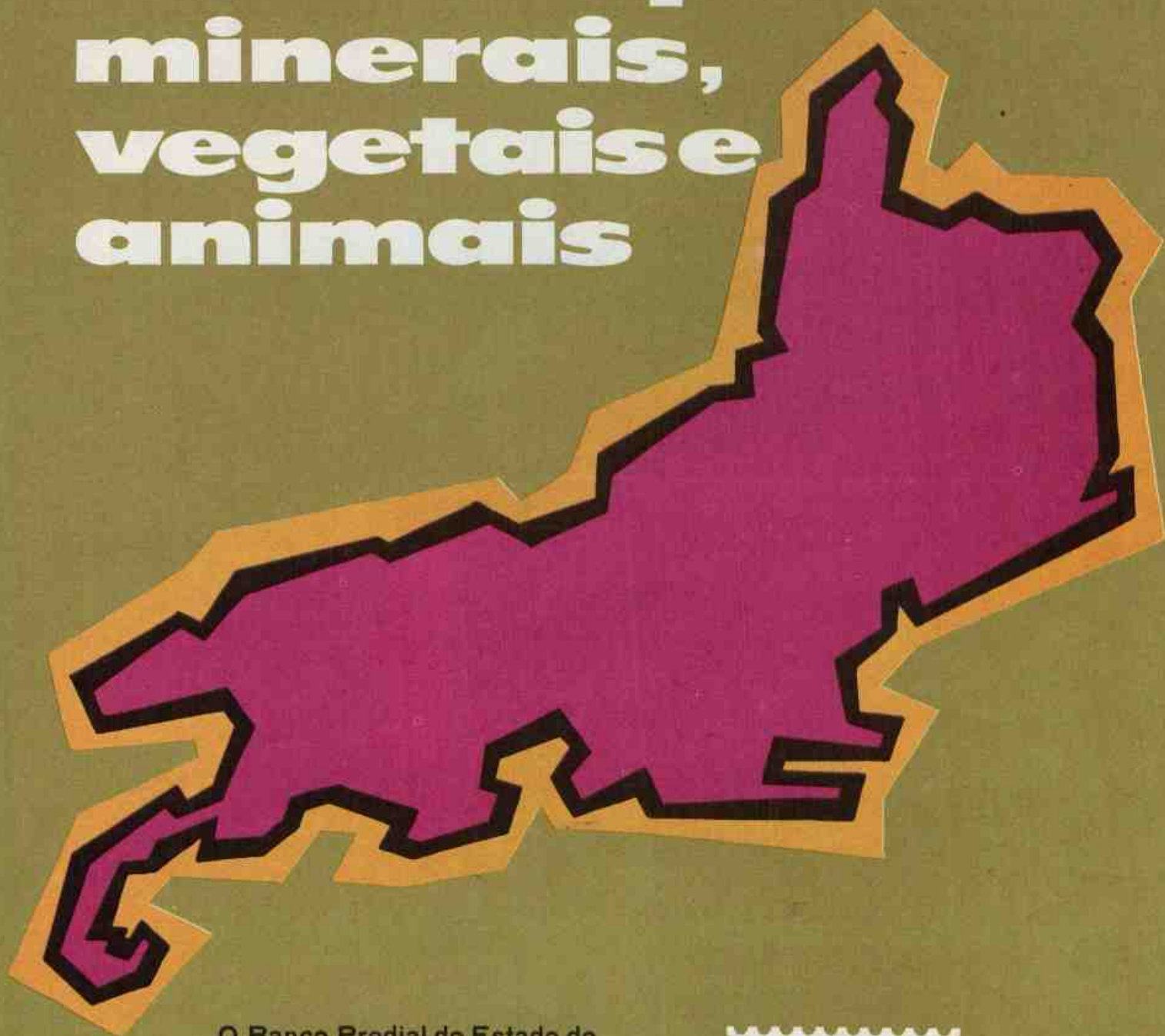
Plantas aquáticas, num

espelho d'água, formam um tapête verde junto à parede onde está o painel de Burle Marx. A criação é uma de suas mais caras obras-primas.

No meio da floresta, há sempre um foco de beleza que surge com grande simplicidade

O desenho simétrico dos jardins divide com leveza as côres de Burle Marx.

Vermelho e amarelo, nas flôres, jogam alegres com o fundo das plantas mais altas.

Do outro lado da alaméda, entre as árvores, uma escultura recebe a luz sempre verde.

Dêsse ângulo, nota-se a preocupação em harmonizar natureza e arquitetura.

Por que Você prefere o Banco Predial... O Banco que tem a Melhor Técnica em Serviços Bancários? Existem muitas explicações. Vejam algumas...

- O Banco Predial tem 99 Agências, 27 na Guanabara, 70 no Estado do Rio e 2 no Espírito Santo.

- O Banco Predial através de empréstimos incentiva o comércio, a indústria, a pecuária, a avicultura e a lavoura.

- O Banco Predial transfere grátis, para quaisquer das 99 Agências, o seu dinheiro, evitando assim que você corra riscos inúteis ao transportá-lo pessoalmente.

- No Banco Predial o gerente, que é o seu melhor amigo em questões bancárias, resolve sempre o seu problema financeiro.

- O Banco Predial tem alto padrão técnico e eficiência inigualável.

- O Banco Predial oferece solidez e confiança comprovadas em 50 anos de atividades voltadas para o progresso do país e da iniciativa privada.
- As Agências do Banco Predial contam com pessoal selecionado por concurso e treinado em cursos de especialização mantidos pelo próprio banco, resultando equipes de alta capacidade e eficiência, prontas para resolver ràpidamente qualquer problema bancário.
- O Banco Predial coloca tôdas as facilidades bancárias ao alcance de sua mão.
- Os gerentes do Banco Predial têm máxima autonomia nas suas decisões, o que concorre, decisivamente, para maior rapidez e facilidades no serviço.

UMA NOVA SÉRIE DA TV EXCELSIOR REÚNE OS INGREDIENTES QUE FARÃO O PÚBLICO BRASILEIRO VIBRAR

JAMES WEST

ESPIONAGEM E BANGUE-BANGUE

Como agente secreto que se preza, West traz sempre mulher bonita a tiracolo. Sendo faroeste, Suzanne Pleshette faz a dona de um saloon. Com ela e seu fiel amigo R. Martin, R. Conrad desafia os malfeitores.

Na série, Ross Martin se chama Artemus Gordon e inventa truques para West.

Agente secreto cheio de truques não é coisa de hoje. No velho Oeste americano já existia. Não usava sigla com zeros nem sete, mas se chamava James. James West. Valente, boa pinta, nada ficava a dever ao outro James, o atual, em matéria de confundir os bandidos. Tinha bolinha de fumaça escondida no cinto. Revólver no salto da botina. Punhal no fôrro do paletó. Até um trem inteiro, só dêle. E, naturalmente, uma porção de mulheres sempre em tôrno. Mas, nem que fôsse mulher, inimigo não tinha vez. (Êle não acreditava nessa história de que em mulher não se bate nem com uma flor.)

As aventuras de James West, num filme seriado que fêz o maior sucesso nos Estados Unidos, vão ser apresentadas pela TV Excelsior, do Rio. Quem faz James West é Robert Conrad. E outros artistas famosos participam da série: Sammy Davis Jr., Boris Karloff, Peter Lawford, Ida Lupino, Suzanne Pleshette, Michael Dunn, Victor Buono. Um senhor elenco. É bangue-bangue do bom, uma história mais sensacional do que a outra, semanalmente.

Com todos os perigos que emocionam as platéias, as aventuras de James West prometem obter, na TV Excelsior, o sucesso conquistado nos Estados Unidos.

TARSO [...] O DESA[...]

A numerosa família de um gaúcho tranqüilo e lúcido.

PARA O PRESIDENTE ARTUR DA COSTA E SILVA A EDUCAÇÃO SERÁ META PRIORITÁRIA DO SEU GOVÊRNO. COM ESSA PREOCUPAÇÃO, ENTREGOU O MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA A UM HOMEM SIMPLES, SORRIDENTE, GAÚCHO DE JÚLIO DE CASTILHOS, HÁ MUITO AFEITO AOS PROBLEMAS INTRINCADOS DA PASTA. CRIADOR DA UNIVERSIDADE DE SANTA MARIA (UMA DAS MAIS PERFEITAS DO PAÍS), O MINISTRO TARSO DUTRA ESPECIALIZOU A SUA VIDA EM ASSUNTOS EDUCACIONAIS. DEPUTADO HÁ 20 ANOS (DESDE OS 31 ANOS DE IDADE), PARTICIPOU DOS TRABALHOS DE CRIAÇÃO DAS UNIVERSIDADES DE GOIÁS, JUIZ DE FORA, ESTADO DO RIO, ESPÍRITO SANTO, PARAÍBA, ALAGOAS E SANTA CATARINA, SENDO RELATOR NA CÂMARA DE SEUS RESPECTIVOS PROJETOS. É PROFESSOR **HONORIS-CAUSA** DE DIVERSAS UNIVERSIDADES, POSSUINDO UMA EXPERIÊNCIA INTERNACIONAL BASTANTE ACENTUADA, POIS REALIZOU CONFERÊNCIAS SÔBRE MATÉRIA EDUCACIONAL EM BRUXELAS E BEIRUTE, A PAR DE TER ESTUDADO, EM LONGAS VIAGENS, O SISTEMA DE ENSINO SUPERIOR, MÉDIO E PRIMÁRIO DOS ESTADOS UNIDOS E DA ALEMANHA. ADVOGADO E QUASE MÉDICO ("DEIXEI A FACULDADE DE MEDICINA NO 4.º ANO POR TOTAL INCOMPATIBILIDADE ENTRE A PROFISSÃO E O MEU TEMPERAMENTO"), CASADO COM D. PASTORINHA DUTRA, BOA PIANISTA, TEM DOIS FILHOS E TRÊS NETOS. REVELA ATRAÇÃO PELA MÚSICA E PELA PINTURA (REMBRANDT, VELÁSQUEZ, DA VINCI, ETC). CONVENCIDO DA MAGNITUDE DOS PROBLEMAS A ENFRENTAR, DARÁ **FULL-TIME** AO MINISTÉRIO, TRABALHANDO, COMO É SEU HÁBITO, DAS CINCO DA MANHÃ ÀS DEZ DA NOITE.

A que atribui a sua escolha para o Ministério da Educação e Cultura?

Ao desejo do Presidente Costa e Silva em homenagear o Rio Grande do Sul, onde fui o deputado mais votado de sua legenda na última eleição, e, também, à preocupação em associar a afinidade com os problemas educacionais à experiência política, a fim de que uma área de trabalho normalmente conturbada encontre o máximo de rendimento na cobertura das metas governamentais.

Os estudantes se queixam das dificuldades de entendimento com o govêrno. V. Exª. é favorável ao diálogo com os estudantes?

Não apenas sou favorável a êsse diálogo, como deverei cumprir as diretrizes traçadas pelo chefe do govêrno, para que êle seja mantido com os estudantes. No meu discurso de posse, está expressa essa orientação. Estudante não é um pária social, mas o condutor do Brasil de amanhã. Se discrepar de um bom comportamento cívico, equiparar-se-á a qualquer cidadão que não estima o sistema jurídico. E já aí começará a escapar da área de influência e ação do Ministério da Educação e Cultura.

Muitas críticas foram feitas à chamada "Lei Suplicy". É verdade que V. Exª. estaria disposto a rever alguns dos seus pontos?

Irei enfrentar êsse problema, na devida oportunidade, após o lançamento das diretrizes da nova política educacional. Não tenho nenhuma fixação prévia sôbre a matéria, que deverá ser considerada, entretanto, sob o ângulo da responsável participação que ao estudante caberá ter nas tarefas educacionais do Estado.

De que forma entende possível a erradicação do analfabetismo?

A mobilização nacional contra o analfabetismo será um sistema planejado de integração de todos os recursos, meios e métodos, para que êsse mal social sofra um ataque vigoroso da ação governamental. O govêrno pretende executá-la através da escola informal e do processo da alfabetização em massa, utilizando a estrutura estatal, inclusive instituições militares, e a estrutura privada e comunitária, mediante convênio com as entidades de finalidade educacional.

O que significa a qualificação do ensino secundário?

Qualificação do ensino secundário é a sua profissionalização em agrícola, comercial e industrial. É uma linha de ação já firmada pelo govêrno anterior, que desenvolveu

UMA DAS NETINHAS JÁ É ESTUDANTE DO

Entrevista a ARNALDO NISKIER • Fotos de GIL PINHEIRO e R. STUCKERT

OUTRA
TIO DA EDUCAÇÃO

JARDIM DE INFÂNCIA

o ensino médio orientado para o trabalho. Iremos prosseguir e acentuar essa diretriz, que será básica para o desenvolvimento do país.

Quais as medidas que preconiza para a definitiva solução do problema dos excedentes, sobretudo nos setores de medicina e engenharia?

Apesar de incipiente, meu trabalho à frente do Ministério da Educação e Cultura já está inteiramente programado em iniciativas que atendem à conjuntura e em outras que se projetam mais demoradamente no tempo, para que correspondam à demanda educacional. Na fase de entendimentos com as reitorias universitárias e direções de escolas superiores isoladas, os dados do problema devem permanecer na área da discussão privada, sem a perturbadora ressonância antecipada no campo da opinião pública. Posso, entretanto, assegurar que nunca um govêrno fará tanto, como o atual, pelo candidato excedente, com a mais compreensiva receptividade, por parte dos dirigentes do ensino universitário, para que seja encontrada a fórmula capaz de solucionar o problema. O govêrno poderia ter duas atitudes na consideração da matéria: cruzar os braços ou agir. Resolveu adotar a segunda, na execução das diretrizes enunciadas pelo presidente da República, para humanizar o processo democrático através da elevação do padrão cultural do povo.

É favorável ao ensino gratuito?

Não há nenhuma opção no assunto. A matéria já está disciplinada na Constituição. E eu estou de acôrdo com a lei básica, que ajudei a elaborar.

De sua temática de govêrno sabemos que figura o financiamento à educação. Em que consistirá?

Sim, o govêrno do Marechal Costa e Silva quer desenvolver essa tarefa criadora, na área da educação. Não há a cogitação de instituir o Banco da Educação, pela sua montagem complexa e onerosa, que dissiparia os resultados do trabalho e os recursos financeiros a serem destinados ao financiamento da educação. O MEC deverá projetar as linhas de crédito para obras, custeio e bôlsas de estudo e a rêde bancária oficial seria contratada para operar no financiamento, através do seu sistema de agências. O plano está bàsicamente fundado na decisão de fomentar o desenvolvimento da educação nacional, invertendo a fórmula da realização a longo prazo e pagamento imediato, pela da realização imediata e pagamento a longo prazo. Pode ser previsto fàcilmente o quanto o financiamento da educação será útil ao progresso do país.

É verdade que V. Exª. estaria disposto a pedir aos ocupantes dos órgãos colegiados diretamente ligados ao MEC (Conselhos Federais de Educação e Cultura, etc.) que devolvessem os seus mandatos ao nôvo govêrno?

Não há essa cogitação. Os órgãos colegiados da área da educação e cultura estão providos de titulares do mais alto padrão moral e intelectual. Temos, sim, o propósito de diversificar ao máximo a composição dêsses órgãos, pela representação das profissões e áreas regionais do país.

De que forma pretende estreitar os vínculos da universidade com as emprêsas, num esfôrço conjugado para atender às necessidades do nosso desenvolvimento?

Parece que a estrutura fundacional é a que mais pode aproximar a universidade da emprêsa privada, para que tenha a seu serviço uma maior autonomia e flexibilidade administrativas e constitua um pólo de atração mais considerável de recursos financeiros provindos das fontes também privadas de colaboração e financiamento.

O PRIMEIRO ENCONTRO COM OS REITORES

pam!
pam!
pam!

pam!
pam!
pam! pronto.

É simplíssimo fazer uma cobertura com Vogatex. Algumas marteladas e... pronto. Você acha que é preciso gente muito "especializada" para dar algumas boas marteladas?
Vogatex é fácil de instalar: exatamente 20 segundos para colocar uma chapa. Economiza mão-de-obra.
Economiza muita madeira, também. Vogatex precisa menos da metade do madeiramento normal de um telhado comum, de telhas. Pense em economia. Pensou? Então passe num Revendedor Eternit.

Chapas
Vogatex
um produto
Eternit® - mais de 60 anos de experiência em materiais de cimento-amianto.

Vogatex cobriu tôdas as casas da COHAB em Campinas.

proeme

SÔNIA ÉBLING

Côres e formas no cimento

Em seu atelier do Rio, Sônia Ébling ultima os trabalhos que vai expor na Galeria Bonino, a partir do dia 25 de abril. Ela mora em Paris, desde 1955.

Doze anos depois de ter conquistado o primeiro prêmio de escultura do Salão Nacional de Belas Artes e de ter viajado para Paris, onde fixou residência, Sônia Ébling retorna às galerias de arte do Rio. No próximo dia 25 de abril, a Galeria Bonino inaugurará uma amostra dos 30 últimos trabalhos da escultora gaúcha. A distância artística percorrida por Sônia, de 1955 a 1967, é tão grande quanto o caminho que a levou de Taquara, onde nasceu, a Paris, onde seu talento criador atingiu uma fértil maturidade. Ela estudou nas escolas de Belas Artes de Pôrto Alegre e do Rio e, quando ganhou o prêmio de viagem ao exterior, estava entre os melhores figurativos da escultura brasileira.

Na Europa, Sônia Ébling passou pela gradual transição para o abstracionismo, ao lado de uma constante pesquisa de novas técnicas e novos materiais. Hoje, ela trabalha principalmente em cimento misturado com óxidos, obtendo tonalidades de fascinante beleza. Seu conceito é sólido em Paris, onde já teve a honra de ser convidada para expor no Museu Rodin. Fêz várias outras exposições na Europa, inclusive em Berlim e Oldemburgo, e já está preparando uma grande mostra para Washington, em outubro de 1968. Enquanto isso, seu esplêndido apartamento da **rive gauche**, em Paris, ficará vazio: até setembro do próximo ano, Sônia Ébling pretende trabalhar no Rio de Janeiro.

OS MAIS BELOS INTERIORES DO RIO

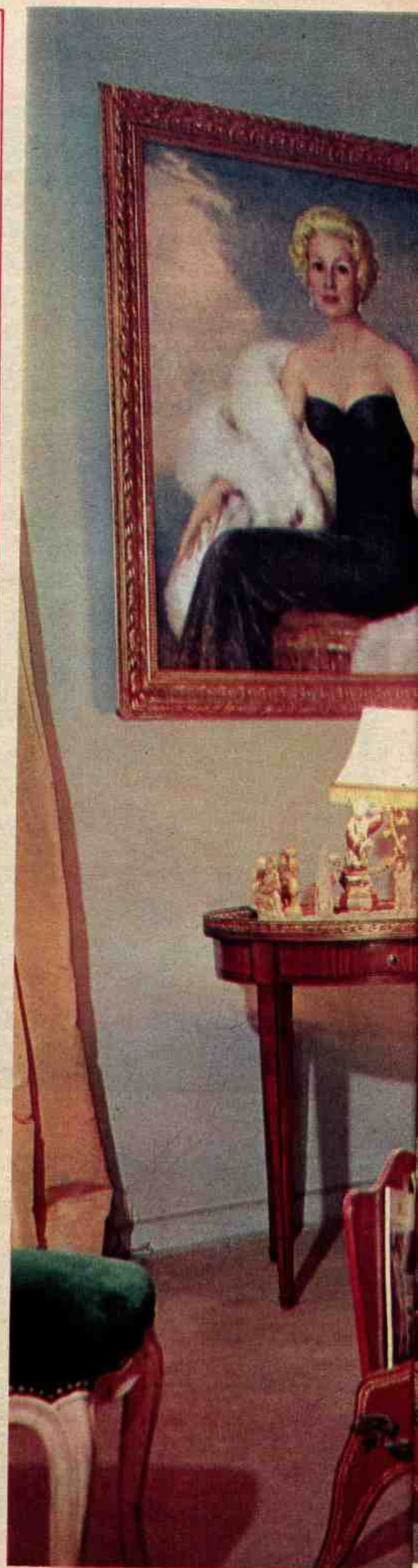
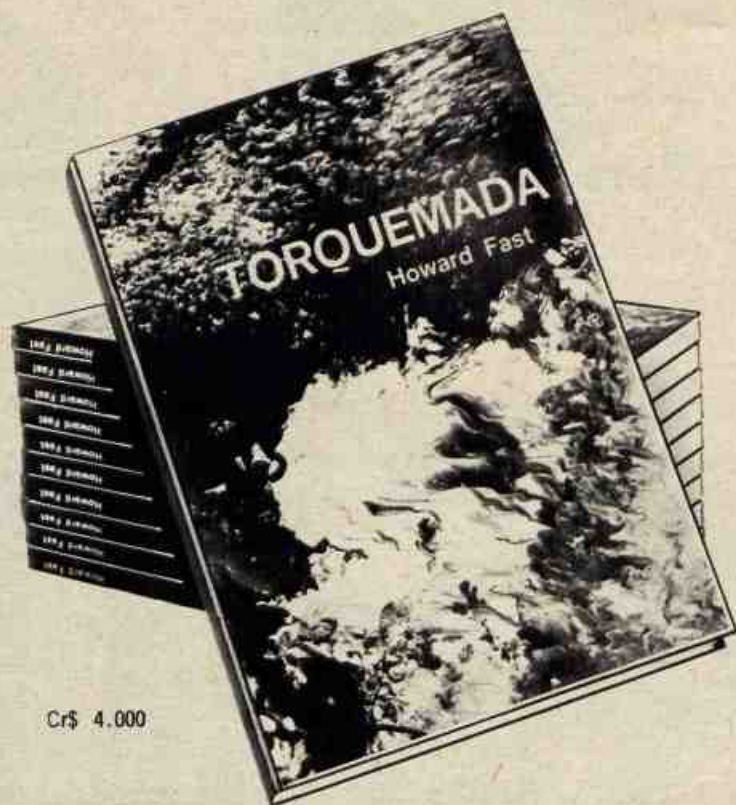
Um toque Parisiense

Texto de IBRAHIM SUED • Fotos de JUVENIL DE SOUZA

O mais original e elegante **pent-house** do Rio é sem dúvida o do casal Francisco Catão, em Botafogo. No primeiro andar, as dependências são tôdas decoradas em estilo europeu, com lindas peças de arte em nichos, a biblioteca tôda em **boiserie**, tapeçarias francesas e um imponente salão de jantar. O toque parisiense dessa residência tem a marca da **hostess**, Senhora Rosie Catão, nascida na capital francesa. Através do piso do hall, em mármore prêto e branco, chega-se ao terraço, que justifica a qualificação de **pent-house** mais original da cidade, pois foi transformado em monumental salão de recepção, pelo arquiteto Júlio Sena.

***ÊSTE MAGNÍFICO** hall ganha um aspecto monumental, graças às tapeçarias francesas que ornam suas paredes. Os móveis estilo Luís XV são autênticas jóias.*

***O SALÃO DE ESTAR** se prolonga em sala de jantar. Os espaços são generosos.*

***NO SALÃO** principal, dois nichos característicos da decoração no Velho Mundo.*

UMA PARTE DA BIBLIOTECA, com a bela mesa Luís XV. A residência dos Catão é austera e elegante.

O decorador desta residência realizou a proeza de transformar um simples terraço num magnífico salão para recepções

NA AMPLA biblioteca, predominam os livros indispensáveis às atividades do homem de negócios Francisco Catão.

AQUI ERA UM simples terraço. O arquiteto Júlio Senna transformou-o neste magnífico salão de recepção.

ESTA É A entrada da residência dos Catão. A beleza do conjunto, aqui, é devida em parte à preciosa varanda.

nas côres
vermelho, prêto, amarelo e pérola

sempre dá resultado

O assentador gosta de trabalhar com êste ladrilho cerâmico. Êle não se sente um simples trabalhador braçal quando reveste um piso. Nada disso. Sente-se artista, e êle o é, realmente. Deixa voar a sua imaginação devaneia, busca novas combinações. O material permite: é ladrilho CMG.

vide verso

Muitas flôres e bonitos lustres ornamentavam o salão do Hotel Del Rey, onde

O Dep. M. Costa, o Sr. Adolpho Bloch, o Gov. Israel Pinheiro e o Pref. Souza Li

Estavam presentes os grandes banqueiros e jornalistas de Minas, entre os quais os Srs. Eduardo Magalhães Pinto, Paulo Cabral e Alberto Deodato, além de parlamentares como o Sr. Israel Pinheiro Filho, industriais, empresários e secretários do govêrno mineiro.

Fotos de HÉLIO SANTOS

MANCHETE RECEBE EM MINAS

MANCHETE homenageou com um almôço o govêrno e as classes produtoras..

Para entregar a edição especial em homenagem a Minas Gerais, MANCHETE ofereceu um almôço no majestoso salão de banquetes do Hotel Del Rey, recém-inaugurado em Belo Horizonte. Estavam presentes o Governador Israel Pinheiro, o Prefeito Souza Lima, o Deputado Manoel Costa, Presidente da Assembléia Mineira, o General Dióscoro do Vale, além de numerosas aùtoridades, jornalistas, parlamentares, empresários, industriais e banqueiros. No seu discurso, o Sr. Adolpho Bloch referiu-se aos mineiros que se fizeram no trabalho e que fazem história: Juscelino Kubitschek, Magalhães Pinto, Israel Pinheiro, Azevedo Antunes, Clemente Faria, além dos jovens líderes dos bancos e das indústrias de Minas, que são responsáveis pelo progresso do país. "Nestas páginas da MANCHETE, os brasileiros estão vendo um grande estado dentro de um continente." Falando em nome de Minas, o Deputado Manoel Costa salientou a contribuição de Bloch Editôres à divulgação do desenvolvimento brasileiro, através destas edições especiais que fazem uma verdadeira obra de integração nacional. Em seguida, foi inaugurada a nova Sucursal de MANCHETE, sob a chefia do Sr. Odin Andrade.

CANADÁ 67
A EXPOSIÇÃO DA ERA CÓSMICA

Reportagem de SÉRGIO ALBERTO (do Bureau de MANCHETE em Nova Iorque — Via VARIG)

Assim será a espetacular Exposição Universal de Montreal. O globo de aço e plástico transparente abrigará o pavilhão dos EUA. Embaixo, o pavilhão alemão.

O Homem e o Seu Mundo é o tema da Exposição Universal que, a partir do dia 28 de abril dêste ano e prolongando-se por seis meses, atrairá para Montreal (Canadá) as atenções do mundo. Com os EUA e a URSS à frente, mais de 70 nações lá estarão. E mais a ONU e o Mercado Comum Europeu. Já conhecida como a Expo-67, será, na verdade, a gigantesca mostra da era atômica, ocupando duas grandes ilhas artificiais, criadas no meio do rio São Lourenço e ligadas à velha cidade de origem francesa por trens subterrâneos, em apenas 10 minutos. Em seus 183 dias de funcionamento, a Expo-67 deverá receber, aproximadamente, de 35 a 50 milhões de pessoas.

Gigantescas pontes ligaram as duas ilhas artificiais, a fim de proporcionar maior facilidade aos automobilistas que visitarão a Expo-67, em Montreal. Numa delas

A exposição canadense mostrará como o homem sobreviverá no Cosmos e nos abismos submarinos

Imensos pavilhões estão sendo ràpidamente ultimados para a data de inauguração.

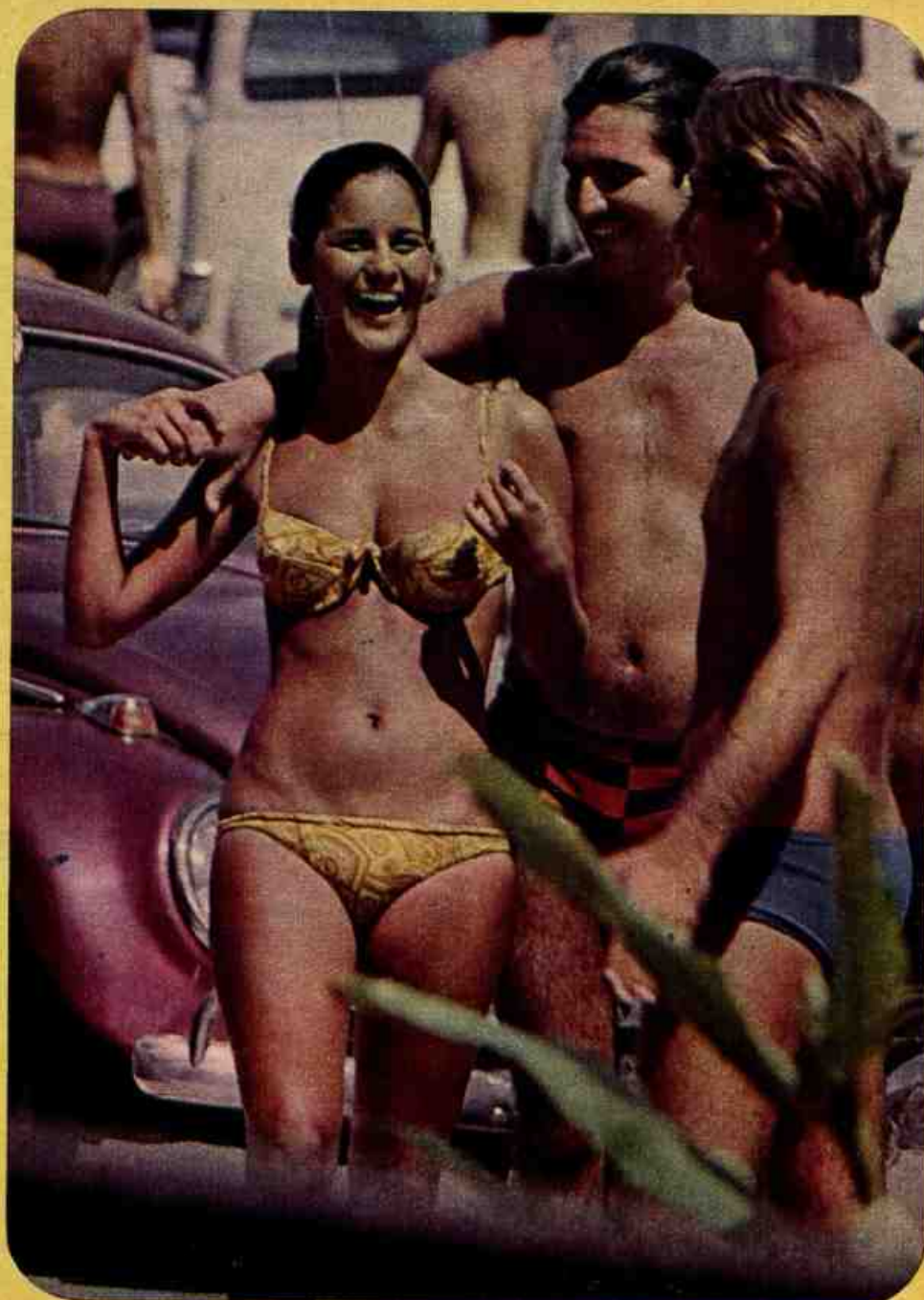
Cêrca de dez milhões de visitantes deverão ir dos Estados Unidos ao Canadá de automóvel. Apesar da gigantesca freqüência esperada, o comissário da Expo-67, Pierre Dupuy, acredita que o certame terá um deficit de cem milhões de dólares, compensado, porém, pela afluência de visitantes e de divisas (dois bilhões de dólares, pelo menos). Um milhão de bulbos de flôres que se abrirão na primavera e 150 mil árvores foram plantados nas duas ilhas artificiais, para embelezá-las. No conjunto da Expo-67, vão se exibir oito companhias de ópera, vinte conjuntos teatrais, dezoito orquestras sinfônicas, outras tantas de balé, solistas famosos e incontáveis grupos de **jazz**. Haverá também conferências por detentores do Prêmio Nobel, desfiles militares, exposições de modas, etc. Um pavilhão reproduzirá a vida polar e outro a vida submarina, a cujas profundezas os visitantes poderão descer, acompanhados pelo oceanógrafo francês Comandante Yves Cousteau ou por homens de sua equipe. A exposição, desenvolvendo o tema **O Homem e o Seu Mundo**, vai mostrar o ser humano como criador, explorador, aprovisionador, produtor e membro de comunidades, sob variadas e adversas circunstâncias. E até no espaço cósmico.

Pavilhões de formas bizarras, como êste, foram criados por arquitetos arquitetura moderna. Entre os projetistas, destacam-se R. Buckminster

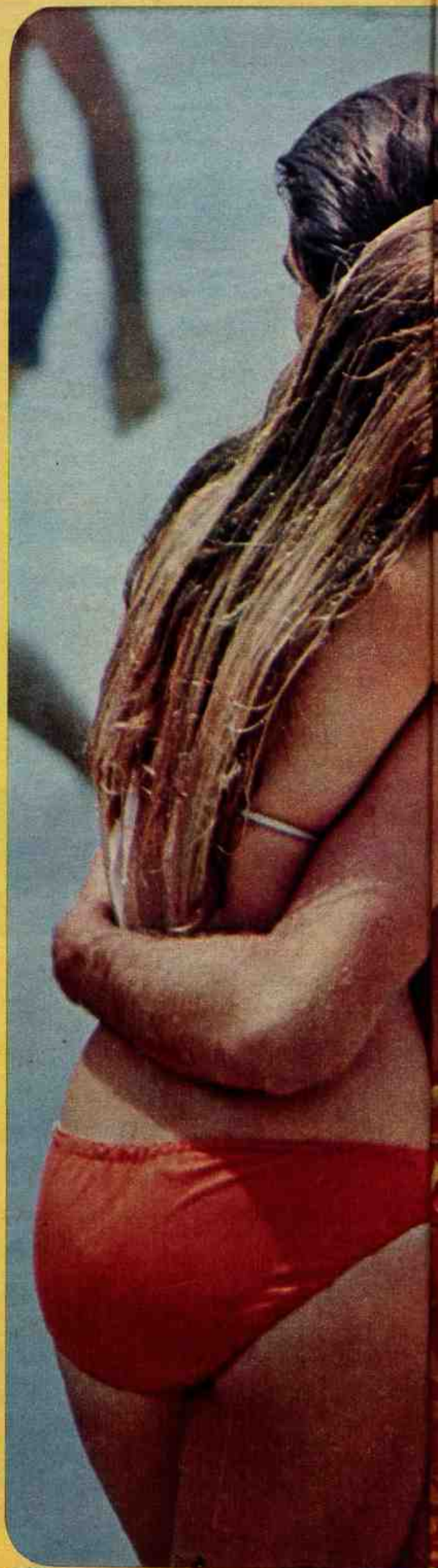
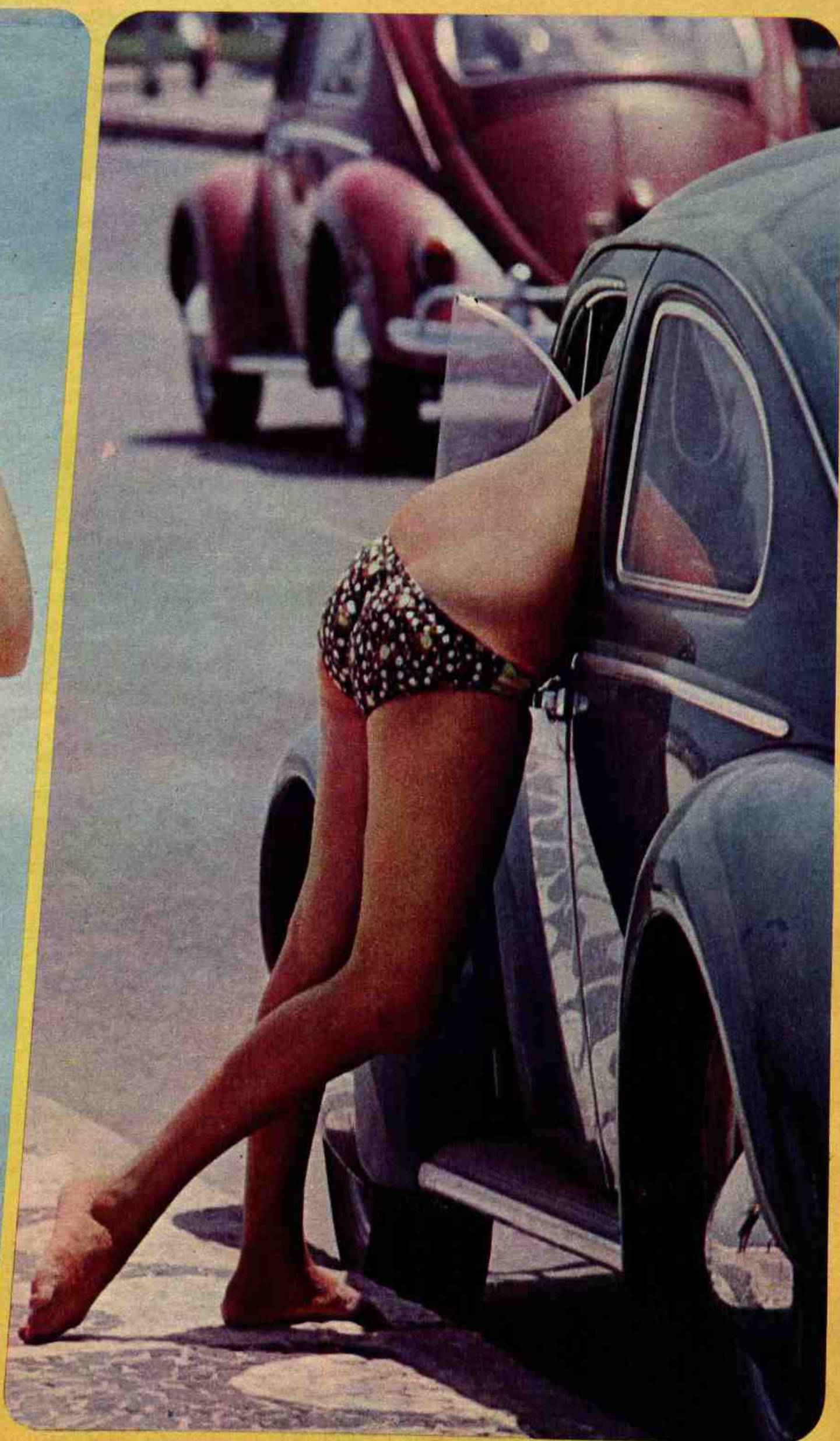
poderão estacionar 13 mil carros e ônibus e, na outra, mais 10 mil.

famosos, para a Expo-67, que também será vigorosa mostra de Fuller (EUA), Moshe Sfadie (Israel) e Sean Kenny (Irlanda).

OS BROTOS FLORESCEM NO OUTONO

Manchete

O brotinho temperado pelo verão atinge, no outono, a plenitude.

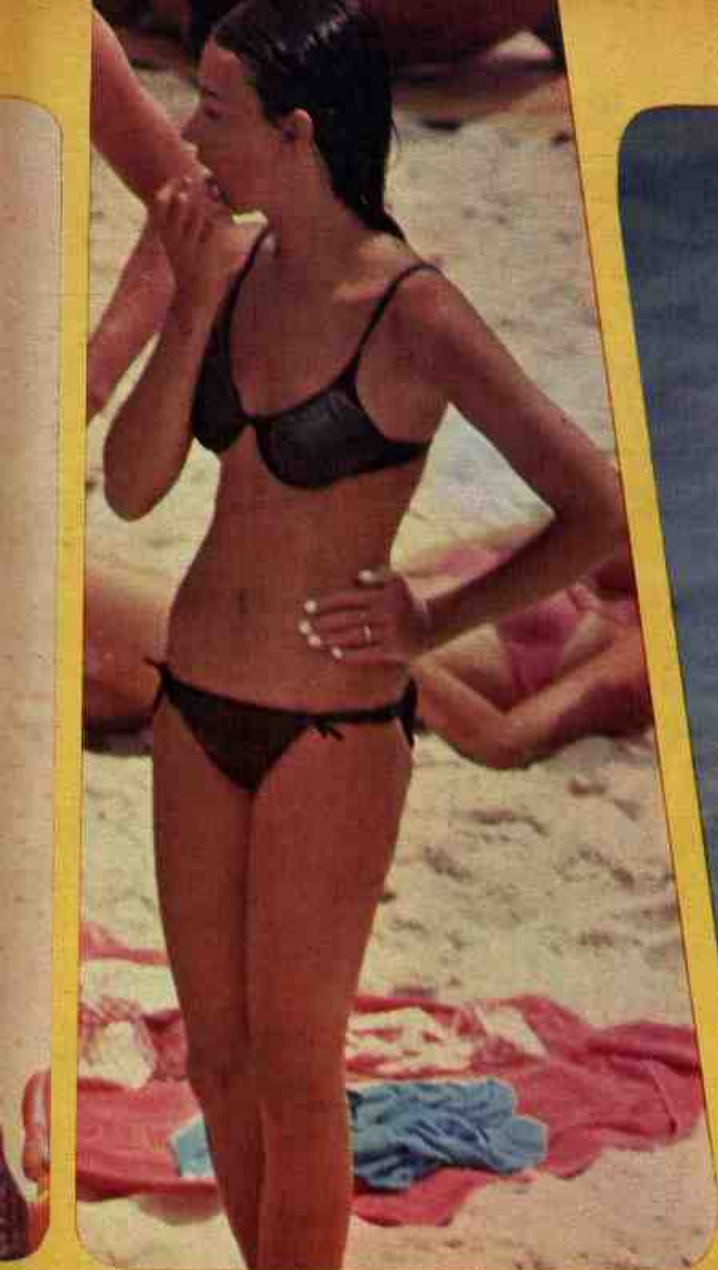
AS QUATRO ESTAÇÕES DO ANO CORRESPONDEM A IGUAL NÚMERO DE CICLOS NOS POMARES, HORTAS E JARDINS. ESSES CICLOS, POR SUA VEZ, SE ASSEMELHAM A QUATRO TRANSFORMAÇÕES ASSINALADAS TAMBÉM NO COMPORTAMENTO FÍSICO E ESPIRITUAL DAS pessoas. Assim, o inverno é a estação da letargia, a primavera a do plantio e germinação, o verão o período de crescimento e maturidade, o outono a época da colheita. Ora, dizem lá os calendários, no que são confirmados pelo tempo ameno que faz atualmente na Zona Sul do Rio de Janeiro, que já estamos em pleno outono; é, pois, chegada a temporada em que a nova safra de brotos desabrocha para o amor. Em Copacabana, Ipanema e Leblon, as fotos não mentem. Há brotos que riem, namorados que se abraçam, beijos que alguém descobre no interior de um fusca. É a hora do outono no coração.

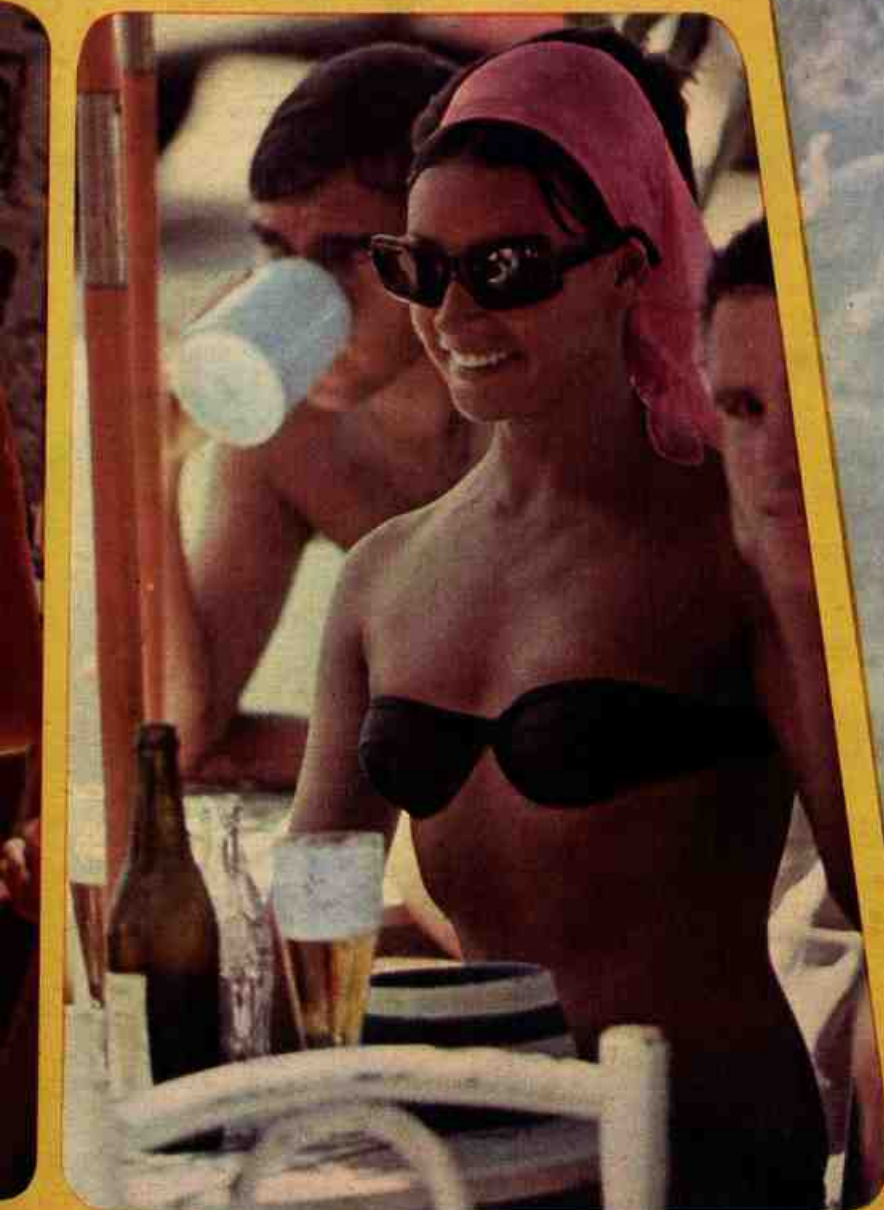
Reportagem fotográfica de ANTÔNIO RUDGE

Em biquíni e pareô, a nova safra de br

tos se enlaça. É outono.

Em Ipanema, o tempo está favorável à descoberta de um beijo no interior de um Volkswagen.

É em março que os brotinhos descobrem o sabor de um beijo. Em abril, é de bom-tom comemorar o noivado. Em maio, finalmente, chega a estação do véu e da grinalda

Um instante de Degas no Arpoa

Nos outros países vai-se à praia, por ir, sem maiores conseqüências. No Rio, a praia não é um simples meio, mas um fim. Ela se incorpora ao temperamento global dos brotos, retribuindo com sol dourado e alegria de viver o que recebe como adôrno feminino. Mergulhar em Ipanema é mais do que isso. É fazer parte da geração de Ipanema, uma gente bonita que cultiva o mar e a areia como o mais sagrado dos ofícios.

Um maravilhoso perfil no Leblon.

O ritual de cair nágua. Primeiro: achar que ela está fria, mesmo que não esteja. Segundo: mergulhar de um jeito valente, mesmo que a onda seja fraquinha. Terceiro: dizer que vai até a arrebentação, mesmo se não pretender. (Só para o Arpoador: cuidado com as pranchas de surf).

Usando apenas uma blusa reveladora sôbre o busto, Gabriela Licudi entrega-se ao ritmo sensual do wathi, ao lado de uma centena de homens e mulheres da tribo dos wakambas, do Quênia. A cena é de *O Último Safari*, de H. Halthaway.

Depois de sete horas de dança, Gabriela confraterniza com um dançarino wakamba, que não poupou elogios ao ritmo e à beleza da jovem estrêla britânica.

UMA ATRIZ INGLÊSA DE NOME ITALIANO FÊZ TREMER UMA TRIBO NEGRA

GABRIELA no iê-iê africano

⊞ Gabriela é uma brasa. Atriz de cinema, nascida na Inglaterra, ela tomou conhecimento da selvagem e excitante dança dos wakambas, uma tribo de Quitui, enquanto filmava no Quênia. Quando o sensual ritmo dos tambores começou a ecoar na floresta e a esquentar o sangue africano da tribo, ela ficou contagiada: era igualzinho ao iê-iê que ela dançara, dias antes, numa boate de Londres. Havia apenas um problema: as dançarinas wakambas, como é seu costume, estavam com os seios nus. Gabriela não vacilou um minuto: abriu a sua blusa, sob a qual não existia nada além daquilo que a pródiga natureza lhe dera, e entregou-se ao fervilhante ritmo do *watki*. E, para a delícia de todos, dançou durante sete horas, numa imediata e surpreendente identificação com uma dança que conhecia pela primeira vez. Os mais surpreendidos eram os próprios wakambas, onde a dança passa de geração a geração e é ensinada às crianças logo que elas começam a dar os primeiros passos. No final, Gabriela foi entusiàsticamente cumprimentada por todos os dançarinos — principalmente os homens.

Outro que ficou entusiasmado foi o veterano cineasta Henry Hathaway, que dirigia as filmagens da dança. "Ela não é formidável?", exclamou êle, explicando: "Gabriela não está usando nada debaixo daquela blusa. Se ela fôsse igual a certas atrizes que eu conheço, teríamos que evacuar o local e filmar através de um buraco aberto numa porta." O filme chama-se *O Último Safari* e lança como estrêla uma jovem inglêsa até então desconhecida, Gabriela Licudi, que faz o papel de uma mestiça, acompanhante de safaris. O ator, que não perdeu um minuto da dança, é Stewart Granger.

Ao lado: dançarinas africanas colocam seus enfeites em Gabriela, momentos antes do início da dança que vai marcar época na história do erotismo no cinema. O Último Safari é seu primeiro filme.

AUTOCRÍTICA

● **"Pedro Bloch! Pedro Bloch!"** O menino me acena da janela a mãozinha agitada e me sorri numa conspiração de ternura. Respondo ao gesto agitando calorosamente o braço, exagerando a intimidade com o pequeno desconhecido que sorri vaidoso para os coleguinhas. O garôto sabe que o **Pedro Bloch** que ali vai passando é o "homem das historinhas de crianças" (a mamãe lhe contou) e sua alegria vibrante ao me reconhecer é das coisas que me são mais fundamente gratas na vida e que me deixam engasgado de emoção. Estréias aplaudidas, homenagens fraternas, viagens aos cinco cantos do mundo, nada vale, pra mim, aquêle momento. Se algo alcancei na vida (e ela me tem sido generosa) foi essa sintonia com a infância, essa coisa que fêz com que uma mãe, ao ver seu filho de colo se atirando a meus braços, observasse com espanto: **"O senhor tem um ímã, não é, doutor?"**

● Tenho. O ímã que eu tenho é **querer bem**. Meu defeito maior, que aparece em tudo que sou e que faço, é excesso de ternura, às vêzes derramada demais. Gosto de gostar. Não consigo passar por uma criança sem lhe dizer **"você é boa, bonita e inteligente"** porque sei o que uma observação assim significa para um ser que brota.

Tenho uma tal reserva de boa-fé que sou capaz de me deixar enganar pelo maior dos vigaristas. Pior: sabendo que estou sendo enganado. Jamais consegui odiar. Sou uma ilha cercada de pontes por todos os lados. Para mim um canalha só é canalha enquanto não precisa de mim. Precisou... fico desarmado.

● No íntimo talvez seja malandragem minha. Aprendi desde cedo que é muito mais cômodo ter fé na humanidade. Agir de forma a poder dormir de uma estirada só, sem pesos na consciência. O diabo é que não ter pesos na consciência, num mundo que é um pesadelo eletrônico, é inconsciência e falta de caráter. Ainda fico com a comida engasgada pensando em quem tem fome. Minhas únicas insônias são sempre por problemas alheios. Os meus nunca me assustaram, nem me tiraram noite tranqüila. Estratifiquei, creio, uma filosofia simples. Perdôo tudo o que me fazem. Mas perdôo, mesmo, sem resquícios. Comigo sou implacável. Era. Depois de psicanalisado aprendi, também, a me perdoar a mim mesmo. Às vêzes. Quando mereço.

● Coisa que me deu enorme alegria, faz pouco, foi o fato de minha **Receita de Viver**, publicada em MANCHETE, ter sido emoldurada por centenas de adolescentes que me escrevem com imenso carinho e ter sido a mesma objeto de prova de exames na Universidade de Brasília. Na receita eu mostrava três normas que sigo na vida: a) **a vida é curta demais para atos mesquinhos**; b) **o que é meu de verdade ninguém me tira**; c) **faço o melhor possível; o resto é problema alheio.**

● Minha alma ficou marcada por meus pais e por alguns mestres. Papai era para todos o **Tio Jorge**, bom garfo, bom papo, gargalhada pronta, amor à vida. Era um ser de um tremendo calor humano. Era gente e gostava de gente. Em seu quase analfabetismo (emigrou para o Brasil ao perder grande fortuna, e veio, já maduro, tentar vida nova) tinha tal fome de cultura que não perdia um concêrto ou teatro na língua mais exótica do mundo. Seu coração lhe traduzia tudo. Era o **carona** número um de todos os espetáculos. Enquanto o filho ia pras torrinhas pagando entrada, êle, julgando-me gente, apresentava como passaporte a solene declaração, o "abre-te, Sésamo!": **"Eu sou o pai do Pedro Bloch!"** E entrava empinado, sem que ninguém se atrevesse a barrar-lhe o caminho, tal o orgulho de pai ingênuo que carregava. Inventava as histórias mais absurdas para me valorizar. Quando soube que eu tinha conversado com o Papa Pio XII, andou dizendo a meio mundo que tratei do Papa e o curei de soluços. Diante de nós, seus filhos, porém, tinha até pudor em demonstrar afeto. Era muito mais espontâneo com os sobrinhos **Adolpho** e **Arnaldo**, que lhe deram um amor e uma ternura de filhos. Foi ver minha peça **Dona Xêpa** quatrocentas vêzes. Ria de nôvo nos mesmos pontos, saboreava as mesmas situações. Viu **As Mãos de Eurídice** todos os dias de uma temporada inteira. Só acabei de conhecer meu pai depois que êle morreu, tantos amigos surgiram e tantos depoimentos surpreendentes. Ainda hoje muita gente me aperta calorosamente a mão na rua pra me dizer **"conheci seu pai"**, quase esmagando os meus dedos para dar mais fôrça àquela saudade.

● Fui bom filho, mas sofro o remorso de uma canalhice praticada há muitos anos. Um dia papai vem me dizer agitado: **"Meu filho, o presidente está aí assistindo à tua peça. Me apresenta ao presidente. Diz que eu sou teu pai."** Senti-me derrotado diante da perspectiva de me expor dessa maneira e, apavorado com o ridículo, tive a covardia de recusar essa alegria a meu pai. Êle se foi com os olhos marejados. Ainda o vejo partindo frustrado e recrimino milhares de vêzes minha ignóbil fraqueza. Que se danasse o ridículo, contanto que os olhos de meu pai não me lembrassem, a cada instante, a tristeza que lhe causei!

● Êle tinha o direito de me pedir tudo. Papai me comprou um piano Bechstein antes de ter dinheiro pra comer. Aprendi com êle a conhecer nos homens a fonte do bem e da alegria. Procurei compensá-lo de seus sacrifícios, estudando muito, no Pedro II, fazendo um curso médico de corpo e alma. Tinha tal ansiedade de progredir para ajudá-lo que, ainda no segundo ano, enganei ao Professor **Marinho**, na Faculdade de Medicina, que estava no quinto e comecei a trabalhar no Hospital São Francisco de Assis. Morávamos perto, na Rua **Monte Alegre**. Todos os chamados de hemorragia noturna acabavam sendo socorridos por mim **"porque eu morava mais perto"**. O que ninguém sabia era que eu não tinha dinheiro para o bonde e corria pela madrugada adentro, como um desesperado, para socorrer os doentes e conseguir chegar antes do bonde. Naquele tempo a luta era grande. Minha sobremesa no hospital, mais de uma vez, foi remédio fortificante.

● Sempre me interessei fundamente por **voz e fala**. Queria estudar laringe, audição, lingüística, física, música, tudo o que se relacionasse com som, linguagem, símbolo, **humanização do homem.** Passei por todos os cursos, corri mundo e mais mundo, sempre procurando saciar minha fome de aprender, dominar minha insegurança numa especialidade que despontava para se afirmar: a Foniatria. Não houve canto que não percorresse, mestre que não consultasse, congresso a que não aderisse, trabalho que não apresentasse, para, finalmente, lograr ser relator, presidente de sessão e membro da diretoria da International Association of Logopedics and Phoniatrics. No último Congresso de Viena pude ouvir palavras quentes de **Froeschels**, companheiro de **Freud**, que terminou seus comentários sôbre a minha tese, recordando o grande mestre de Viena e declarando: **"Sua ciência é muito boa porque tem alma, coração."** Coisa igualmente grata me disse **Guimarães Rosa** ao expressar: **"Gosto de você porque você tem sol dentro."** É pretensioso, eu sei, relatar isso, mas eu

de PEDRO BLOCH

"Minhas peças são desiguais, mas na hora da criação estou sempre convencido que escrevo uma obra prima. E mais me comove um sucesso em Pirapora do que em Estocolmo."

seria hipócrita se não me envaidecesse de minhas vaidades. Todos gostamos de ser queridos e admirados.

● Acho que viver é expandir, iluminar. Viver é derrubar barreiras entre os homens e o mundo. Compreender. Saber que, muitas vêzes, nossa jaula somos nós mesmos, que vivemos polindo as grades em vez de libertar-nos.

● Estou plenamente convencido de que em cada ser humano existe uma dimensão universal e única, ao mesmo tempo. Sempre tratei da mesma forma o gari e o presidente. Um ser humano é igual a outro ser humano. Jamais encarei alguém como se **não pudesse** entender a Teoria da Relatividade. Sei que um poeta como **Fernando Pessoa** pode dizer a mesma coisa que um sertanejo modesto. **"Um dia de chuva é tão belo como um dia de sol. Ambos existem: cada um como é."** Pois o caboclo mostra, ainda mais, em sua linguagem humilde, quando, olhando o dia tempestuoso, exclama: **"Êta diazinho bonito pra quem gosta de dia feio!"** Procurar compreender os homens sempre foi a minha maconha. Não acredito em pessoas complicadas. São feitas de uma porção de coisinhas simples que ninguém entende.

● Sei que não podemos viver, permanentemente, grandes momentos, mas podemos cultivar sua expectativa. A gente só é o que faz aos outros. Somos conseqüências. Há tão pouco tempo pra viver, a vida é centelha tão fugaz, que é preciso senti-la **pra cima.** Até minhas invejas têm sido pra cima. Invejo procurando alcançar, jamais diminuindo ou degradando.

● Não acho que tenha vencido na vida. Embora, dentro dos moldes correntes, seja um homem "realizado" na Medicina e no Teatro, na minha vida exterior e interior, sempre achei que a coisa mais importante do mundo é **não vencer na vida. Não se realizar.** O homem deve viver **se realizando. Realizado...** bota ponto final. Tenho um profundo respeito humano, um enorme respeito à vida. Acredito nos homens e sempre desenvolvi um sentido de identificação com o resto da humanidade. Sempre acreditei que o dinheiro não enriquece ninguém. Sempre acreditei mais na **verdade** que na **bondade**, porque a verdade é que é a bondade a longo prazo.

● Sempre vivi o sobrenatural. Já disse e repeti que **o sobrenatural seria o natural mal explicado, se o natural tivesse explicação.** Tudo é milagre. Flor, pássaro, mulher. O sábio, mais que os outros, vive debruçado no milagre. Não crer em Deus me parece imbecil ou pretensioso. Não num Deus que persegue negros ou que faz guerra, mas tudo que está acima de nossas limitações terrenas. Já disse que o pulo do astronauta é uma anedota diante do mistério universal. Detesto os hipócritas, especialmente os que acreditam em Deus e pensam usar a Bomba. Ou bem que se acredita em Deus ou bem que se crê na Bomba. Rezar a Deus para que a Bomba caia do outro lado é fácil. O difícil é acreditar num Deus que acredite nesse tipo de reza.

● Sempre tive horror à cultura de fichinha. Nunca disse a ninguém que fiz conferências na Sorbonne. Acho que aí vai pela primeira vez. Sempre tive pena do pobre coitado que julga ser o único a perceber as sutilezas de um grande quadro ou de um clássico qualquer.

● Na realidade, em vez de deixar correr as teclas, devia analisar-me sob vários aspectos: o **menino,** o **adolescente**, o **homem maduro. Amor, crenças, ideais.** O **médico,** o **teatrólogo...**

Vamos lá. A coisa mais remota de que me lembro de bem **criança** foi o fato de, numa fronteira, nossa família reunida só ter uns pedacinhos de pão duro pra comer. Era noite e eu estava tonto de fome. Estavam todos adormecidos. Quis levar o pão à bôca, mas não pude. Era preciso dividir com todos. Devolvi ao velho chapéu, que servia de prato, o pedaço que me queimava os dedos. E passei a noite chorando sem poder dormir. Sempre respeitei o pedaço alheio: pão, coisa, sentimento, maneira de ser.

● Como **adolescente** fui um grande tímido que procurava compensar suas inibições fazendo mil coisas: pianista de rádio, redator de jornais, sonhador de sonhos impossíveis, contista, fundador de grêmios no Pedro II, até discursador. É tempo de dizer que passei a infância na Vila, de **Noel**, que me marcou para sempre. Modéstia à parte, sou de lá, também.

Desde menino a **palavra**, a **voz**, a **linguagem**, sempre me empolgaram. Isto me levou a mil caminhos. Ao Teatro. Nunca fui homem de muitos amôres. Foram **definitivos** enquanto duraram e **únicos**, até alcançar essa **Míriam** fabulosa, em que tenho tôdas as mulheres do mundo em ternura, bondade e grandeza de alma.

● O **homem maduro** que sou hoje odeia a **guerra**. Odeia **preconceitos raciais.** Odeia ter de escrever brasileiro **naturalizado**, quando tem brasilidade transbordando de todos os poros. Detesta a palavra **tolerância** (tolerância é uma concessão). O homem maduro gosta de seu judaísmo, se orgulha de suas origens e crê num Deus único para todos, tão humano e bom que nem precisa ser onipotente ou onipresente. O homem maduro sofre diante de um mundo de fôrças divididas, de mêdos multiplicados, de engrenagens e maquinismos estranhos muito práticos, muito plásticos e pouco éticos ou benéficos. Sofre com os amôres desencontrados, com a mortalidade infantil, com a injustiça social de tôdas as côres. Com um mundo que aperfeiçoa as técnicas de curar e gasta muito mais em técnicas de matar.

● Creio que o **médico** que carrego comigo é bom. Estudo até hoje, religiosamente, todos os dias, trabalho desde muito cedo até o fim da tarde, e só aí dou guarida ao homem que escreve.

Procuro "tratar do que o paciente **é** mais do que do que o paciente **tem**". A ciência é feita de verdades provisórias. Por isso exige mente e alma abertas. Especialização é **superação**, nunca **limitação.** Sempre desconfiei da superespecialização. Houve Prêmio Nobel tirado por coisas, mais tarde, provadas erradas. Cuido dos problemas da voz e da fala, leciono em tôrno dessas questões, dou cursos de pós-graduação em vários cantos do mundo (no ano próximo devo estar em Barcelona, Paris e Tel Aviv). Terminei três livros da especialidade, sendo um de divulgação para pais e professôres: **Seu filho fala bem?** Tenho que me desdobrar para não envergonhar nem o **médico** nem o **teatrólogo.**

● O **teatrólogo** tem muito êxito. Tenho peças **ótimas, razoáveis** e **péssimas.** Mas na hora da criação estou sempre convencido de que realizo **obra-prima.** Me comove muito mais um sucesso meu, em Pirapora, que em Estocolmo, embora adore ter sucesso em Estocolmo. É por minha gente, principalmente, que quero ser ouvido e compreendido. Os que não gostam do que faço dizem que sou um **"sucesso de bilheteria"**, coisa inegável, fato inconteste. Como se **bilhete** fôsse comprado por imbecis. Esquecem que por trás de cada bilhete estão uma **sensibilidade**, um **ser humano**, um **catedrático**, um **filósofo**, um **literato** ou um **analfabeto**, que **juntos** sabem e julgam como ninguém. Esquecem que o público é um **substantivo comum** composto de uma infinidade de **substantivos próprios.** E a cada indivíduo do **público** eu respeito profunda e integralmente. Escrever **para o público** é o meu ideal. O público somos todos nós, do Papa ao faxineiro. Se me guiasse por certos críticos, já teria deixado de escrever de há muito. Ocorre, porém, que a cada crítica negativa, recebo pilhas de entusiasmos de vários cantos do mundo. Ao mesmo tempo que ouvia restrições a **As Mãos de Eurídice**, a peça recebia os maiores prêmios de Madri e Bruxelas e era encenada, em seleção de **Ingmar Bergmann**, no Teatro de Malmo, que êle dirigiu, além de apresentar **Os Inimigos não Mandam Flôres**, que já foi vivida por **Piaf**, pela **Greco** e pela **Marina Vlady.** Como autor já me dei ao luxo de recusar peça ao grande **Pierre Brasseur** por fidelidade ao meu intérprete belga.

Van Jafa e **Décio de Almeida Prado** são dois críticos extraordinários: um do Rio, outro de São Paulo. **Van Jafa** acha que sou **ótimo. Décio** acha que sou **péssimo.** Eu admiro, enormemente, os dois, porque creio, cegamente, na honestidade intelectual de ambos, que possuem gabarito para gostar ou desgostar.

● Não sei se sou um grande autor teatral. Sei que muitos grandes atôres, de vários pontos do globo, levaram ou querem levar obra minha. Até o genial **Ben Ami**! Sei que, na Suécia, figuro em volumes de autores de vanguarda e é assim que me considera o maior crítico de Estocolmo. Há também gente que tem certeza de que **não sou nada bom autor teatral**. É problema dêles. Só sei que escrevo **como se fôsse** um autor da melhor categoria. Tudo é feito com **grandeza** e **pureza**. Pode ser que a minha grandeza seja muito limitada e que minha pureza seja incompreendida. Sei que tenho algo a dizer. Tenho a certeza de que daqui a cem anos serei representado. Não que isso tenha importância maior para mim. Os que me **elogiam** como autor merecem de mim a mesma gratidão que os que me **atacam**. A êstes eu **devo muito** porque estou convencido de que melhoro a cada dia como dramaturgo e isto se deve, em parte, ao que eu devo imaginar serem "injustiças". Tomo a liberdade de continuar me dando um crédito de confiança, quando recebo uma tese com quase trezentas páginas sôbre obra teatral minha e que serviu para ganhar, na Bélgica, uma cadeira de Literatura. O genial **Moretti** deixou o Piccolo de Milano para fazer obra minha. E por aí a fora.

Grande parte da vida de Pedro Bloch é consagrada à Medicina. E lhe valeu a Ordem do Mérito, conferida pelo Ministro Raimundo de Brito.

● Citar uma autoridade pra mim não é prova. Nunca aceitei citações de nomes de autores como argumento de verdade. "A ignorância é, muitas vêzes, uma ciência exata." Um fato não é científico pelo simples fato de estar provisòriamente provado. Um sentimento é igualmente científico. Uma conclusão instintiva pode conter mais verdade que a prova mais provada. Não gosto de gente que brinca com idéias. Quem se diverte com idéias geralmente não as possui.

● Sempre tive alergia ao Poder. Nunca ninguém me viu bajulando ministro. Não tenho emprêgo público algum. Nunca tive. Sempre sobraram oportunidades que dependiam de uma palavra minha, um telefonema, um pedido. Mas com que facilidade sei pedir para os outros! Chega a ser cinismo.

● Respeito a verdade de um canalha e desprezo a mentira de um santo. A vida sempre me deu mais do que mereço. Por isso me sinto em dívida permanente com todo mundo. Gosto de gente cujo nome se pode pronunciar em voz alta, que aperta a mão com firmeza, que sabe querer bem.

● Meu saldo: quase trinta peças escritas, quase uma dezena de volumes científicos, milhares de aulas dadas no Brasil e no estrangeiro, dezenas e dezenas de trabalhos, estudos, ensaios, contos; milhares e milhares de historinhas de crianças, dezenas de congressos. Amigos sem número. Amigos mesmo. Pra mim cada país tem por capital o nome de um amigo. Tenho irmãos admiráveis como **Jaime** (engenheiro da **MANCHETE**, violinista, enxadrista e caráter como nenhum); **Hélio** (capaz de fazer tudo e só fazendo pelos outros e que, apenas agora, teve tempo para realizar um musical que vai marcar época: **A Úlcera de Ouro; Paulina** (transbordando talento e botando sua grande alma em tudo que canta e faz). Uma mãe fabulosa que já enfrentou metralhadora para não perder aula de piano. Uma espôsa, **Míriam**, em quem, quanto mais os anos passam, mais descubro motivos de encantamento, tal sua capacidade de verter bondade e compreensão. Só faço o que gosto de fazer e por isso só faço o melhor que posso. E, às vêzes, mais do que posso. Em minha casa só entra gente que eu amo. Vem muita gente porque amo quase tôda a humanidade. Mas tenho também minhas alergias e a elas vou dizendo, há vinte anos, que não venham porque minha casa está em pintura. Na minha casa vieram a se conhecer **Jorge Amado** e **Guimarães Rosa**. Onde **Clarice Lispector** se sente em casa e **Sérgio Bernardes**, se não houver cadeira sobrando, senta no chão. Em que a campainha da porta pode me trazer meu fraterno **Darci** ou **Érico Veríssimo**, gente como poucos. Em que **Tom** e **Carlinhos Lira**, certa noite, podem mostrar sua música. Sem falar nos fabulosos companheiros desta revista, desta **MANCHETE** que batizei com **Adolpho** e nos meus irmãos do Teatro, da Medicina, do mundo inteiro. Meu **hobby** é gostar de gente. Quanto mais gente melhor. Minha vida se resume em muito calor humano. Isto, a longo prazo, até os que me detestam acabam por descobrir. Acabam percebendo de que gosto sinceramente dêles também. Gosto até de mim!

● Dentre os amigos que partiram sinto falta de **Ari Barroso**. Me telefonava, todos os dias, reclamando presença. Muito antes de se falar em música de protesto já eu escrevia para **Ari** a letra de **Ternura 90**, em protesto ao estrôncio 90, que empesta o ar:

Meu amor explode em cinqüenta megatons/E deixa no ar ternura 90/Meu amor atingirá futuras gerações/Com carinho setenta.../Já os cientistas estudam as conseqüências/Das experiências dessas explosões/Nascerão crianças de olhos deslumbrados/Bôcas transbordantes de canções./Das mãos hão-de brotar um mundo de carícias/E beijos florirão em cada bôca./Mulher que não amar/Criança que não rir/Vai ser tratada como gente louca./Canhões vão disparar buquês de rosas/Foguetes levarão mensagens de amor e paz/Lua-de-mel vai ser na própria Lua/Gente matando gente nunca mais!/Nunca mais no mundo sofrimento e dor/Átomos... a serviço do Amor!

● Tudo que aí vai foi escrito de um só jato, sem censura minha, sentindo só sem pensar. Quis dizer o que realmente me ocorria na hora de escrever. Mas, ao findar, vejo, mesmo, que o grande saldo do que sou é o aceno da criança na rua: **"Pedro Bloch! Pedro Bloch!"** Não sei se Pelé sentirá com a multidão do Maracanã o que eu sinto com a torcida de uma única criança. O que mais me emociona é ainda fazer parte, já maduro, dessa enorme ciranda universal. E como lema, vejo, diante de mim, a legenda afixada à entrada de um Hospital em que tanto trabalhei e dei tanto de mim: **"Quero uma casa à beira da estrada e ser amigo dos homens."**

NO ANO 2000, A GUANABARA CONTARÁ COM QUASE DEZ MILHÕES DE HABITANTES. MAS AS CONDIÇÕES DE VIDA NA CIDADE TERÃO MELHORADO MUITO

UM ANEL RODOVIÁRIO PARA O RIO

Reportagem de Edison Cabral ● *Fotos de Gervásio Batista*

O RIO DE JANEIRO É HOJE UMA CIDADE CASTIGADA, ESMAGADA, ATÔNITA. A NATUREZA EM REVOLTA DESENCADEIA TÔDA A FÚRIA DOS ELEMENTOS CONTRA OS SEUS QUATRO E MEIO MILHÕES DE HABITANTES. SUA DECANTADA BELEZA NÃO SOBRESSAI COMO ANTES, NESSE CENÁRIO DE DESOLAÇÃO E CALAMIDADE PÚBLICA: TEMPORAIS, ENCHENTES, INUNDAÇÕES, DESABAMENTOS, LAMA, LIXO, MONTUROS, ESCOMBROS, PEDRAS QUE ROLAM, BARREIRAS QUE CAEM, VIDAS QUE SE PERDEM, LARES QUE se desfazem, famílias que sofrem. Uma população, antes risonha e feliz, está hoje intranqüila, nervosa, assustada, em enervante expectativa, sem saber o que será o dia de amanhã. Todos buscam uma saída, sem atinar que uma das principais causas de seus males é a falta de planejamento urbanístico, que deixava a cidade crescer sem ordem, concentrando-se demasiada e perigosamente em certas áreas, sem aproveitar enormes espaços vazios de outras. Essa ausência de ordenação no crescimento fêz do Rio uma cidade-problema, com a sua maior concentração demográfica espremida entre a montanha e o mar. No afã de manter-se nas áreas mais desenvolvidas, a população empoleirou-se nas encostas, não tardando a começar o ciclo das desgraças que, no ano passado e há pouco, enlutaram a família carioca.

O Viaduto de Saint-Hilaire e as pistas que a êle estão ligadas vão permitir acesso ao Túnel Rebouças pràticamente sem cruzamentos. Quase concluídos, os trabalhos modificaram o panorama da Lagoa Rodrigo de Freitas.

Além da construção do Anel Rodoviário da Guanabara, os engenheiros do Departamento de Estradas de Rodagem planejaram obras para melhoria do tráfego da Avenida Brasil

No ano 2000, trinta e três após as calamidades atuais, o Rio de Janeiro deverá ter oito e meio milhões de habitantes. População duplicada, problemas triplicados. Que fazer para que o Rio continue merecendo o nome de Cidade Maravilhosa? Arrasar os morros que desabam e fazer dela uma imensa planície? Como prevenir calamidades futuras? Como impedir a repetição dos acontecimentos de 1966 e 1967? É possível pôr ordem naquilo que cresceu desordenadamente? Há soluções para tais problemas?

Os engenheiros garantem que existem. Asseguram que, se no passado tivesse havido planejamento, a crise de hoje não existiria. E, com números e estudos, afirmam que o futuro da Guanabara repousa, principalmente, num caminho com 130 quilômetros de asfalto, que vai casar a Guanabara com o progresso. Êste caminho é o Anel Rodoviário, plano principal e sonho preferido dos técnicos, engenheiros e funcionários do Departamento de Estradas de Rodagem do Estado da Guanabara.

Um dos mais graves problemas do Rio de Janeiro é o do tráfego. As dificuldades de locomoção condicionam a escolha da residência de uma grande parte da população. Um exemplo disso é Copacabana, onde, em ruas espremidas, numa densidade demográfica das mais altas do mundo, vivem milhares de pessoas, em apartamentos mínimos, com problemas insolúveis de serviços públicos de água, esgôto, higiene e saúde. Seus moradores, porém, fincaram raízes. Não querem se mudar. É que para Copacabana existe acesso relativamente fácil (em que pesem os engarrafamentos), com filas menores para os transportes. Em outros bairros, tomar uma condução é um problema. As filas são enormes, as viagens mais incômodas, arrastadas, demoradas.

Nôvo viaduto para o tráfego destinado à ilha do Governador eliminará pontos de estrangulamento existentes na Av. Brasil. Esta se transformará numa via de alta velocidade, livre de cruzamentos.

Traçado atual, a ser modificado pelas obras, iniciadas, que o Departamento de Estradas de Rodagem da GB espera concluir em tempo recorde. O viaduto de saída da ilha do Governador será mantido.

Para pôr fim a tudo isso, e para permitir que sejam adotadas soluções para outros problemas de caráter social, econômico, político, turístico e de higiene e saúde, técnicos do DER-GB estão construindo o Anel Rodoviário. Parte integrante da rodovia federal BR-101 (ex-BR-6, Rio—Santos) êsse Anel tem como finalidade dar uma nova saída à Guanabara, hoje com uma única via de acesso — a Avenida Brasil. Pronto, será a coluna básica do sistema viário do estado, ramo principal de tôdas as interligações de ruas e estradas mais importantes de cada região carioca. Permitirá, ainda, o deslocamento do tráfego pesado para a periferia do estado e sua separação racional do tráfego mais leve dos carros particulares e dos coletivos. E desde que haja acesso mais fácil a tôdas as regiões do Rio, serão evitados muitos congestionamentos. Isso beneficiará a Avenida Brasil e outras vias em que um tráfego intenso atravanca as ruas, impede o deslocamento dos veículos, força os motores, danifica a pavimentação e obriga o estado a investir elevadas verbas na conservação permanente, sem obter resultados ideais na manutenção das pistas. Hoje, quando sucede um acidente de maiores proporções — como, por exemplo, o descarrilamento do trem de minérios que cruza a Avenida Brasil, como já aconteceu algumas vêzes —, as pistas ficam interditadas durante horas, com paralisações totais do tráfego, pois não existem alternativas. O Rio se ressente, também, de inúmeras dificuldades na ligação rodoviária com São Paulo. Por ocasião dos últimos temporais, caíram barreiras na serra das Araras, impedindo o tráfego de veículos que traziam produtos para o consumo dos cariocas e dificultando o escoamento da produção do parque industrial da Guanabara — o segundo do país — com prejuízos os mais graves. Com o Anel Rodoviário êsses problemas desapareceriam. O Rio teria uma segunda ligação (BR-101) com São Paulo, através de Santos, pela faixa litorânea entre os dois centros mais produtivos do país.

A construção do Anel Rodoviário tem, acima de tudo, um sentido técnico-administrativo-social. É a primeira vez que o estado se antecipa ao crescimento demográfico, evitando, com isso, problemas para as administrações e populações do futuro. Antes, tôda espécie de erros eram cometidos, para que depois o DER-GB e os outros órgãos de urbanização do estado fôssem chamados a consertá-los, esbar-

Este plano de obras prevê a eliminação de cruzamento existente na Av. Brasil com a Rua Bela e a Rua Prefeito Olímpio de Melo, facilitando o acesso ao bairro de S. Cristóvão. Já está em execução.

Estado atual do trecho da Av. Brasil que será beneficiado pelas obras do plano acima. Nesse trecho desaparecerão dois sinais luminosos, hoje necessários ao cruzamento que em breve será eliminado.

rando em dificuldades quase intransponíveis, inclusive a da elevação absurda dos custos das obras. Agora haverá a inversão dessa política. Deslocando o eixo do complexo industrial-residencial em crescimento para as baixadas de Jacarepaguá, Campo Grande e Santa Cruz, será promovido o povoamento daquelas áreas pràticamente inabitadas, com o aproveitamento do seu enorme potencial de recursos econômicos e com a abertura de uma fase de desenvolvimento para a Guanabara. Prevendo isso, e como parte de seu plano de integração viária, o DER-GB está construindo em Jacarepaguá as vias 5 e 11, que ligarão a orla marítima da Barra da Tijuca ao interior da região e daí, por vias já existentes (Cândido Benício e outras, que já estão sendo recuperadas, alargadas e asfaltadas), à Avenida Brasil, diretamente, sem as grandes voltas do traçado de hoje.

Valorizada a região, com o barateamento dos fretes e dos transportes, graças ao trânsito livre e às melhores condições para o deslocamento de veículos, escoamento e chegada da produção, o seu desenvolvimento social será rápido. Poderá o carioca habitar em região de excepcional beleza, onde serão possíveis construções mais arejadas, mais humanas, mais higiênicas, com clima marítimo, em zona turística, com praias e, principalmente, sem encostas, sem o perigo de desabamentos e com um sistema de drenagem técnica e planejada. Quanto às necessidades de serviços, também não existirão problemas. Aquelas áreas, através de vias de comunicação largas e modernas, com transporte livre e abundante, estarão bem próximas dos locais de diversão, dos centros de produção (zona rural) e dos lugares de trabalho. Isso eliminará, ainda, os perigos atuais da Avenida Niemeyer, de curvas fechadas, pistas estreitas e mão dupla, incapaz de suportar a intensidade do tráfego existente e, muito menos, quando o desenvolvimento determinar a implantação de um denso sistema de coletivos.

No campo econômico, o Anel Rodoviário dará acesso mais fácil à região de Santa Cruz, destinada a ser o centro industrial do estado, com o seu pôrto de minério, a termelétrica, a siderúrgica da COSIGUA e o parque fabril já planejado.

O conjunto das obras terá essa denominação por envolver, na periferia, o estado. Na verdade é de forma oval, alongada, que funcionará, numa explicação simples, como se fôsse uma roda de bicicleta, sendo o pneu o anel e os raios a rêde de ruas e estradas que o ligarão a tôda a área compreendida dentro dêle. Os elevados investimentos que exige serão compensados pela diminuição do custo de manutenção, pois a menor intensidade do tráfego representará uma maior duração do capeamento das pistas de asfalto ou concreto, dispensando constantes reparos.

Farão parte do Anel Rodoviário trechos de 4 rodovias federais: 3 na Asa Norte do estado e 1 na Asa Sul. A primeira é a BR-135 (Rio—Petrópolis, Montes Claros, São Luís do Maranhão), que vai do gasômetro às proximidades de Parada de Lucas, daí seguindo para Petrópolis. Segue-se, no traçado, a BR-462 (Rio-Volta Redonda, Angra dos Reis, São Paulo), que percorre o trecho da Avenida Brasil até Parada de Lucas e desvia-se para São Paulo. A terceira é a BR-464 (Magé-Santa Cruz) que leva o Anel até Santa Cruz, onde se encontrará com o traçado da Asa Sul. Essas três rodovias, no total, englobam distância de cêrca de 60 km em vias de pistas largas, asfaltadas e em condições satisfatórias de tráfego.

O percurso restante do Anel — de 70 km aproximadamente — será constituído pelo trecho que vai do gasômetro até Santa Cruz, através da Zona Sul, Barra da Tijuca e Jacarepaguá, desviando-se, ao cruzar com a Asa Norte, para Mangaratiba. Seu traçado inicia-se na confluência das Avs. Brasil e Francisco Bicalho, seguindo por esta, pela Av. Paulo de Frotin, através de dois elevados a serem construídos futuramente, ligando o gasômetro diretamente ao Túnel Rebouças. Ao atingir a Lagoa Rodrigo de Freitas, o Anel fará uso das vias urbanas existentes, até que seja construído o elevado que margeará a lagoa e irá desembocar na entrada do Túnel Dois Irmãos (1.250 metros), também a ser construído brevemente, ligando a Rua Marquês de São Vicente, sob o Morro da Rocinha, a São Conrado, para atingir a Barra da Tijuca em **free way**, passando, a seguir, por um outro túnel — o Dois Irmãos — já em construção. Essa obra, de características especiais, será o primeiro túnel do gênero **double-desk** (dois andares), na América do Sul. Com êsse sistema

Uma série de pontes, de novos túneis e de amplos viadutos proporcionará aos cariocas comunicações mais rápidas e os levará a descobrir áreas até aqui desprezadas

será evitada a construção de duas galerias que encareceriam a obra.

Já na Barra, o Anel atravessará a Ponte de Marapendi, ingressará na Av. das Américas, indo atingir a ponte sôbre o Canal de Sernambetiba. A etapa seguinte é a Estrada do Pontal, Estrada da Grota Funda e Santa Cruz, ocorrendo, aí, o encontro com a Asa Norte. Nessa área, para maior escoamento do tráfego, haverá duas pontes sôbre o Canal do Cação Vermelho e o Canal da Ponte Branca, esta já concluída e a primeira em andamento.

Na Avenida Brasil, realiza o DER-GB uma série de obras, a fim de implantar o bloqueio naquela artéria, que consistirá no fechamento das pistas internas, que se

Já está concluída a ponte sôbre o canal de Marapendi, na Avenida das Américas.

destinarão, em futuro, ao tráfego interestadual e intermunicipal, principalmente em virtude do maior volume de carros resultante da duplicação da Estrada Rio-São Paulo. Feito o bloqueio, o tráfego local passará a correr nas pistas laterais, que estão sendo duplicadas. Em fase dêsse objetivo, para eliminar pontos críticos de engarrafamentos estão sendo construídos viadutos na Rua Prefeito Olímpio de Melo (duplo), nas Ruas Lusitânia e Lôbo Júnior e na entrada da ilha do Governador, bem como urbanizado o Trevo de Missões (entrada da Rodovia Rio-Petrópolis).

Para mais rápida conclusão do Anel Rodoviário, o Departamento de Estradas de Rodagem está executando, no momento, as seguintes obras:

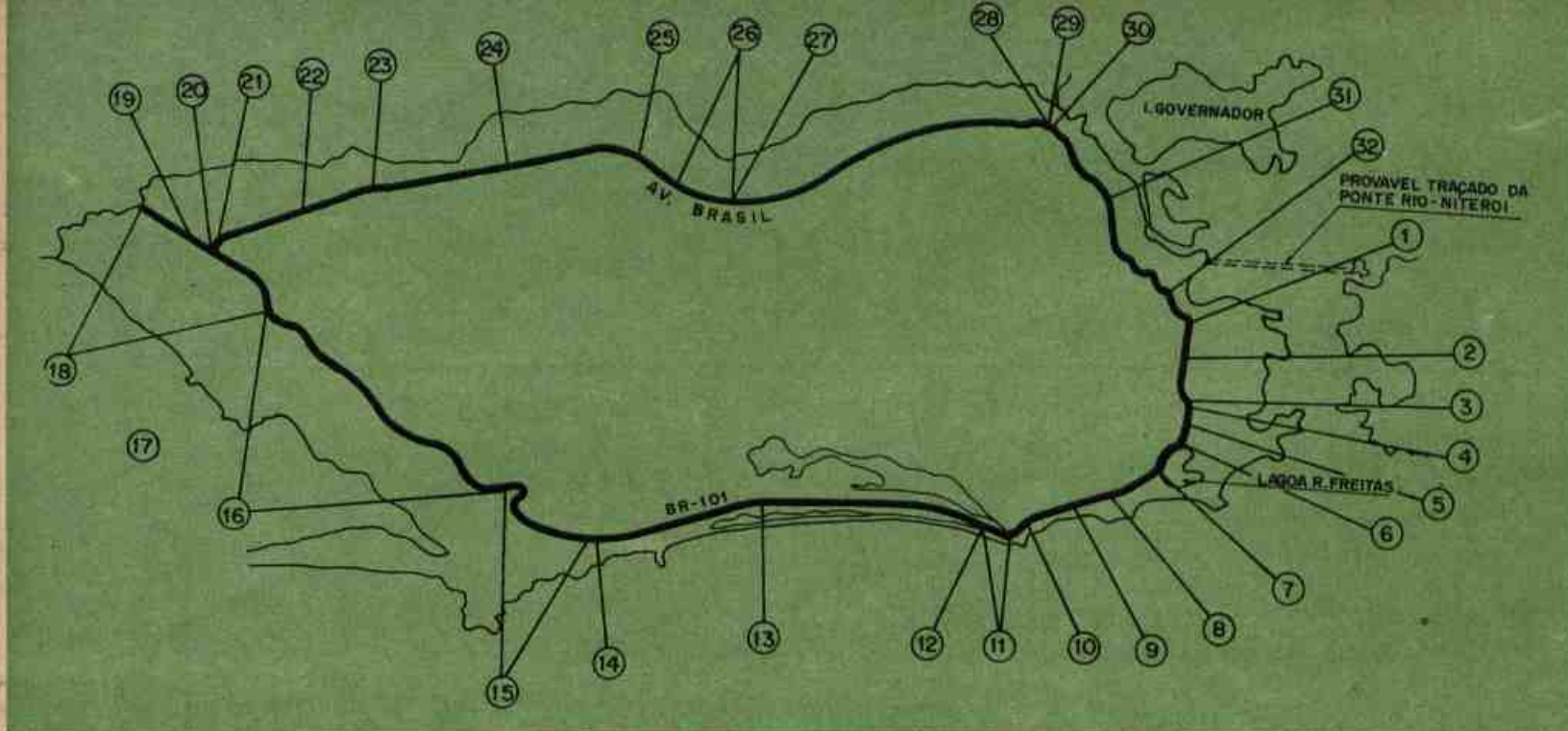
Complementação da Av. Brasil, entre Santa Cruz e Campo Grande (prolongamento de trecho de 4 km do Aterrado do Itaguaí à Estrada do Morro do Ar); Duplicação da Av. Brasil, trecho de 4 km entre Realengo e Deodoro; Construção de viaduto duplo na Rua Prefeito Olímpio de Melo; Construção de viaduto na Rua Lôbo Júnior; Construção de viaduto na Rua Lusitânia; Construção de viaduto em Bonsucesso (retôrno da ilha do Governador); Complementação do Trevo de Missões (confluência da Av. Brasil com a Estrada Rio-Petrópolis); Conclusão da Avenida Canal Paulo de Frontin; Conclusão do Túnel Rebouças (Rio Comprido-Lagoa); Conclusão dos acessos ao Viaduto Machado de Assis, no Cosme Velho; Urbanização da Lagoa Rodrigo de Freitas (área do Viaduto Saint-Hilaire); Construção do Túnel do Joá (350 metros, em dois andares); Construção de ponte sôbre o Canal da Barra da Tijuca; Construção de 2.ª ponte de acesso à Barra da Tijuca; Pavimentação do trecho Pontal-Sernambetiba, da Estrada da Grota Funda; Pavimentação das duas vertentes da Variante Grota Funda, de Jacarepaguá a Campo Grande; Construção dos acessos à Ponte de Marapendi; Construção dos acessos à Ponte de Sernambetiba; Consolidação dos taludes da Estrada da Grota Funda; Construção de muralhas de arrimo da Estrada da Grota Funda; Construção de ponte sôbre o Canal do Cação Vermelho; Construção de ponte sôbre o Canal da Ponte Branca; Conclusão do viaduto da Rua Paula Ramos; Conclusão dos acessos ao Viaduto Saint-Hilaire; Proteção dos taludes da Av. Brasil; Construção de ponte sôbre o rio Irajá; Recuperação das placas de concreto da Av. Brasil, do km 0 ao 17; Prolongamento (700 metros) da Estrada do Catonho a Intendente Magalhães; Prolongamento (1 km) da Estrada do Mendanha; Construção de ponte sôbre o rio Jacaré, na Av. Suburbana; Terraplenagem e pavimentação de áreas adjacentes às Ruas Viúva Cláudio, Camboriú e Bráulio Cordeiro; Complementação da Av. Nôvo Rio, entre Av. Brasil e Av. dos Democráticos; Urbanização do Viaduto Cristóvão Colombo.

O Departamento de Estradas de Rodagem do Estado é uma autarquia com autonomia administrativa e financeira, subordinada ao governador do estado e ao secretário de Obras Públicas e sujeita a fiscalização federal, por dispor de dotações orçamentárias do Fundo Rodoviário Nacional.

Com a Av. das Américas, a Baixada de Jacarepaguá vai receber boa parte dos cariocas.

As atribuições legais do DER-GB dividem-se em têrmos de construção de obras novas e manutenção das já existentes. Essas atividades, exercidas em cêrca de 400 vias da Guanabara — internas e de ligação com outros estados e municípios — abrangem uma extensão aproximada de 1.400 quilômetros. Cabe ao DER-GB, nos têrmos da lei, organizar, ampliar e rever a rêde rodoviária do estado; planejar e executar serviços técnicos e administrativos referentes à construção, reconstrução e conservação de rodovias; elaborar especificações, estudos, projetos e orçamentos de obras rodoviárias e viárias; executar melhoramentos, pavimentação e conservação das estradas existentes, viadutos, pontes e demais obras complementares, bem como ruas, avenidas ou túneis que, por suas condições de vias de penetração ou interligação, estejam incluídas no sistema rodoviário estadual; divulgar informações e conhecimentos que favoreçam o barateamento do tráfego e o emprêgo de carburantes nacionais; conservar e melhorar rêdes de galerias de escoamento de águas, drenagem e dispositivos de sinalização do sistema rodoviário, e, finalmente, sinalizar as rodovias e promover a arborização das estradas, conservando os ajardinamentos.

Embora sejam essas as suas atribuições, em têrmos rígidos, de 1966 para cá, sua competência foi ampliada, levando-o a sair de suas finalidades específicas e a lançar-se em campo diferente. Nos recentes temporais, o DER instalou um Serviço de Emergência (hoje efetivado), com numeroso pessoal, máquinas, equipamentos e materiais. Um sistema de rádio, com 84 estações móveis e fixas, foi estendido ao Palácio Guanabara, à Secretaria de Obras Públicas, à SURSAN, ao QG da Polícia Militar, à Fazenda Modêlo e a Laranjeiras, a fim de permitir melhor e mais rápida coordenação de tôdas as providências de socorro às vítimas. Entre os muitos atendimentos efetuados pelo DER-GB, destacam-se:

1 — Restauração de pontes sôbre o rio Cachoeira (na Estrada da Barra), do Itanhangá, sôbre o Rio Guerenguê, sôbre o Rio Grande, no km 25 da antiga Estrada Rio—São Paulo, na Estrada do Gericinó, de Santa Eugênia (sôbre o Rio da Ponte), sôbre o Rio Campinho, na Estrada do Piaí (sôbre o Rio da Ponte), na Estrada João Paulo (Irajá), na Estrada do Pau da Fome, nas estradas de acesso à Barra de Guaratiba e à Pedra de Sepetiba, na Estrada do Morro Cavado, na Estrada da Ilha, na Estrada do Rio Pequeno, na Estrada Intendente Magalhães, na Estrada do Marapicu, na Estrada do Campinho.
2 — Desobstrução da galeria da Estrada Velha da Tijuca.
3 — Reconstrução do trecho danificado pelas águas.
4 — Restauração da pavimentação da Rua Conde de Bonfim.

Êste é o traçado do Anel Rodoviário. Os números assinalam: 1) entroncamento da BR-101 com as BR-135 e 462; 2) Trecho Gasômetro—Túnel Rebouças; 3) T. Rebouças (fase de instalação de aparelhagem eletromecânica; 4) viaduto Cosme Velho; 5) T. Rebouças; 6) Viaduto Saint-Hilaire; 7) Trecho Rebouças—Dois Irmãos; 8) Tunel Dois Irmãos; 9) Dois Irmãos—Joá; 10) T. Joá; 11) Joá—Barra; 12) Ponte canal de Marapendi; 13) Trecho de 19 km já implantado e pavimentado; 14) Ponte (C. de Sernambetiba; 15) Trecho sendo implantado; 16) Grota Funda—Av. Cesário de Melo; 17) Entroncamento BR-101—BR-464; 18) Av. C. de Melo—Divisa E. do Rio; 19) Trecho Morro do Ar —Atêrro de Itaguaí; 20) Ponte (C. Cação Vermelho); 21 e 22) 1.ª e 2.ª Ponte Branca; 23) Trevo de Campo Grande; 24) Quafá—Morro do Ar; 25) Cancela Preta—Morro do Ar; 26) Trecho em execução; 27) Gasômetro—Magalhães Bastos; 28) Entroncamento das BR-135—BR-464; 29) Trevo das Missões, 30) Viaduto Lôbo Júnior; 31) Viaduto de Bonsucesso; 32) V. Olímpio de Melo.

5 — Remoção de entulhos na Usina da Tijuca.
6 — Reconstrução de pontilhões no Caminho dos Eucaliptos, Estrada do Guandu, Estrada do Sapê, Estrada do Lameirão, Caminho do Jenipapo e Estrada General Pessoa Cavalcânti.
7 — Reparos na ponte do Rio da Prata, na Estrada do Moinho.
8 — Remoção de barreiras, na Av. Niemeyer, Estrada da Gávea, Estrada das Canoas, Av. Édson Passos, Estrada do Redentor, Rocinha, Corte de Cantagalo, Favela da Catacumba e Rua Gastão Baiana.
9 — Remoção de pedras e obras de proteção no Corte de Cantagalo.
10 — Obras de contenção de encostas na Rua Prof. Gastão Baiana.
11 — Reconstrução de galerias na Av. Brasil (Ramos), onde houve inundações.
12 — Remoção de inúmeras barreiras e pedras na Estrada Grajaú—Jacarepaguá.
13 — Restauração de acessos ao Hospital Santa Maria (Estrada do Rio Pequeno).
14 — Combate a enchentes de rios e canais de Santa Cruz.
41 — Limpeza de ruas, remoção de entulhos, desobstrução de galerias de águas pluviais em Vila Isabel (bacia do Rio Joana), Maracanã, Tijuca, Grajaú, Santo Amaro, Almirante Alexandrino e Monte Alegre, Botafogo, Gávea, Andaraí, Rua Redentor.
42 — Instalação de banheiros e sanitários no Maracanãzinho e na Fazenda Modêlo, para uso de flagelados ali abrigados.
43 — Reconstrução de dique do Rio Guandu (60 metros e 2.000 m³ de terra).
44 — Construção de muralha de sustentação na Rua Prefeito João Felipe.
45 — Dinamitação de pedras, consolidação das existentes e remoção das que caíram, na Rua Comendador Martinelli (Leblon), Rua Conselheiro Otaviano (Vila Isabel), Visconde de Santa Isabel, 610.
46 — Sangria, com terraplenagem, de lagoa no alto da encosta sob o Pico do Papagaio (Tijuca).
47 — Reconstrução de galerias pluviais e sistema de drenagem na Garganta do Mateus (Estrada Grajaú—Jacarepaguá).
48 — Medidas de proteção contra desabamento de pedras, na Rua Alzira Valdetaro (Engenho Nôvo).
49 — Remoção de barreiras e medidas de proteção na Rua Vítor Meireles (Estação do Riachuelo).
50 — Remoção de barreiras na Rua Propícia, 46 a 50.
51 — Remoção dos entulhos e auxílio às vítimas do desabamento da Rua dos Arcos, 23.
52 — Demolição dos prédios 21, 25, 27, 29, 31, 35, 37 e 54 da Rua dos Arcos, condenados por falta de segurança.
53 — Remoção de enorme barreira na Estrada de Furnas.
54 — Demolição dos prédios 110, 112 e 114 da Av. Osvaldo Cruz, condenados por falta de segurança.

Além de todos êsses atendimentos, em conseqüência dos temporais, a atuação do DER-GB, foi mais intensa e mais destacada na remoção dos flagelados e seus pertences e, especialmente, no socorro às vítimas e na retirada dos escombros dos três edifícios que desabaram nas Ruas Belisário Távora e Couto Fernandes, nas Laranjeiras. Operários e engenheiros trabalharam durante 24 horas, ininterruptamente, retirando corpos, removendo entulhos e tomando medidas de consolidação dos taludes, para evitar outros desabamentos, inclusive protegendo, com escoras, os edifícios vizinhos, parcialmente danificados.

E enquanto tudo isso acontecia, por falta de um planejamento urbanístico que poderia ter evitado muitas mortes, o Departamento de Estradas de Rodagem continuou construindo o Anel Rodoviário — que a Guanabara espera, ansiosa, para poder respirar tranqüilidade, segurança e desenvolvimento.

Terceiro de uma série de 4 viadutos em construção ao longo da Av. Brasil, o da R. Lôbo Júnior, ficará pronto ainda êste ano. O Viaduto das Missões será o último, na entrada da Estrada Rio-Petrópolis.

PAULO MENDES CAMPOS

DE UM CADERNO CINZENTO

A teimosia, como a cruz para o cristão, é o sinal do tradutor de poemas.

Tel qu'en lui-même enfin la littérature le change.

De um livro de divulgação científica — **The Universe and Dr. Einstein,** de Lincoln Barnett — retiro êste concreto poema científico: "O homem é o maior de seus próprios mistérios. Não entende o vasto e velado universo no qual foi lançado, pelo mesmo motivo de não entender a si mesmo. Compreende apenas um pouco de seus processos orgânicos, e ainda menos de sua singular capacidade de apreender o mundo a seu redor, de raciocinar e sonhar. Menos que tudo, compreende esta nobre e misteriosa faculdade: o poder de transcender a si mesmo e de se surpreender no ato da percepção. O impasse incontornável do homem é que êle próprio é parte do mundo que procura explorar; seu corpo e seu orgulhoso cérebro são mosaicos das mesmas partículas elementares que compõem as escuras nuvens de poeira turbilhonante do espaço interestelar; em última análise, êle é uma conformação efêmera do primitivo campo espaço-tempo."

Nenhuma lição do tempo mereço; me empolga nos fins, um nôvo comêço.

Segundo as investigações, as coisas se passaram assim: no dia 30 de abril, Goebbels comunicava a Doenitz, por telegrama, que Hitler, antes de morrer, nomeara o almirante presidente do Reich. De manhã, a Rádio de Hamburgo adiantava que um grave e importante comunicado seria feito ao povo alemão; com a execução de trechos heróicos de Wagner e da sétima sinfonia de Bruckner, foi transmitida a notícia da morte do **führer.** Nos subterrâneos da chancelaria, em Berlim, Bormann e outros planejavam a fuga, enquanto Goebbels estava decidido a desaparecer com a sua numerosa família. O plano de evasão não pôde ser cumprido de acôrdo com o figurino. Bormann seguiu em um dos grupos, levando no bôlso uma cópia do testamento de Hitler.

Depois de tentar sair pela estação da Friedrichstrasse, Bormann e outros recuaram e, dentro de tanques, conseguiram romper a barreira de fogo, atingindo Ziegelstrasse, onde o tanque de Bormann teria recebido o impacto de violenta explosão. Beetz e Axmann foram feridos; Kempka ficou cego por algum tempo; Stumpfegger e Bormann conseguiram escapar. Mais tarde, nenhuma das testemunhas dessa explosão afirmou ter visto o cadáver de Bormann, embora, mais tarde ainda, Kempka viesse a descrever a morte de seu companheiro de fuga. Axmann também declarou depois que Bormann morrera. Mengershausen, no entanto, afirmou o contrário, categòricamente, dizendo que o tanque atingido não fôra o de Bormann. Outro oficial nazista declarou a um jornal em 1953 que estêve com Martin Bormann depois da explosão; disse ainda ter perdido Bormann de vista e o ter reencontrado em um hotel, já em roupas civis. E ainda: "Êle teve uma oportunidade de escapar tão boa quanto a minha."

Trevor-Roper acha que Bormann sobreviveu à explosão, acrescentando que só uma coisa pode levar-nos a crer em sua morte: o fato de não ter aparecido nenhuma prova de que Bormann continuasse vivo depois de primeiro de maio de 1945. Para o autor de **The Last Days of Hitler** e muitos outros investigadores, o destino de Martin Bormann permanece um mistério. Ora, acredito que muitos mistérios mundiais acabam se escondendo no Brasil; e é por isso que vivo vendo Bormanns por tôda parte, sobretudo em São Paulo.

Depois da solidão quando menino
E o horror da terrível divindade,
Depois das contorsões da puberdade
E a morte sôbre o gume do destino,
Depois do amor, meu fácil desatino,
E dos punhais escuros da saudade,
Depois da lucidez e da maldade
Com que desfiz o engano matutino,
Depois de ter a alma naufragada
No sentimento de não ter raízes
(Nem no céu nem na terra tenho nada),
Depois de tanto espaço de tristeza,
Há nos meus olhos dias mais felizes
E um pouco de alegria, de pureza.

O que seria a Vemag sem a Volkswagen?

Vemag.

Nem poderia ser outra coisa: pois nós, da Vemag, já fabricávamos o DKW antes de trabalhar em conjunto com a Volkswagen.

Da mesma forma que a Volkswagen, criamos e, durante longos anos, aperfeiçoamos sempre mais a nossa concepção técnica.

Essa concepção é assim: automóvel com motor na frente, tração dianteira e refrigeração a água. (Sob êsse aspecto, o VW é justamente o contrário do DKW.)

E ainda: um automóvel econômico, durável e de acabamento esmerado. (Sob êsse aspecto, o VW é igual ao DKW.)

É por isso que o trabalho em conjunto da Vemag com a Volkswagen é tão construtivo: encontraram-se dois fabricantes com a mesma mentalidade.

Isso vai permitir maior experiência. Mais conhecimentos. E possibilidades técnicas muito maiores.

Bom exemplo é o contrôle de qualidade: quando é feito por duas grandes emprêsas, os resultados são melhores.

Em outras palavras: sem o VW, o DKW continuaria sendo o excelente DKW que v. conhece. Imagine agora a Vemag e a Volkswagen trabalhando em conjunto.

O casal Zilda e Alair Couto homenageou MANCHETE em sua bela residência de Belo Horizonte

UMA NOITE DE ELEGÂNCIA E BOM-GÔSTO

O casal de anfitriões Zilda e Alair Couto, na foto acima, em companhia de Lucy e Adolpho Bloch.

⊞ O casal Zilda e Alair Couto ofereceu em sua bonita residência de Belo Horizonte um jantar em homenagem aos diretores de MANCHETE, que foram a Minas entregar a edição especial dedicada àquele estado e inaugurar a nova Sucursal de Bloch Editôres na capital mineira. À recepção, em *black-tie*, compareceram casais da alta sociedade de Minas que eram recebidos à porta pelos anfitriões, num ambiente de grande requinte, bom-gôsto e categoria. Foi um dos acontecimentos sociais de maior repercussão, no estilo das recepções do *grand monde* de Paris e de Londres.

Zilda Couto, a hostess de Belo Horizonte, a todos recebeu com grande distinção.

As mais elegantes senhoras de B. Horizonte estiveram na festa.

A residência onde o jantar foi oferecido é uma das mais bonitas de Minas.

Na mesa central havia flôres e castiçais. Nos jardins, mesas para todos.

Um julgamento que promete ser sensacional movimenta a juventude britânica. Dois componentes do conjunto The Rolling Stones, Mike Jagger e Keith Richard, detidos fumando maconha, serão julgados em maio, acusados de tráfico de entorpecentes.

★ BB PROVOCA DEBATE NO PARLAMENTO DO LÍBANO. A oposição, liderada pelo Deputado Jamil Lahoud, ataca o ministro do Turismo, que hospedou Brigitte Bardot em Beirute com honras oficiais e sem que sua bagagem passasse pela alfândega. "Esta senhora não é nenhum chefe de Estado!", protesta o deputado.

★ QUEM VIVE MAIS? CASADOS. OU SOLTEIROS? Na Alemanha, os casados, segundo levantamento de uma entidade de pesquisa populacional. Na Hungria, os solteiros, conforme estudo do Instituto de Pesquisas Nacionais, de Budapeste.

★ **OLIVER TWIST**, EM MUSICAL, IRÁ PARA O CINEMA. A comédia musical de Lionel Bart, baseada na célebre história de Charles Dickens, que fêz sucesso em palcos de Londres e Nova Iorque há alguns anos, será levada à tela por Sir Carol Reed.

★ O PROCESSO **TECHNICOLOR** DEIXARÁ O CELULÓIDE dentro de mais alguns meses. A firma americana que detém a patente dêsse sistema acaba de desenvolver um processo de gravar filmes em côres diretamente em fita magnética.

★ CAMPEÃ DO **JERK** FARÁ BERNADETTE NA TELA. Uma nova versão cinematográfica, desta vez francesa, da história da beata de Lourdes (o papel que consagrou Jennifer Jones), será entregue à jovem Catherine Braillat, recentemente eleita campeã de danças modernas pelas boates de iê-iê de Paris.

★ "SEREIAS" DE VERDADE DARÃO AVISO AOS NAVEGANTES, no Japão. A Marinha nipônica vai colocar mulheres nos rochedos da costa, para gritarem, de quando em quando, alertando as embarcações para aquêles perigos. Presume-se que o berro feminino seja mais eficiente que faróis ou sinais telegráficos.

De Gaulle foi intimado a renunciar, pelo prefeito da aldeia de Olcani, na Córsega, Jean Giorgetti. Em telegrama ao presidente francês, Giorgetti o acusou de colaborar diretamente na "fraude das eleições legislativas" naquela ilha. De Gaulle não respondeu.

★ PETER SELLERS ESTRÉIA COMO REPÓRTER numa revista americana. Assunto que o famoso ator escolheu para sua primeira reportagem: Cláudia Cardinale.

★ AFRESCOS PRÉ-HISTÓRICOS estão ameaçados de desaparecer das paredes das cavernas de Lascaux, França. Foram atingidos por misterioso fungo. Arregimentando cientistas para o combate ao mal, declarou André Malraux, ministro da Cultura: "A ruína dêsses desenhos causaria um prejuízo à arte comparável à perda da Gioconda."

★ A ITÁLIA QUER REVIVER SEU PODERIO BÉLICO, principalmente no mar. Acaba de lançar seu primeiro submarino desde a Segunda Guerra Mundial: o **Enrico Tori**, que, dotado dos últimos aperfeiçoamentos eletrônicos, dá início à renovação da esquadra italiana.

★ CAEM AS VENDAS DE CARROS AMERICANOS, nos Estados Unidos, atingindo 23% a menos que as do ano passado. Um milhão e meio de veículos estão estocados nas lojas. Os fabricantes alegam o inverno rigoroso como causa do atual problema.

★ SERÃO COLORIDOS OS ICEBERGS que ameaçam a segurança da navegação nos mares setentrionais. A aviação norte-americana, que antes gastava toneladas de bombas tentando destruí-los, resolveu jogar sôbre êles tintas vermelha e amarela. Assim, os navegantes poderão percebê-los na neblina.

★ OS **BEATNIKS** VÃO COMBATER OS **PROVOS**, em Paris. Motivo: os primeiros pregam a não-violência, enquanto os segundos vêm agredindo policiais e tentando envolver o "bom nome" dos **beatniks** em suas manifestações públicas.

Jeanne Moreau pediu proteção à polícia de Londres, onde está filmando A Grande Catarina, **obra de Bernard Shaw. A atriz teme ser assaltada até no estúdio: no papel de Catarina da Rússia, usa jóias avaliadas em dois e meio bilhões de cruzeiros antigos.**

★ MARLON BRANDO FAZ UMA PESQUISA SÔBRE A FOME para o Fundo Internacional das Nações Unidas de Ajuda à Infância. Com esta missão, o ator se encontra, no momento, em Bihar, na Índia, região que sofre de constantes sêcas e penúria de alimentos. Seu cachê neste papel" é de um dólar, simbólico.

★ UMA ESCULTURA FAMOSA DE RODIN, **Grande Eve**, que se encontra, com suas demais obras, no museu que leva o nome do artista, em Paris, foi reclamada pela herdeira universal de sua viúva (falecida em 1957). Mas a justiça não lhe deu ganho de causa. A estátua continuará sendo patrimônio público.

★ O RETRATO DE DE GAULLE na capa de um disco, junto ao título **A Vida Secreta de quem Vocês Já Sabem**, garantiu o êxito das vendas dessa gravação, do comediante Henri Tisot. A capa é uma piada: o disco não contém a menor referência ao general. E êste até achou graça.

★ JACK DEMPSEY E ED SULLIVAN receberam, em Nova Iorque, a Medalha de Prata da Cidade de Paris. Trata-se de uma homenagem da municipalidade parisiense ao campeão de boxe que os franceses não esquecem (Dempsey derrotou o francês Carpentier em 1921) e ao produtor de **shows** que promove artistas da França nos EUA.

★ HISTÓRIA EM QUADRINHOS QUE EMPOLGA A FRANÇA: **Astérix**. É um "herói" gaulês, criação de René Gocinny e Uderzo, cujas aventuras, em estilo caricatural, se passam há 900 anos. Seus álbuns já venderam três milhões de exemplares desde 1961 e o mais recente, de 600 mil, esgotou-se numa semana.

★ LIBERADO O FILME **A RELIGIOSA**, baseado no famoso romance de Diderot e cuja interdição pelas autoridades francesas, há um ano, provocou protestos do mundo intelectual. Seu realizador, Jean Rivette, ganhou finalmente um processo que movera contra a censura.

Grace Kelly retorna ao cinema. Mas na qualidade de princesa e num documentário, Grace e o seu Reino, **que o cineasta alemão Michael Pflechar vai rodar para a tevê americana. No ano passado, Gunther Sachs iniciou um projeto semelhante, mas desistiu.**

★ SE HITLER TIVESSE GANHO A GUERRA e arruinado o mundo é o tema que Claude Lelouch, diretor premiado em Cannes em 1966, escolheu para seu próximo filme. Terá o título de **O Último dos Judeus** e, segundo Lelouch, "servirá de advertência contra o racismo, a violência, o fanatismo e a loucura".

★ A TELEVISÃO NÃO CONCORRE TANTO COM O CINEMA, na França, como pretendem os proprietários de salas de projeção, que vêm movendo campanha contra a tevê. Um inquérito feito pelo jornal **Paris-Jour** provou que 85% dos telespectadores preferem ver filmes em cinemas do que em seus receptores.

★ RABANETE CRUZADO COM REPÔLHO DÁ... LIMÃO. Êsse surpreendente resultado foi obtido por cientistas soviéticos dedicados a novas experiências em agricultura. Criaram um legume que, embora semelhante a um rabanete, é suculento como o limão e rico em vitamina C. Mas tem gôsto esquisito.

★ UMA ANÁLISE COMPLETA DA CHINA, através de sua História, vem sendo editada em Paris, sob o título **O Terceiro Gigante**. Trata-se de uma coleção, de autoria de Roger Pelissier. Seu quarto volume saiu agora, contendo depoimentos de Mao Tse-Tung e de Karl Marx quando correspondente do **New York Daily Tribune**.

Os russos terão seis meses de noivado, obrigatórios, para os casais se conhecerem melhor. É uma decisão de sociólogos, que se reuniram para debater o alto índice de divórcios na Rússia. Local do conclave: Vilnia, cidade lituana recordista em separações.

PELOTAS
UM DÍNAMO NO SUL

Pelotas, o maior e mais próspero município do Rio Grande do Sul, logo depois de Pôrto Alegre, prepara-se para nova arrancada em seu progresso, que já o coloca em primeiro lugar em arrecadação tributária entre os municípios gaúchos, excetuada a capital estadual, e em sexto lugar em arrecadação global entre todos os municípios brasileiros, incluindo capitais de estados e territórios. Êste impulso, que levará todo o Sul do estado à rota da industrialização e maior produtividade, firma-se numa infra-estrutura segura, representada pela grande produção agropecuária pelotense, por suas indústrias de transformação, pelos seus recursos abundantes em energia e água, pôrto em dinâmico funcionamento, excelente rêde rodoviária e ferroviária e pela formação técnico-profissional e de nível superior de seus habitantes, de que Pelotas se orgulha.

O município é o centro polarizador da região na produção de arroz, lã, couro, pêssego, carne, leite e muitos outros gêneros, com que abastece o país e o exterior. Sòzinho, Pelotas produz mais pêssegos que todo o restante do Brasil, e a quase totalidade do aspargo consumido no país vem de suas férteis terras.• Além de matadouros de gado vacum, conta com frigorífico de abate de cavalos, cuja carne é totalmente exportada para a Itália, a França, o Japão e outros mercados externos. E para melhor aproveitar a alta produtividade de sua bacia leiteira, o Fundo Internacional de Socorro à Infância (FISI), da ONU, em convênio com o Ministério da Agricultura, incentivou a construção, em Pelotas, de uma fábrica de leite em pó, que já está produzindo 60 mil quilos por dia. Esta produção será adquirida, nestes próximos dez anos, pelo Ministério da Saúde, conforme aquêle convênio, para distribuição às populações necessitadas do país, especialmente as do Nordeste.

Por trás da prosperidade, está a educação. Três mil estudantes cursam as duas universidades municipais — a Universidade Católica Sul-Rio-Grandense de Pelotas e a Universidade Rural; doze mil fazem cursos de nível médio e 30 mil crianças estão nas escolas primárias. E como conseqüência da riqueza, seus 200 mil habitantes desfrutam de vasta rêde de assistência médica e social gratuita, abrangendo proteção à maternidade, à infância, a cegos e excepcionais.

É êste o município que vai liderar no Rio Grande do Sul a nova fase desenvolvimentista do país, realizando, entre outros feitos, um acréscimo de 14.500 quilowatts em sua capacidade energética e o aproveitamento da bacia da lagoa Mirim, limítrofe com o Uruguai, do maior interêsse nacional.

A prefeitura de Pelotas é hoje um exemplo de dinâmica reforma administrativa, empreendida pelo atual prefeito, Edmar Fetter, assessorado pelo IBAM, e que vem servindo de modêlo a muitos outros municípios.

Pelotas se orgulha de sua beleza natural tanto quanto de sua riqueza e seu progresso. Na Praça Coronel Pedro Osório, a população ergueu um pedestal em honra à pelotense Iolanda Pereira, primeira brasileira que foi Miss Universo, em 1930. Ao lado, o suntuoso Clube Comercial refletindo a prosperidade da maior cidade rio-grandense.

DOMINGOS OLIVEIRA, *diretor de* Tôdas as Mulheres do Mundo, *o filme brasileiro de maior sucesso, últimamente, escreve sôbre a atriz que lançou no cinema*

MINHA ESTRÊLA LEILA DINIZ

Para falar de Leila Diniz, minha estrêla em *TÔDAS AS MULHERES DO MUNDO*, é preciso que eu seja desordenado. Que junte impressões. Leila é simples demais para que eu possa compreendê-la a ponto de saber defini-la.

Passaram ao domínio jornalístico minhas relações com ela. Fomos casados, depois nos separamos. Uns dizem que sou apaixonado por ela, ou que ela é apaixonada por mim. Que somos amantes ocultos — até isso já ouvi. Na realidade, o negócio fica no meio disso tudo, complicadamente. Nós mesmos não sabemos explicar.

Estou muito contente pelo que o filme fêz *dentro* de Leila. Conversamos outro dia: "Sabe, Domingos, eu ignorava que era atriz. Mas sabe o que nosso filme me mostrou? Que se eu fôr sincera, se fôr eu mesma, as pessoas gostam de mim! Isto é surpreendente porque, para as pessoas gostarem de mim, eu sempre havia tentado ser diferente. Aí não adiantava, né? Porque mais cedo ou mais tarde a gente cai do tipo. . ."

De vez em quando, ela fica incrìvelmente vaidosa. Já vi Leila diante do espelho (é bem verdade que depois de muitos uísques), dizendo: "Eu sou Leila. Eu sou Lei-la." Mas, de modo geral, não é assim. Costuma dizer que não é bonita, e tem uma dimensão realista do sucesso que obteve.

Leila terá filhos um dia. E como serão lindos! Professôra pré-primária antes de ser atriz, de vez em quando ainda sonha voltar à primeira profissão. As crianças a adoram, sempre. Ela tem com as crianças uma linguagem que nunca consegui entender, mas que as crianças entendem perfeitamente. Um dia, me disse: "Quero muito ter um filho. Mas sem pai. Meu filho, quero que seja sòmente meu."

Música que canto para Leila, quando fico irritado: "Menina, desce daí. . .". E continuamos em côro: ". . .se não você vai cair. . ." Um detalhe: a Diniz é desafinada. Desafina até quando canta *Cidade Maravilhosa*.

Leila é uma de minhas alegrias essenciais. Olhar pra ela é bom, Leila se move bonito. Tenta viver corajosamente, apesar de não admitir os compromissos que não sejam profissionais. Ela me lembra o Goddard de *A Bout de Souffle*, quando pergunta: "Se você tivesse de escolher entre o desespêro e o vazio, qual escolheria? "E responde: "Prefiro o vazio, porque o desespêro ainda é um compromisso." Mas Leila não admite nem o vazio, nem o compromisso. O que significa ser ela jovem, esplêndidamente jovem.

É também uma pessoa muita angustiada, creio. Sòzinha, em sua condição de mulher independente, aceita, em livre-arbítrio, a desvantagem dessa condição. Outro dia, perguntei a ela: "Luska (o apelido vem assim: Leila, Leiluska, Luska), você leva a vida que deseja levar?" A resposta veio rápida e segura, apesar do sorriso amargo: "Levo."

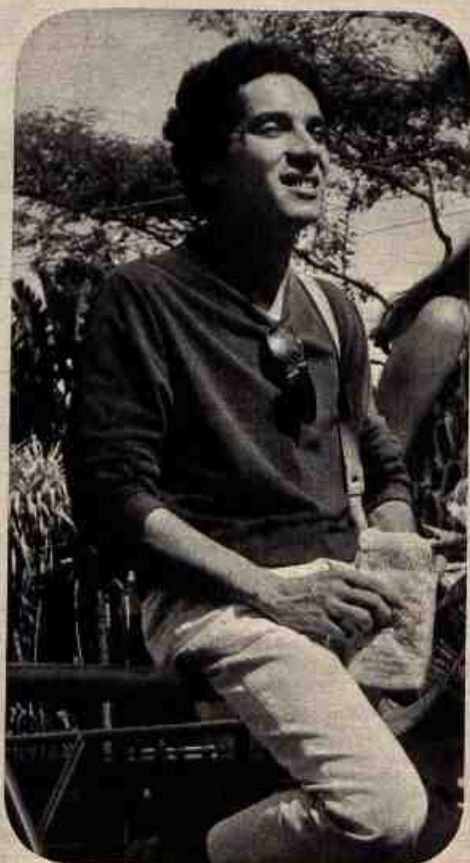
No trabalho é do tipo que "carrega a câmera". Chega na hora, presta atenção, entrega-se ao diretor como se êste fôsse o dono da verdade. E na filmagem de *TÔDAS AS MULHERES DO MUNDO* essa atitude deve ter sido difícil. Nossa relação estava muito complicada. Sentimentos intensos, estranhos à filmagem, cruzavam o ar a cada instante.

A melhor coisa que Leila faz na vida é ir à praia. Na praia ela é realmente fantástica, pela intimidade que essa menina tem com o mar. Leila no mar, os dois são a mesma coisa.

A Diniz tem também outra vocação forte, além das que citei aqui. A saber: é terrìvelmente feminina.

Defeito principal de Leila: não consegue se convencer de que é mulher inteligente. Insiste, do fundo do estômago, em se achar burra. O que é um absurdo. Juro que é um absurdo.

Um pouco má, como tôdas as mulheres do mundo. Penso que, na sua condição de sexo em desvantagem, as mulheres possuem essencialmente uma revolta-raiva do sexo masculino. Brinco com Leila, dizendo: "Cuidado, Luska. Mulher é escravo e todo escravo é maucaráter. . ." Ela ri, concordando.

No iê-iê, manda uma brasa incrível, havendo até quem afirme que ela sòmente se compara à Norma Marinho, nesta nobre atividade.

ÊLE DIZ: "ELA É MINHA EX-ESPÔSA, MINHA ATRIZ PREDILETA, MEU POEMA CINEMATOGRÁFICO, MINHA MELHOR AMIGA. LEILA É FOGO"

HENRIQUE PONGETTI

O "IMORAL"

Parece incrível, mas Boccaccio expia até hoje a culpa de haver sido um crápula nos seus contos, embora incorporado à literatura do mundo como um marco da sua trajetória. "Admiram"-no envergonhados, justamente na sua pátria. É que acontece com o escritor aquilo que acontece com tantos outros de cuja obra se fala muito sem a haver lido. Desconhecendo-lhe o **Decamerone,** ficam os eróticos atribuindo-lhe tôdas as obscenidades que lhes povoam a imaginação malsã. Boccaccio virou um rótulo da inexpressa imoralidade alheia. Quando um dêsses ignorantes finalmente se anima e compra o livro, ou o lê de graça numa biblioteca, cai das nuvens e se retrata cavalheirescamente:

— Perdão, mestre Giovanni, perto das porcarias que andei pensando, você é um autor para exercícios literários de donzelinhas de colégios de freiras. Veja como ruborizaram as minhas faces: sou um grande imundo, coro de vergonha de mim mesmo. Hoje mesmo vou escrever ao Miller do **Trópico de Câncer** dizendo que o crápula é êle, e que você pode perfeitamente ser recebido em casa pelas melhores famílias de hoje. E agora vou confessar-me, que muitos pecados mentais pratiquei, procurando botar nas suas páginas o que você nunca havia escrito, e talvez nem mesmo imaginado. Deus se compadeça de mim...

Em Certaldo, terra do escritor, muitos habitantes de poucas letras mantêm a superstição da diabolicidade de Boccaccio, da sua eterna permanência na mira punitiva de Deus. Argumentam com fatos aparentemente confirmadores. Na Segunda Guerra Mundial, a única bomba que caiu no lugarejo foi explodir na casa bem conservada do maldito. Pelo seu desejo, ninguém mexeria num tijolo, e a deixariam assim para escarmento de outros escribas de pena suja e alma negra.

Mas, há também em Certaldo homens de cultura e de bom-senso, além de hoteleiros que de quando em quando vêem seus hotéis cheios de forasteiros atraídos exclusivamente pelo desejo de ver o lugar onde Boccaccio nasceu. A casa foi reconstruída. O prefeito achou que isso merecia uma cerimônia comemorativa e convidou altas autoridades da província. Dessas que às vêzes por conveniência política comparecem à inauguração de um mictório público ou de um coreto para as retretas da banda local.

Nenhuma deu a cara. Ora, se um católico, membro do Partido Democrata Cristão, ia cair na armadilha, deixar-se pilhar dentro da casa do herege, as solteironas carolas testemunhando atrás das venezianas, com olhos de ver e língua de falar, a hediondez de sua apostasia! Nem mesmo mandaram telegramas de escusas com mêdo de associar-se de qualquer modo, até com uma negativa, ao reconhecimento de que a casa de Boccaccio, posta de pernas para o ar por uma bomba inimiga, havia sido recomposta e reassumido sua função de perpetuar a memória de um desavergonhado.

Agora uma corajosa mulher chamada Carla Zanoni, conhecedora profunda dos textos de Boccaccio e estudiosa da época em que êle viveu e produziu, mandou às favas a burrice, a hipocrisia e o carolismo de muitos certaldeses, de inúmeros italianos, e resolveu servir à glória universal do grande escritor e às finanças do seu lugarejo, de um modo praticíssimo. Pediu aos maiores pintores da Itália um quadro tendo como tema a vida ou a obra do mestre narrador. Ninguém se negou. As solteironas carolas já insinuam que na Terceira Guerra Mundial a primeira bomba de hidrogênio que cair sôbre a Itália cairá sôbre a pinacoteca do escriba do demônio. E se agarram ao rosário. Odientamente.

CLÁUDIO SANTORO, A MU

O compositor, em Berlim, com a espôsa, ex-dançarina de balé. Ela escreve o libreto de sua nova obra.

BERLIM — **Via Varig** — O West-End, em Berlim Ocidental, é um bairro residencial tranqüilo, habitado por gente da classe média. Mas há uma exceção. Trata-se de uma casa de três andares, situada justamente no centro geográfico daquela área, onde vivem estranhos inquilinos: músicos de iê-iê, um professor de canto e o compositor brasileiro Cláudio Santoro. Estamos em face de uma experiência de coexistência pacífica, pouco provável de ser coroada de êxito.

Entretanto, por estranho que seja, essas três categorias de aficionados da música vivem em perfeita harmonia. Santoro, imprensado entre iê-iê e ópera, no segundo andar do edifício, parece querer demonstrar que as relações de boa vizinhança podem ser preservadas, quando são espêssas as paredes.

— Às vêzes, ouço êsses rapazes do iê-iê tocando suas guitarras, tarde da noite, mas não me preocupo — disse o compositor, e acrescentou: — respondo-lhes daqui, fazendo também o meu barulho.

Cláudio Santoro é um homenzinho de 47 anos, cheio de personalidade e dono de um riso espontâneo. Está em Berlim a convite do govêrno da Alemanha Ocidental para "dirigir orquestra, compor... e — como êle próprio o diz — fazer o que bem entender. Isso, sem dúvida, quer dizer fazer música. Santoro pertence à moderna geração de compositores, os quais, fugindo da música formalística e tradicional, mergulharam no mundo dos sons experimentais, através da eletrônica e da instrumentalidade. Êsse artista brasileiro, conceituadíssimo tanto no Hemisfério Ocidental quanto na Europa, sente-se perfeitamente em casa, morando em Berlim. O govêrno alemão proporcionou-lhe um enorme e confortável apartamento, no interior do qual divide seu tempo entre a música e a família. Essa vida, entretanto, significa mais trabalho do que se pensa. A maior parte do dia, Santoro a dispende na elaboração de uma ópera e de um balé-oratório. Mesmo assim, ainda arranja tempo para compor uma peça curta ou mesmo uma canção, se a inspiração assim o exige. Dois exemplos dessa derivação artística — uma canção baseada num poema do Ministro Ribeiro da Costa, ex-presidente do Supremo Tribunal Federal do Brasil, e uma peça ultramodernista que denominou **Impulsos — Meta Antümproviso,** concebida para piano, gaita e ruído de papel rasgado. Sua hora favorita de composição é tarde da noite, quando tudo está relativamente tranqüilo na casa, com sua filha Gisela — dois anos e meio — e Alexandre — apenas um ano — já adormecidos. Santoro desenvolve grande atividade, igualmente, no Instituto Internacional para Estudos de Músicas Comparadas, centro musical internacional, patrocinado pela Funda-

O grande compositor brasileiro e autor da Sinfonia de Brasília *realiza na Alemanha ousadas experiências no campo da harmonia (ou desarmonia) eletrônica*

ÚSICA NO CAOS

ção Ford, pela UNESCO e pela prefeitura de Berlim Ocidental. Desde sua chegada aqui, no mês de novembro último, tem trabalhado para instituir um departamento de música latino-americana no instituto.

— Isso representa um trabalho intenso, esclarece, pois montões de cartas têm que ser enviadas a compositores, a gravadoras, a museus e pràticamente a tôda pessoa que tenha alguma coisa a ver com a música latina, desde o folclore indígena aos modernos compositores. Gisela, espôsa de Santoro, serve-lhe de secretária, já que, além de haver sido dançarina profissional de balé no Brasil, é excelente datilógrafa. O compositor se queixa: "Às vêzes, 20 ou 30 cartas numa semana... e em várias línguas. Isso não deixa de tomar tempo." Independentemente de todo êsse trabalho, Santoro reserva seis horas, por semana, para suas lições de alemão e tem progredido nos estudos, pois já não se embaraça nas complexidades da língua local. Além do alemão, êle fala correntemente português — é claro — espanhol, francês, italiano e, não com muita fluência, inglês.

Durante a entrevista, o telefone tocou. Era um compositor inglês, amigo do casal. Os dois falaram, em francês, misturando frases em português e, quando terminaram, Santoro lamentou-se.

— Às vêzes torna-se tudo tão confuso... compreende? Essas línguas tôdas!

Cláudio Santoro nasceu em Manaus, sendo um dos quinze filhos de um casal, cujo pai era italiano e a mãe brasileira. Estudou violino no Conservatório de Música do Rio de Janeiro e, mais tarde, fêz estudos avançados de composição e de regência em Paris. Na capital francesa, teve como professôra Nádia Boulanger, da qual foram, igualmente, alunos os famosos compositores norte-americanos, Aaron Copland e Roy Harris. Escreveu a sua primeira música — uma pequena composição para violino e piano — aos dezoito anos, quando ainda era estudante. Em fins de 1940, adotou a música nacionalista — período em sua atividade criadora que culminou em 1960, com a sua sétima sinfonia, dedicada a Brasília. Depois disso, ascendeu ao espaço sideral da música — criações modernas, eletrônicas, surrealistas. Sua produção musical inclui oito sinfonias, sete quartetos de corda, diversas sonatas para piano, violino, violoncelo e flauta, sete balés, numerosas canções, composições para conjuntos de câmara, concertos, dois oratórios e uma peça que escreveu há vinte e cinco anos, denominada **Impressões de uma Siderúrgica.**

QUANTO às suas atuais composições — um balé-oratório e uma ópera — Cláudio Santoro esclarece:

— Bem, ambos são muito modernos. Utilizam modulações eletrônicas. O balé-oratório é baseado no poema de Raul Bopp, **Cobra Norato.** Revela elementos de folclore e do sobrenatural, inclusive uma cobra que se transforma num navio. Juntamente com essas criações, estou compondo um "teatro total". Conterá um coral de vozes de diferentes tonalidades, de forma a dar a impressão de areia movediça, e a platéia participará do espetáculo, assobiando. Interrompeu a descrição, apanhou diversas músicas e começou a cantar, animadamente, em português, o curto refrão do coral. Em seguida, apontou sua espôsa, que se achava sentada ao lado e disse: "Ela está escrevendo o libreto e se o trabalho correr como espero, tudo estará concluído em seis meses."

A primeira ópera de Santoro é uma fantasia baseada no livro de um desconhecido escritor alemão do século XIX. Denomina-se: **O Vigia Noturno.** Trata-se de um jôgo de contrastes, entre a escuridão da noite e a claridade do dia. Não está, porém, concluída. "Ainda levarei um ano para completá-la", disse, "mas espero permanecer em Berlim até terminá-la". Um dramaturgo austríaco está escrevendo o libreto.

Indago do compositor como se sentia em face das críticas dos clássicos e dos românticos à sua música, tão moderna. Santoro respondeu com uma demonstração. Apanhou um pente, um copo, um par de tesouras e se aproximou do piano. Colocou todos êsses objetos sôbre as teclas e começou a tocar, então, um galope de acordes espasmódicos — às vêzes suave, às vêzes tempestuoso, mas sempre dissonante. Sùbitamente, com uma das mãos atirou o copo nas cordas do piano. O copo saltou como uma bola de basquete sôbre as cordas, adicionando novas singularidades sonoras à música. E ficou ricocheteando ali, enquanto Santoro percutia as teclas. O compositor em seguida fêz a mesma coisa com as tesouras e com o pente.

— Isto é uma reação contra a música formalística, esclareceu, depois que aquêle bombardeio musical havia cessado. Pode-se denominá-lo "a organização do caos". Dentro das limitações da composição, há necessidade da existência de alguns momentos de criação livre, quando o intérprete pode inventar o que desejar. Minha composição, igualmente, dá sugestões ao intérprete e algumas delas surgem meramente por acaso, como a dança do copo sôbre as cordas.

Santoro não se preocupa se sua música é popular ou não, se chega até as massas ou se fica restrita a uma elite: "Minha arte nasce em meu coração e no meu espírito e nada posso fazer no sentido de que alguém a aprecie ou a deteste." Uma coisa, entretanto, acontece a todos que ouvem Santoro pela primeira vez. Ninguém consegue permanecer reclinado na cadeira e relaxar enquanto êle executa qualquer música. Nem mesmo cantarolar, como se costuma fazer com um tema familiar de Haydn ou Mozart. As criações de Santoro são explosivas — música de imprevisto, com tempestades súbitas e súbitas pausas. Às vêzes, ela se mostra simultâneamente primitiva e matemática.

A música moderna, no mesmo gênero da de Santoro, tem tido boa aceitação — mas de forma alguma qualquer popularidade — na Europa, principalmente na Alemanha. Em 1964, êle regeu a Orquestra Sinfônica da Rádio de Berlim Ocidental, executando sua sétima sinfonia: **Brasília.** "Compus essa sinfonia há quatro anos e obtive o primeiro prêmio num concurso, instituído pelo Ministério da Educação, para a escolha da melhor criação musical dedicada à nova capital", esclareceu Santoro, e prosseguiu com grandes olhos de espanto: "Pode conceber isto? A sinfonia venceu o concurso, mas nunca foi executada... Nunca foi executada, até hoje, no Brasil!"

UM crítico da Alemanha Ocidental, após ter ouvido essa sinfonia, escreveu: "Estamos diante de uma nova mentalidade... que exige atenção e respeito." A Sender Freies Berlin — emissora privada da antiga capital alemã — está planejando irradiar, dentro em breve, um programa dedicado exclusivamente às composições de Santoro. Na próxima primavera, êle deverá executar diversas composições suas em Mannheim e, em setembro, fará uma visita à França, onde se exibirá como regente-convidado. Em outubro, participará de um festival de música ibero-americana, que se realizará em Madri.

A vida de Cláudio Santoro é rica em situações curiosas. Já foi professor, fazendeiro, compositor para filmes e violinista num cassino de jôgo. Sua espôsa, que é jovem e possui cabelos castanhos, disse que o marido tentara administrar uma fazenda de criação e de produção de leite em 1940, a fim de obter algum dinheiro num período de vacas magras. "O arrendamento era muito elevado e Cláudio deixou de se preocupar com o leite, para escrever música", concluiu, sorrindo.

Em 1962, Santoro foi escolhido para criar e dirigir o departamento musical da Universidade de Brasília. Deixou o cargo em 1965, para se dedicar inteiramente às suas composições. "Prefiro fazer o que gosto e, por isso, creio que jamais conseguirei ser rico."

O compositor brasileiro foi convidado para lecionar na Eastman School of Music, em Rochester, no Estado de Nova Iorque, onde, segundo acredita, terá tempo para compor. Outra preocupação de Santoro é a criação dos seus dois filhos, os quais, apesar de pimpolhos, já demonstram admirável vocação artística. E Santoro explica: "Não há dia em que a menina não imite as posturas de bailarina da mãe e, quanto ao menino, transforma a casa num pandemônio, sempre soprando uma gaita."

Texto de MARTIN ZUCKER (da AP, especial para MANCHETE)

Privilégios e regalias cercam a criança soviética, para quem a vida é realmente um paraíso.

URSS AS CRIANÇAS NO PODER

Texto de ***JACOB BAZARIAN*** ***(Doutor em Filosofia pela Academia de Ciências da União Soviética)***

O AUTOR DESTA REPORTAGEM É UM CONCEITUADO INTELECTUAL PAULISTA, FORMADO PELA FACULDADE DE FILOSOFIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO E COM CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO NA SORBONNE. DA FRANÇA, SEGUIU, EM 1949, PARA A UNIÃO SOVIÉTICA, COM O OBJETIVO DE REVER A PÁTRIA DE SEUS PAIS. RADICANDO-SE NA REPÚBLICA DA ARMÊNIA, INTEGRANTE DO BLOCO SOVIÉTICO, O PROFESSOR BAZARIAN CHEGOU A SER ELEITO DEPUTADO, TRANSFERINDO-SE PARA MOSCOU. NA CAPITAL SOVIÉTICA, DEFENDEU A TESE DE DOUTOR EM FILOSOFIA, NO INSTITUTO DE FILOSOFIA DA ACADEMIA DE CIÊNCIAS DA URSS, INICIANDO, ENTÃO, LONGAS VIAGENS ATRAVÉS DE TODO O TERRITÓRIO DO MUNDO COMUNISTA. APÓS 16 ANOS DE AUSÊNCIA, O PROFESSOR BAZARIAN REGRESSOU AO BRASIL, NO ANO PASSADO, E AQUI PRETENDE FIXAR-SE DEFINITIVAMENTE.

Quando ouço qualquer referência ao problema da criança na União Soviética, a primeira imagem que, como uma obsessão, me vem à mente é a de uma grotesca caricatura que vi estampada, cêrca de 30 anos atrás, num jornal brasileiro. Na caricatura em questão, a situação da criança na URSS era assim simbòlicamente apresentada: um homem, em trajes primitivos, levantava um bebê com uma das mãos, segurando-o pelos cabelos, enquanto que com a outra embebia um punhal no corpo da criança, do qual esguichava sangue. Apesar do desenho ser em prêto e branco, a gente como que sentia o sangue rubro gotejar do corpinho mortalmente ferido. Como legenda da caricatura, esta imprecação: "Eis como é o comunismo russo!"

Não sei porque — talvez por ser, então, bastante jovem; ou por ainda ignorar tudo a respeito da Rússia comunista — aquela caricatura me impressionou a ponto de se fixar na minha memória. Sòmente mais tarde, depois de ter lido dezenas de livros a respeito da URSS, é que me livrei da obsessão que a **charge** impiedosa havia entranhado em minha mente. Hoje, quando sei que a caricatura de 30 anos passados nada tem a ver com a realidade soviética no trato com a sua população infantil, espanto-me ao verificar como pôde — e ainda pode — ir tão longe a maldade de uns ou a ignorância de outros.

O nôvo regime em construção na União Soviética tem, como tôda experiência, seu lado positivo e seu lado negativo. Pode-se defender ou condenar êsse regime, em parte ou no todo. É um direito inalienável de cada um. Mas acredito que ninguém mais ousaria apresentar o problema da criança na URSS nos têrmos da caricatura a que me referi. É sabido hoje que, nesse terreno, a URSS conseguiu êxitos inegáveis que já foram de há muito reconhecidos pelo mundo inteiro, inclusive por países notòriamente anticomunistas — como os Estados Unidos, por exemplo. Muitos dêsses êxitos têm, mesmo, servido de modelos para experiências similares noutras nações do mundo, comunistas ou não.

Quinze anos atrás, quando fui residir na Armênia soviética, tive ocasião de conhecer uma nova tradição, paralela à do Armênia de hoje, a criança, e não seus culto aos velhos: o culto da criança. Na pais ou avós, é considerada "o membro mais velho da família" — isto é, o ente mais respeitado na casa, centro de todos os

Os turistas que visitam as grandes cidades da URSS ficam admirados por não ver crianças brincando nas ruas e nas calçadas, como acontece no resto do mundo

cuidados e atenções. Uma prova disso é o fato, comum nas festas armênias, de que o primeiro brinde levantado é sempre à saúde do mais "velho" — ou seja, da criança. E quanto mais tenra é a criança, tanto mais é ela objeto de atenção, respeito e veneração.

Na União Soviética, a criança torna-se o centro de cuidados da família e do Estado desde o dia do seu nascimento. Ou melhor — desde o dia em que é concebida no ventre materno. Vejamos como essa dupla proteção — família-Estado — se manifesta na prática.

Logo que a mulher fica grávida, registra-se no Consultório Feminino mais próximo de sua residência. Êsse consultório (espalhado aos milhares por tôda a URSS) é uma espécie de pequena policlínica só para mulheres e na qual a futura mãe encontra não só orientação médica, mas também orientação jurídica a respeito de seus direitos. Pelo menos uma vez por mês, se a gravidez corre normalmente, ela deve ir ao consultório. Em caso de anormalidade, a assistência do consultório pode ser até diária, sem que isto custe um só rublo à gestante. Como se sabe, na URSS, a assistência médica é inteiramente gratuita.

A mulher grávida goza, na URSS, de várias regalias, a começar pelo direito a férias (pagas) por um período de três meses — um mês antes do parto e dois meses após a **delivrance**. Pelas leis soviéticas, ninguém tem o direito de despedir ou negar trabalho a uma mulher grávida. Se a família da gestante está para receber um nôvo apartamento, as organizações encarregadas do setor habitacional, levando em consideração que a família da futura mãe crescerá de mais uma pessoa, concederá à família uma área complementar, reservada à criança que ainda não nasceu, mas que nascerá e viverá na certa, pois a mortalidade infantil na URSS pràticamente não existe.

Hoje em dia, na Rússia soviética, nenhuma gestante dá a luz em sua casa, mas nas maternidades, espalhadas em grande número nas cidades e no campo. Como já disse, tôda a assistência à parturiente é por conta do Estado, incluindo os medicamentos e operações cirúrgicas. Pode haver até o caso de o Estado (através dos sindicatos) fornecer à gestante um enxoval completo para o recém-nascido, no caso de a futura mãe não dispor de meios para adquiri-lo.

Um mito muito difundido no Ocidente, segundo o qual os pais soviéticos são obrigados a entregar os filhos ao Estado quando êstes se libertam do seio materno, não passa de uma visão deformada da realidade. Se, ao se afirmar isto, subentende-se que o Estado arca com tôdas as despesas, desde o nascimento do nôvo cidadão soviético até o término de seus estudos, a afirmação é correta. Mas é absurdo e falso dizer que os pais são obrigados a colocar seus filhos, logo êstes nasçam, sob a compulsória custódia do Estado. Ao contrário, o Estado, em muitos casos (como veremos adiante) não tem condições de dar tôda assistência de que as crianças necessitam e que os pais desejariam.

Uma série de instituições (tais como organizações governamentais, sindicatos profissionais, emprêsas industriais, cooperativas agrícolas, etc.) mantém nas cidades e no campo uma grande rêde de creches e jardins de infância. Nêles, as crianças russas permanecem de 9 a 12 horas por dia, quando lhes são servidas três refeições. A manutenção dos jardins de infância e creches é, em parte, custeada pelas instituições patrocinadoras, parte pelos pais das crianças, êstes de acôrdo com o salário que percebem (4 a 5%).

Se são poucas as mães que entregam à creche seus filhos nos primeiros anos de vida, em compensação são muitas as que gostariam de entregá-los depois dessa idade, sobretudo as que trabalham fora de casa. Mas, quanto a estas, nem tôdas conseguem seu intento, por falta de vagas nas creches ou mesmo por falta de creches nos locais onde vivem ou trabalham.

Quando, na URSS, a criança completa 4 anos de idade, a grande maioria dos pais procura colocá-la sob a proteção dos jardins de infância, mas nem todos o conseguem. O motivo é o mesmo: a falta de vagas, o que obriga a uma rigorosa seleção entre os concorrentes. A comissão selecionadora escolhe, via de regra, em primeiro lugar e por ordem de preferência, os filhos de mães solteiras, viúvas ou divorciadas, e os filhos de mães que trabalham fora de casa e que não têm ninguém para cuidar das crianças. Só depois dessa seleção, e, se ainda houver vagas, são aceitos os filhos de mães que trabalham em casa ou que, trabalhando fora, têm quem em casa cuide das crianças. O critério, como se vê, não pode ser mais justo. Mas o fato é que a seleção só funciona em teoria; na prática, nem tôdas as mães que trabalham fora de casa conseguem colocar seus filhos na creche ou no jardim de infância, tendo que recorrer à ajuda de uma vizinha, por exemplo, ou de uma pessoa paga para cuidar da criança enquanto seus pais estão ausentes.

Apesar de tôda a extensa rêde escolar oficial, na URSS também existe o problema das vagas.

Também existem espalhados por tôda a imensidão da URSS outros jardins de infância em creches funcionando em regime de internato. Nestes, as crianças permanecem tôda a semana, de segunda a sábado, passando com os pais de sábado à tarde à noite de domingo. Tais estabelecimentos, é óbvio, custam mais caro que os primeiros, e são em número bastante menor. Nêles, a seleção é idêntica à adotada para os demais jardins de infância e creches.

Bem diferente é a situação nas escolas secundárias da URSS. Como se sabe, na União Soviética o ensino secundário é dividido em duas fases: o curso secundário incompleto, que vai do 1.º ao 7.º ano, e o curso secundário completo, que abrange do 8.º ao 10.º ano. Ambos os cursos são também gratuitos, e para êles, pelo fato de sempre haver vaga suficiente para todos, não existe qualquer seleção. A única diferença entre os dois cursos é que o primeiro, até o 7.º ano, é obrigatório, o que não acontece com o segundo. Mas ùltimamente vem ganhando forma a tendência do Estado em tornar obrigatório também o curso secundário completo.

Vejamos agora como funciona, em todos os seus detalhes, o curso secundário completo. O período de aulas dura de 4 a 6 horas. Cada aula tem a duração de 45 minutos, com um intervalo de 10 minutos entre uma e outra e um intervalo maior de 20 minutos, para o lanche. Em geral, as escolas funcionam em dois turnos. O primeiro, no período da manhã, das 8 às 13 horas; o segundo, no período da tarde, das 14 às 19 horas. Em algumas escolas funciona, ainda, o curso noturno. Mas a tendência atual é fazer com que as escolas funcionem num único período — o da manhã. Sem contar, é claro, o curso noturno. Meninos e meninas estudam em conjunto e, freqüentemente, sentam juntos, na mesma carteira, do primeiro ao último ano do curso. A identificação entre os dois sexos é, por isso mesmo, total.

Para a família cujos pais trabalham fora e que não têm ninguém com quem deixar as crianças, vêm sendo criados nos estabelecimentos escolares "grupos de dia prolongado", permitindo, assim, que as crianças, após o término das aulas, almocem na escola por preços módicos, divirtam-se no recreio e, em seguida, façam ali mesmo, sob a orientação dos professôres, os seus deveres escolares. As crianças que integram os "grupos de dia prolongado" só retornam a casa entre 18 e 19 horas, quando seus pais também já voltaram do trabalho. Como o número dêsses "grupos" é ainda pequeno, acontece que milhares de crianças russas permanecem sòzinhas em casa, enquanto seus pais ainda estão trabalhando. Também existem internatos, onde as crianças, como nas escolas do Ocidente, ficam todo o ano, só vindo para casa nas férias. Apesar de pagos pelos pais, o número dêsses estabelecimentos é ainda insuficiente para satisfa-

Os "clubes esportivos" são, na Rússia de hoje, um prolongamento do curso secundário. Nêles, durante o período das férias, os escolares dedicam-se a todos os esportes, inclusive o alpinismo.

zer a procura, cada vez maior. E, finalmente, existem ainda estabelecimentos especializados — tais como as escolas musicais, coreográficas, de línguas estrangeiras (onde se ministram, desde o primeiro ano, cursos intensivos de inglês, francês ou alemão), escolas para crianças excepcionalmente inteligentes ou para crianças retardadas e defeituosas, escolas para órfãos e crianças desamparadas. Com exceção dessas últimas, o ingresso nas demais é voluntário. E algumas delas — como, por exemplo, as escolas de música — são parcialmente pagas pelos pais. Atualmente, na União Soviética, dá-se muita importância à educação musical, bem como ao ensino de línguas estrangeiras.

E como o número de vagas nas escolas especializadas continua aquém do número dos que as procuram, o Ministério de Educação Secundária da URSS vem criando, nos últimos três anos, cursos de música e de línguas nas escolas secundárias comuns, com o fim de atender em parte aos milhares, ou milhões, de pedidos de inscrição.

Focalizemos, agora, o problema educacional soviético no que diz respeito à recreação e à saúde.

Como vimos, a criança na URSS é uma "classe" privilegiada, gozando de muito mais regalias do que o adulto. Vejamos alguns exemplos: os artigos de manufatura (calçados, roupas, etc.) destinados às crianças são relativamente mais baratos que os mesmos artigos destinados aos adultos. Assim, um par de sapatos n.º 36, para menina, no Mundo Infantil (magazine de Moscou), é bem mais barato do que um par de calçado n.º 36, da mesma qualidade e do mesmo modêlo, adquirido numa loja de sapatos para senhoras. A conseqüência disso é que muitas mães vão comprar sapatos para a filha e para elas próprias no Mundo Infantil. E não apenas sapatos, mas também roupa. O material escolar, bem como os brinquedos são também muito baratos.

Em quase tôdas as estações ferroviárias da URSS existe o "quarto da mãe e da criança"; em todos os trens, um "vagão para pais com crianças"; em qualquer tipo de transporte coletivo (bonde, ônibus, etc.), lugares reservados, nas primeiras filas, a "pais com crianças"; e, finalmente, existem em tôdas as cidades soviéticas, grandes e pequenas, uma policlínica e um hospital para crianças.

Os turistas que visitam as grandes cidades da URSS ficam admirados por não ver crianças brincando nas ruas e nas calçadas, como acontece no resto do mundo. É que as crianças estão brincando nos pátios interiores das moradias, especialmente destinados a elas. Quando a prefeitura, em qualquer cidade soviética, constrói um conjunto residencial, guarda obrigatòriamente um amplo espaço, entre os edifícios, reservado ao parque infantil com seus balanços, carrosséis, tobogãs, e mesmo piscinas, que no inverno se transformam em pistas para patinação no gêlo. Alguns conjuntos dispõem até de campos de voleibol e futebol, êste último cada vez mais popular na União Soviética. Nessas áreas, estritamente destinadas à recreação infantil, carros, caminhões e ônibus não têm acesso.

Durante o ano escolar, que na URSS vai de setembro a maio, as crianças freqüentam os círculos esportivos, artísticos, literários, etc., existentes em todos os estabelecimentos escolares bem como nos clubes sindicais. Em muitos dêsses círculos, a freqüência é paga. Minha filha Anita, por exemplo, freqüenta desde os 3 anos uma escolinha de balé e patinação artística que fica próximo à nossa casa; e meu filho Sacha pratica natação numa piscina das vizinhanças. E ambos, atualmente, estudam música em casa. Todos êsses cursinhos, é claro, são pagos — e não custam barato: de 5 a 20 rublos mensais, importância que pesa num salário cuja média na URSS é de 100 rublos por mês.

Um outro aspecto, na educação soviética, que deve ser assinalado, é o que diz respeito à literatura infantil, riquíssima, de autores soviéticos e estrangeiros. Êstes últimos são traduzidos para as línguas nacionais de cada povo da URSS. São enormes as edições dos livros destinados à população infantil, e em tôdas as cidades soviéticas, grandes ou pequenas, existem bibliotecas infantis circulantes, como seções integrantes das bibliotecas públicas. É verdadeiramente impressionante a avidez dos russos pela leitura. Na URSS, lê-se em casa, na rua, nos ônibus e nos trens, nos parques e nas praias, em tôda parte e em tôda hora disponível. Essa fome de leitura explica-se em parte pela ânsia de saber, muito grande no homem soviético, e em parte pela facilidade que se tem em adquirir um livro. O "vício" da leitura, na URSS, começa muito cedo: meu filho Sacha, por exemplo, já tinha lido cêrca de 300 livros infantis quando completou 7 anos de idade. Mas devo avisar que o caso de Sacha não é comum, e que dêle não se deve tirar generalizações apressadas.

O govêrno, o Ministério de Ensino Secundário, os sindicatos e outras organizações mantêm uma extensa rêde de Campos de Pioneiros, casas de repouso e de veraneio (as **datchas**), sanatórios e balneários, todos especificamente destinados a escolares, que os freqüentam nas férias do verão. Mas conseguir vaga nesses estabelecimentos — embora a estada seja em parte paga pelos pais — não é coisa fácil. É que existem na URSS cêrca de 50 milhões de crianças em idade escolar — número muito maior do que as vagas disputadas.

O MUNDO EM MANCHETE

O VÔO INDISCRETO ● No cinema, tudo pode acontecer. E numa filmagem em exteriores, muita coisa mais. Pacìficamente, no alto de uma montanha, James Bond entregava-se a um longo beijo com a japonesinha Mie Hama. Era uma cena do filme **You Only Live Twice,** onde pela primeira vez o agente 007 vai ao Japão e — para surprêsa de todos — morre no minuto final. De repente (as câmaras já estavam rodando) surgiu um helicóptero e entrou em campo. O cinegrafista fêz um gesto e soltou uma palavra mal-humorada, o diretor lamentou o seu belo plano estragado, o produtor-executivo sentiu o prejuízo de alguns metros de película e horários atrasados. Mas a reação de Sean Connery foi a mais expressiva: deixou o beijo pela metade, e arriscou um olhar para o helicóptero. A partir daí, tudo estava perdido, em Kirishima, Japão. Só Mie Hama nada percebeu — e continuou beijando.

BÁRBARA, DE OLHOS VERDES ● Ela veio dos Estados Unidos e desceu, com leveza, no Aeroporto de Heathrow, Londres. Com uma valise cheia de mini-saias, Bárbara Bouchet chegou para fazer o papel central de **The Eliminator,** ao lado do ator Richard Johnson. Antes de embarcar, recebeu um aviso: "Não esconda sua personalidade, a moda na Inglaterra é ser você mesma." Bárbara tremeu um pouco seus belos olhos verdes. Resultado: logo de saída, no aeroporto, viu-se que Bárbara tem bom caráter.

ARGENTINA IÊ-IÊ ● O tango, onde ficou o tango? Agora, na Argentina, só é ouvido, também, o som do iê-iê. O Roberto Carlos de lá, Pablito Ortega, resolveu casar — com a jovem e bela Evangelina Salazar — e a noite de festa deu no que aí está. As fãs de Pablito cercaram o automóvel, pediram o último autógrafo de solteiro e só foram contidas pela polícia. Uma menina loura quase subiu na capota do carro, e ganhou como prêmio um adeus de Pablito. No fim, tôdas choraram — e foram para casa.

QUENTE É MELHOR ● Doris Steinmüller tem 22 anos, ama a vida e os esportes, principalmente quando faz muito frio em sua terra, a Alemanha. Ela chegou na piscina de água quente de Francforte sob um pesado sobretudo: fazia zero grau, num dos mais violentos invernos europeus. Doris sorriu quando soube que, na piscina, a temperatura era de 26 graus centígrados, e disse: "Assim é melhor; posso abrir a temporada de natação e bater alguns recordes." Mergulhou vigorosamente na água, e achou bom. Doris ainda freqüenta a escola, em Wiesbaden — mas já aparece em **shows** de tevê.

UM VESTIDO FANTÁSTICO ● A cantora Shirley Bassey chegou diante da câmara de tevê e perguntou aos telespectadores: "Vocês acham meu vestido **sexy** demais para aparecer num programa noturno?" A resposta unânime foi: "Não." Foi assim que Shirley convenceu os produtores da televisão inglêsa a permitirem sua presença nos estúdios com êsse ousado modêlo, cortado em triângulo e proibido, um mês antes, nos EUA. A cantora não conseguiu aparecer assim nos programas de Andy Williams e Dean Martin porque "estava muito **sexy** para a família americana". Na Inglaterra, tudo foi fácil.

CLAY AUMENTA SUA COLEÇÃO ● Zora Folley se estende na lona, de corpo inteiro, após levar um sôco fantasma de Cassius Clay, no sétimo **round** da luta pelo título mundial dos pesos-pesados, realizada no Madison Square Garden, em Nova Iorque. Ninguém viu Cassius Clay atingir Zora Folley: o direto foi curto, rápido e violento, no estilo que a imprensa norte-americana já apelidou de "murro invisível".

SAMBA PARA INGLÊS VER ● Parece cena de um dos clubes cariocas durante o carnaval. Mas, na verdade, trata-se de um espetáculo do grupo Brasiliana 1967 em Torquay, Inglaterra. A presente temporada britânica do conjunto brasileiro foi iniciada na semana passada, quando a temperatura começou a subir na ilha, com a chegada da primavera. Da Inglaterra o grupo seguirá para outros países, pois o seu propósito, há muitos anos, é o de levar o samba ao mundo e inúmeros de seus componentes têm alcançado popularidade na Europa.

O TEMÍVEL "TEMÍVEL" ● Enquanto os outros discutem a validez da sua **force de frappe,** o Presidente de Gaulle age: para provà-lo aí esta o primeiro submarino atômico francês, batizado **Le Redoutable (O Temível).** O submarino foi lançado ao mar esta semana, conduzindo a bordo o General de Gaulle, em sua primeira viagem oficial dêste ano.

COMO FILMAR UM GALOPE ● Se alguma vez você teve dúvidas sôbre a maneira de filmar corridas a cavalo em histórias de bangue-bangue, aí está a resposta: o ator Cameron Mitchell dispara a cavalo atrás dos bandidos — ou seja, atrás do carro de filmagem. Repare que a equipe de filmagem, no teto do carro, arrisca a vida em grau muito maior que o cavaleiro. A cena é da película **Hombre,** com Paul Newman, fotografada nos campos do Arizona. Segurando a câmara, no carro, está James Wong Howe, um dos mais famosos cinegrafistas de Hollywood. **Hombre** foi dirigido por Martin Ritt e a "mocinha" é Diana Cilento.